PROMOVENDO O BEM ESTAR SOCIAL EM UM CONTEXTO GLOBAL DESAFIADOR

IDIS
Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social

Rockefeller Foundation
Innovation for the Next 100 Years

IDS Institute of Development Studies

the resource alliance

PROMOVENDO O BEM-ESTAR SOCIAL EM UM CONTEXTO GLOBAL DESAFIADOR

Relatório de Síntese

A INICIATIVA BELLAGIO:

O futuro da filantropia e do desenvolvimento em busca do bem-estar humano

Allister McGregor • Danny Burns • Linda Waltman
Noshua Watson • Roger Williamson

2014

IDIS Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social
Rockefeller Foundation Innovation for the Next 100 Years
IDS Institute of Development Studies
the resource alliance

Título original: *Synthesis Report – Promoting Human Wellbeing in a Challenging Global Context*

Os direitos autorais são detidos pelos três parceiros da Iniciativa Bellagio: Institute of Development Studies (IDS), The Resource Alliance e a Fundação Rockefeller.

Copyright © IDIS, 2014
Texto original publicado em Setembro de 2012

Texto de acordo com as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo no 54, de 1995)

Presidente: Marcos Kisil
Diretora Executiva: Paula Jancso Fabiani

Supervisor do Projeto Editorial: João Paulo Vergueiro
Revisão Geral: Celina Yamanaka
Revisão: João Paulo Vergueiro
Tradução: Gustavo Dénes
Capa: de Sign Arte Visual
Projeto Gráfico e Editoração: Linea Editora Ltda.

IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social
Rua Paes Leme, 524, cj. 132 – Pinheiros – 05424-904 – São Paulo-SP
Fone: 11 3037-8212 Fax: 11 3031-9052
comunicacao@idis.org.br
Membro da CAF International Network: construindo modelos sustentáveis de investimento social.

Visite www.idis.org.br e cadastre-se no Boletim InVista Social –
Informação estratégica para quem se interessa e faz Investimento Social

Direitos autorais de propriedade do texto no Brasil do IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. O texto pode ser livremente reproduzido, sem necessidade de solicitação de autorização.

O **IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social foi fundado em 1999** e é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) pioneira no apoio técnico e consultoria ao investidor social no Brasil e América Latina. Facilita o engajamento de pessoas, famílias, empresas e comunidades em ações sociais estratégicas e transformadoras da realidade, contribuindo para a redução das desigualdades sociais no país. Com a missão de apoiar o investimento social privado para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e sustentável, o IDIS atua de duas formas: desenvolvendo ações de promoção da filantropia e atendendo demanda de apoio técnico das empresas, fundações, institutos e indivídos.

O **IDS – *Institute of Development Studies*** é uma instituição global sem fins lucrativos líder em pesquisa, formação e informações sobre o desenvolvimento internacional. Sua visão é de um mundo onde a pobreza não existe, a justiça social prevalece e o crescimento econômico é focado na melhoria do bem-estar social. O IDS acredita que o conhecimento resultante de pesquisa pode conduzir à mudança que deve ocorrer para que essa visão se concretize.

A ***The Resource Alliance*** tem a visão de uma sociedade civil forte e sustentável. Visa atingir este objetivo por meio da construção de capacidades e conhecimento, bem como da promoção de excelência. Para ajudar as organizações a aumentar sua captação de recursos, a *The Resource Alliance* oferece diversos serviços e recursos, incluindo conferências, oficinas internacionais e regionais, cursos reconhecidos como de conteúdo aprofundado sobre captação de recursos e comunicação, treinamentos e tutorias personalizados, pesquisas, publicações, boletins informativos e programas de reconhecimento.

A ***Rockefeller Foundation*** tem a missão de promover o bem-estar social em todo o mundo, mantendo-se inalterada desde sua fundação em 1913. Sua visão é a de que neste século os benefícios da globalização serão mais amplamente compartilhados e os desafios mais facilmente enfrentados. Para concretizar essa visão, a Fundação busca alcançar em seu trabalho duas metas fundamentais:

1. Criar resiliência para aumentar a capacidade individual, comunitária e institucional de sobrevivência, adaptação e crescimento diante de crises severas e estresse crônico.
2. Promover crescimento com equidade, de modo que pessoas pobres e vulneráveis tenham mais acesso a oportunidades que melhorem suas vidas.

Com o fim de alcançar essas metas, a Fundação proporciona muito de seu apoio por meio de iniciativas com prazo e objetivos determinados e estratégias de impacto definidas.

Sumário

Prefácio 8

Sumário executivo 12
O impulso para a Iniciativa Bellagio 13
Bem-Estar Humano: um conceito universal 14
O escopo da Iniciativa Bellagio 15
Os componentes do processo 16
Principais conclusões 17
Principais áreas para operacionalização 19

Introdução 21
Contexto 21
O foco no bem-estar humano 23
A elaboração da Iniciativa Bellagio 25
Bem-estar e desenvolvimento internacional: cacofonia ou nova discussão? 29
Um conceito social de bem-estar humano 31
O escopo dos desafios e oportunidades 35
A Iniciativa Bellagio 39

Os Estudos Encomendados 43
Introdução 43
"Escassez de Recursos, Bem-Estar e Desenvolvimento" 44
"Valores e bem-estar humano" 46
"O Papel e Limites da Filantropia" 50

"Avaliando a Filantropia do Desenvolvimento em um Mundo em Mudança" 54
"Pobreza em países de renda média" 58
"Assistência para o Bem-Estar" 61
"Filantropia Corporativa e a Agenda de 'Educação para Todos'" 64
Os Estudos Encomendados às Filantropias 69
Futuros desafios à filantropia 73
Resumo e principais argumentos dos Estudos Encomendados 75

Os Colóquios Globais 78
Introdução 78
Um resumo das discussões dos colóquios 80
Urbanização: Nova Délhi, Índia 80
"Viver em movimento": Kinna, Quênia 81
"Liberdade e Bem-Estar": Cairo, Egito 82
"Sustentabilidade e Crescimento": São Paulo, Brasil 84
"Governança e Regulação Globais": Londres, Reino Unido 86
"A Economia Inclusiva": Colóquio Virtual 88
"Novas tecnologias de informação e comunicação": colóquio virtual 91
"Os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul): países de crescimento rápido e em desenvolvimento recente": Nova Délhi, Índia 93
"Países de Renda Média": Budapeste, Hungria 95
"Mercados Emergentes": Accra, Gana 97
"Organizações Não-Governamentais Internacionais Multi-Mercado": Amsterdã, Países Baixos 99
Resumo e principais argumentos dos Colóquios Globais 102
Desconexões: desenvolvimento e pessoas 102
Engajando com jovens 103

Fortalecendo a Sociedade Civil 103
Elaborando sobre forças existentes 106
Principais questões de desenvolvimento que requerem maior atenção 106
Governança 109
Crescimento e desenvolvimento: para quem? 110
O papel da filantropia 112

A Cúpula Bellagio 114
Introdução 114
O "ecossistema" do desenvolvimento e filantropia em evolução 118
Mapeando o ecossistema 119
Seis potenciais áreas de intervenção e mudança 122
Poder, política e valores 125
Dimensionando ideias inovadoras 133
Administrando riscos 141
Questões financeiras 149
Confiança 157
Capacitação 162
Resumo dos principais argumentos da Cúpula Bellagio 167

Conclusão 172
Elaborando uma descrição: um ecossistema mais complexo e diverso dos esforços em desenvolvimento internacional 173
Identificando os maiores desafios e oportunidades da proteção e da promoção do bem-estar humano em escala global no século XXI 179
Operacionalizando envolvimento estratégico de desafios e oportunidades 187

Mudar o que e como medimos (efeitos e impactos de gestão) .. 187
Mudança da agenda de gestão (novas questões, novas políticas e novas prioridades) 188
Mudar o pensamento (encorajar mudanças de paradigmas) 191
Mudar como fazemos as coisas (reformas organizacionais e institucionais) 193
Mudar quem faz as coisas 201

Apêndice 1: Outras perspectivas em desafios globais ... 207
Quais são os desafios? 207
Quem pode e deve agir na solução dos desafios? 219

Apêndice 2: Memorando da Iniciativa Bellagio, Dezembro de 2011 222
Contexto 222
Principais mensagens 222
Compromissos de ação emergentes 227
Por uma Estrutura para Ação em Bem-estar 229
Conclusão 230

Bibliografia 231

Prefácio

A filantropia nos países de língua portuguesa se defronta com duas realidades: sua origem comum, e o desconhecimento que existe no mundo sobre o que ela representa para as diferentes sociedades onde está inserida. Isto acontece porque, embora a língua portuguesa seja a sexta mais falada no globo, e a terceira no ocidente (http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_Portugu%C3%AAs-%C3%A9-a-sexta-l%C3%ADngua-mais-falada-no-mundo_17645.html?page=0), ele é o idioma oficial em apenas 8 países, e 80% das 244 milhões de pessoas que o dominam se concentram em um único país, o Brasil. Como resultado, o português não tem um caráter de idioma global, ao contrário do inglês, e documentos, estudos, teses, e livros são produzidos, divulgados e consumidos por um público restrito, levando a um distanciamento do conhecimento que é gerado e divulgado em português daquele em inglês, tornando-o restrito e isolado.

A filantropia na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) tem a mesma raiz – a colonização portuguesa – e contou com um mesmo modelo de atuação, as instituições de misericórdia, onde as mais conhecidas são as Santas Casas que atuam na assistência médico-hospitalar.

As instituições de misericórdia se caracterizaram como iniciativas de cidadãos, portanto da sociedade civil, e que buscavam minorar as condições adversas da vida dos que necessitavam comer, ter uma roupa, um abrigo, e também ter um conforto espiritual. Neste sentido adquiriram um caráter assistencialista, em que garantir as necessidades básicas de sobrevivência tornou-se a missão da organização. Assim, o assistencialismo contribuiu para que a filantropia

se tornasse elemento importante para a manutenção do *status quo* do beneficiado. E esta influencia foi tão grande que a própria palavra filantropia passou a ter o significado de caridade.

Em outras partes do mundo, especialmente com o surgimento da filantropia institucionalizada nos países de língua inglesa, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra, ocorreu uma importante transformação no significado e na ação filantrópica. O foco passou a ser a necessidade de enfrentar os problemas sócio/ambientais/culturais de maneira que transformasse a qualidade de vida dos beneficiados. A filantropia passou a buscar mais intensivamente a mudança social para que se tornasse justa e sustentável. E, assim, a filantropia passou a se aproximar das questões do desenvolvimento, buscando gerar modelos de ação que estimulassem a adoção de políticas públicas que beneficiassem toda a sociedade.

Este entendimento – como a filantropia era vista nos países de colonização portuguesa – motivou a adoção de um novo conceito na língua: *investimento social privado.* Investimento social privado representa o repasse voluntário de recursos privados de forma **planejada,monitorada** e **sistemática** para projetos sociais, ambientais e culturais de interesse público.Incluem-se neste universo as ações sociais protagonizadas por empresas, fundações e institutos de origem empresarial ou instituídos por famílias, comunidades ou indivíduos.

Os elementos fundamentais – intrínsecos ao conceito de investimento social privado – que diferenciam essa prática das ações assistencialistas são:

- preocupação com planejamento, monitoramento e avaliação dos projetos;
- estratégia voltada para resultados sustentáveis de impacto e transformação social;
- envolvimento da comunidade no desenvolvimento da ação.

Mais recentemente a Fundação Rockfeller tomou a decisão de apoiar um programa conhecido como ***Bellagio Initiative***. Sua motivação pode ser encontrada nos avanços que se descortinam para o século XXI, criando novos desafios para o desenvolvimento internacional, impactado consideravelmente pelas crises financeiras de 2008 e 2009.

Em todo o mundo, diferentes sociedades e países enfrentam desafios com a escassez de alimentos, a negligência no atendimento das doenças transmissíveis, mudanças climáticas, rápida urbanização, degradação da democracia, ausência crescente de oportunidades para educação e empregabilidade dos jovens. Todos estes problemas contribuem para um cenário sombrio para o desenvolvimento global, e particular, de cada sociedade.

Ao mesmo tempo, há novas oportunidades para aumentar a eficácia da política de desenvolvimento. O elenco de organizações que operam na intersecção entre investimento social privado e desenvolvimento está aumentando. Isto cria novas ideias, novas abordagens e novos valores para o desenvolvimento. Traz conhecimentos e práticas que necessitam ser conhecidas, debatidas, utilizadas.

E, é este debate que foi propiciado pela ***Bellagio Initiative***. Em 2011, durante um período de seis meses, uma série de eventos coletou informações, conhecimentos e experiências de um grupo diverso de políticos, acadêmicos, líderes de opinião, empreendedores sociais, ativistas,doadores e profissionais de mais de 30 países. Seu objetivo foi gerar debates e estimular o pensamento inovador sobre como entidades filantrópicas ou de investimento social privado e organizações governamentais e multilaterais internacionais de desenvolvimento poderiam desenvolver um esforço para avançar em conjunto na promoção de um desenvolvimento que garanta o bem estar humano no século XXI de maneira justa e sustentável.

Com o apoio da Fundação Rockfeller, o IDIS se sente comprazido em colocar os materiais gerados pela ***Bellagio Initiative*** em português para que sejam conhecidos na CPLP. Esperamos que seja uma contribuição que ajude as nossas sociedades a participar e contribuir com este debate global.

Marcos Kisil
Presidente, IDIS

Sumário executivo

Esse relatório proporciona uma análise de reflexões oferecidas pela Iniciativa Bellagio, um processo deliberativo global implementado pelo *Institute of Development Studies*, pela *The Resource Alliance* e pela *Rockefeller Foundation* durante um período de seis meses em 2011.

A Iniciativa Bellagio foi um processo de deliberação sobre como enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades de proteção e promoção do bem-estar humano no século 21. Essa iniciativa foi composta por uma série de eventos globais que engajou diversos agentes, acadêmicos e profissionais de desenvolvimento internacional e filantropia.

A Iniciativa Bellagio teve três componentes:

1. Uma série de **Estudos Encomendados** que exploraram os principais desafios e oportunidades das organizações filantrópicas e de desenvolvimento internacional.
2. **Colóquios Globais**, prestigiados por um amplo espectro de participantes de diversos lugares do mundo.
3. Uma **Cúpula** de duas semanas no centro de conferências da *Rockefeller Foundation* em Bellagio, Itália, em novembro de 2011.

Esse relatório examina e analisa as principais mensagens dos três componentes para então proporcionar em sua conclusão uma síntese das constatações e recomendações mais importantes.

O impulso para a Iniciativa Bellagio

Os desafios enfrentados pelos especialistas em desenvolvimento internacional estão evoluindo. O mesmo vale para o elenco de organizações que atuam na interseção da filantropia com o desenvolvimento internacional. As crises globais financeira, alimentar e de combustíveis em 2009 trouxeram o estímulo para repensar políticas e práticas de desenvolvimento. Simultaneamente, um novo e diverso conjunto de organizações e indivíduos emerge em ambos os lados norte e sul do globo para abordar e desafiar os *players* tradicionais de desenvolvimento internacional.

A Iniciativa Bellagio foi formulada como um processo que promoveria debates sobre como melhorar esse novo engajamento e tornar os esforços em desenvolvimento internacional mais eficazes na promoção do bem-estar humano. A Iniciativa começou com três propósitos distintos:

1. Elaborar um relato do cenário em mudança de agentes e recursos envolvidos e relevantes para o desenvolvimento internacional e os esforços filantrópicos de proteção e promoção do bem-estar humano.
2. Identificar os maiores desafios da proteção e promoção do bem-estar humano em uma escala global no século XXI e revelar quais novas oportunidades e inovações estão surgindo em seu apoio.
3. Desenvolver uma explicação de como os resultados da deliberação podem ser usados por organizações filantrópicas e de desenvolvimento internacional para operacionalizar a abordagem estratégica desses novos desafios e oportunidades.

Em 2008, o então presidente Nicolas Sarkozy lançou um dos exercícios de reflexão mais influentes dos últimos anos. A Comissão para Mensuração de Desenvolvimento Econômico e Progresso Social concluiu com um apelo ao deslocamento de ênfase na mensuração de desenvolvimento em termos de produção econômica para termos de bem-estar humano. O relatório proporciona uma profunda crítica ao paradigma vigente de desenvolvimento internacional e os desafios com os quais conclui que foram tomados como ponto de partida para o debate nacional e internacional.

Bem-Estar Humano: um conceito universal

O bem-estar humano está, surpreendentemente, ganhando proeminência como foco para políticas públicas em uma série de países, tanto desenvolvidos quanto em desenvolvimento. O sistema de Felicidade Interna Bruta (FIB) do Butão é talvez um exemplo, mas o bem-estar também está sendo incorporado em questões relacionadas a políticas públicas na Tailândia e no Japão, nos programas do *Buen Vivir* da América Latina e nos esforços de políticas sociais do Reino Unido, Canadá e Austrália. Ele ainda tem espaço a conquistar junto às principais correntes de desenvolvimento internacional e um desafio fundamental nessa esfera encontra-se no movimento para além de seu atual papel retórico para o estado de um quadro conceitual que proporciona respostas práticas a problemas reais.

A Iniciativa Bellagio utilizou uma conceitualização particular de bem-estar para estruturar a discussão. Essa abordagem o vê como um conceito universal que então deve ser compreendido tomando diferentes formas específicas para pessoas diferentes em diversos contextos sociais e culturais. A abordagem particular também enfa-

tiza a natureza social do bem-estar que é produzido através de relações com outros. Essa abordagem orientou o modelo da Iniciativa Bellagio como um processo de deliberação uma vez que implica no reconhecimento de uma pluralidade de noções de bem-estar e das posições de valor que o sustentam. Uma vez que essas posições de valor por vezes serão incomensuráveis e levarão à disputa entre demandas, os desafios para o desenvolvimento no século XXI serão revelados como profundamente políticos, nos quais relações de governança são essenciais. Em muitos aspectos, e como reiterado durante toda da Iniciativa Bellagio, o desafio real para o desenvolvimento global no século XXI não é só permitir pessoas a viver bem, mas nos permitir viver bem juntos.

O escopo da Iniciativa Bellagio

A última década testemunhou muitos debates e publicações sobre o futuro do desenvolvimento internacional. Em uma tentativa de situar a Iniciativa Bellagio nesse contexto, usamos três questões conceitualizadoras, que orientaram as discussões nos Estudos Encomendados e nos Colóquios Globais. As questões foram:

- Quais são os desafios ao bem-estar humano?
- Como esses desafios podem ser solucionados?
- Quem pode e deve agir na resolução desses desafios?

A Iniciativa reuniu participantes de mais de 30 países de todas as partes do mundo: representantes de comunidades, grupos locais, líderes, ativistas políticos, organizações filantrópicas, gestores governamentais, profissionais da área de desenvolvimento, acadêmicos,

representantes do setor privado, altos funcionários de organizações internacionais e jornalistas. Através de blogs, *Twitter* e transmissão ao vivo em rede, o processo deliberativo envolveu mais de 1000 indivíduos ao redor do globo.

Os componentes do processo

Os Estudos Encomendados e os Colóquios Globais abordaram diversas das que são entendidas como as principais ameaças ao bem-estar humano, incluindo: a nova distribuição da pobreza, escassez de recursos, mudança climática e sustentabilidade, colapso democrático, ascensão de valores materialistas, urbanização acelerada e crescentes níveis de mobilidade na busca de meios de vida e segurança.

O Propósito dos Estudos Encomendados foi o de trazer um relato atualizado da questão e a análise de especialistas do processo deliberativo. Os estudos proporcionaram uma avaliação crítica de prognósticos e ponderou que as relações precisam mudar para que os desafios futuros sejam solucionados.

Tal como os Estudos Encomendados, os Colóquios Globais foram concebidos para proporcionar compreensão e informação adicionais à Iniciativa Bellagio. Seus alcances geográficos foram consideráveis, incluindo encontros na Índia, Brasil, Egito, Gana e Hungria. Cada Colóquio Global explorou uma questão ou problema específico, vistos de maneira particular sob a luz do conceito de "bem-estar humano". Os participantes foram convidados de regiões adjacentes de modo a incluir uma boa diversidade de vozes, com o propósito de engajar especialistas intelectuais e 'especialistas situados' – isto é, pessoas conectadas pessoalmente ou profissionalmente às ques-

tões. Os encontros foram conduzidos de modo especial para encorajar o diálogo mais do que levar ao consenso.

A Cúpula Bellagio representou o ápice das atividades da Iniciativa Bellagio. Através de sessões participativas e palestras norteadoras, buscou-se envolver um grupo de profissionais de desenvolvimento internacional, líderes de opinião, empreendedores sociais, doadores e filantropos, escolhidos por sua capacidade conjunta de avançar o pensamento sobre o futuro do desenvolvimento internacional e o papel da filantropia. A Cúpula consistiu em um novo tipo de colaboração, em que os agentes saíram de suas zonas de conforto para debater com outros, com os quais tiveram contatos profissionais prévios.

Principais conclusões

A Iniciativa Bellagio começou a constituir uma imagem de um novo ecossistema de desenvolvimento internacional e filantropia. Ela realçou a complexidade das mudanças em andamento no mundo, as quais incluíram a ascensão política e econômica do G20 sobre as nações do G8 como o fórum principal e a emergência dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A Iniciativa refletiu sobre o crescente envolvimento de uma cidadania global mais difusa que reivindica tornar-se parte integral dos esforços de desenvolvimento e que cada vez mais recorre à internet e a novas tecnologias para se expressar. Ela também mostrou como novas filantropias são comumente encontradas em diferentes culturas, religiões e ideologias; e como novos doadores estão trazendo aos esforços de desenvolvimento diferentes histórias, pontos de vista e abordagens.

Esses fatores indicam uma abertura no debate sobre o futuro do desenvolvimento internacional. Essa abertura oferece uma oportunidade de incluir sistematicamente vozes de pessoas com uma gama mais abrangente de identidades, que até agora estiveram à margem dos atuais debates da gestão do desenvolvimento. A Iniciativa enfatiza a necessidade de uma estratégia de ação multinivelada, com mudanças desde o nível sistemático, passando pelo organizacional até o individual. Conforme nossa compreensão desse novo ecossistema se desdobra, ela deve reter como ponto focal os seres humanos que os esforços de desenvolvimento visam beneficiar.

As discussões durante o processo da Bellagio revelaram numerosas críticas à atual ortodoxia do desenvolvimento internacional, que incluíram: sua relutância a incorporar diferentes posições de valor; o fato de que importantes relações dentro do atual sistema são por ora disfuncionais, interrompidas ou ineficazes; que resultados restritos e o modelo de gestão atrelado a resultados podem constituir uma ameaça à diversidade de abordagens que será necessária para se enfrentar os desafios; que a abordagem tecnocrática/especialista fomenta desconfiança de organizações "remotas" e solapou a confiança em governança de uma maneira geral; e que organizações e filantropos falharam em assumir os níveis de risco e incerteza necessários para induzir mudanças que poderiam atender às necessidades das populações mundiais mais marginalizadas.

Apesar dessa situação pessimista e complexa, as deliberações da Iniciativa Bellagio sugerem esperanças de que os desafios sejam resolvidos são fundamentadas. Quatro tipos de inovações foram exploradas como tendo potencial para enfrentar as ameaças ao bem-estar humano: inovação tecnológica; inovação organizacional; inovação financeira; e inovação social.

Enquanto a Iniciativa proporcionou um rico material, ela também reconheceu que gestores precisam agora de recomendações para agir. Ela incitou uma dupla abordagem de reflexão profunda e ação urgente, ambas de maneira a incluir grupos e valores atualmente marginalizados pelo pensamento e práticas vigentes.

Principais áreas para operacionalização

- Investir em novas ideias sobre o que é e o que deveria ser o desenvolvimento e disseminar essas ideias para uma audiência mais ampla, tendo em mente a construção de um novo **paradigma de desenvolvimento centrado nos seres humanos,** em propriedade de valores e posições geográficas mais variadas.
- Continuar usando o impulso do processo Bellagio para mudar as prioridades da gestão de desenvolvimento, incluindo o movimento em direção a **políticas que dialoguem com o que as pessoas demandam e precisam.**
- Suplementar as métricas de progresso do desenvolvimento existentes com novas **métricas centradas no ser humano.**
- **Melhorar o nível de comunicação entre desenvolvimento internacional e esforços filantrópicos.** Isso requererá acordos mais específicos e compreensão sobre os princípios do trabalho conjunto para o bem comum, compartilhamento de aprendizado e o uso de indicadores e medidas em comum.
- Descobrir ou **redescobrir a vantagem comparativa de várias organizações,** reconhecendo que nenhuma organização é capaz de fazer tudo sozinha e que cada uma pode estar em posição melhor para contribuir de uma maneira específica.

- Fazer melhor uso de parcerias no esforço de desenvolvimento, tanto horizontal quanto verticalmente com entidades da base. Para que isso funcione efetivamente, deve haver **respeito mútuo, confiança, transparência e prestação de contas (*accountability*).**
- Constituir um ecossistema de organizações para identificar, fomentar e **expandir o alcance de inovações em prol do bem-estar**, muitas das quais estão enfrentando dificuldades sem apoio adequado em momentos críticos.
- **Elaborar uma abordagem mais sofisticada para balancear riscos e oportunidades,** de maneira a promover mais aceleradamente inovações em prol do bem-estar.
- Cogitar **os valores humanos propagados pelas políticas e práticas desenvolvimentistas** e se eles são necessariamente benéficos ao bem-estar individual ou aos prospectos de se encontrar maneiras de viver bem juntos diante de ameaças.
- Buscar maior **democratização dos esforços desenvolvimentistas.** Cidadãos e, particularmente, pessoas em posições marginalizadas, precisam adquirir mais voz e serem capazes de levar organizações de desenvolvimento a prestarem contas – reconhecendo o tempo todo que não são todos que têm tudo que querem e que deve existir um *trade-off* entre demandas e reinvindicações concorrentes.

Introdução

Este relatório proporciona uma análise da Iniciativa Bellagio implementada pelo *Institute of Development Studies*, *The Resource Alliance* e a *Rockefeller Foundation* durante um período de seis meses em 2011. A Iniciativa Bellagio foi um processo deliberativo global. Ela consistiu em uma série de eventos que envolveu uma ampla gama de gestores, acadêmicos e profissionais dos mundos de desenvolvimento internacional e filantropia para pensar sobre o futuro do desenvolvimento internacional. O enfoque específico foram os desafios e oportunidades para a proteção e promoção do bem-estar humano no século XXI. A Iniciativa foi suportada por uma série de Estudos Encomendados que exploraram os principais desafios ao desenvolvimento internacional e à filantropia. Ela envolveu um amplo espectro de participantes em Colóquios Globais e culminou em uma série de oficinas rotativas ao longo de duas semanas no centro de convenções da *Rockefeller Foundation* em Bellagio, Itália, em novembro de 2011. Este relatório sintetiza as constatações oferecidas pelos três componentes da Bellagio Iniciativa, refletindo e destilando as contribuições de vozes muito diversas na deliberação.

Contexto

No começo de 2011, a *Rockefeller Foundation* lançou um chamado para "... o desenvolvimento de uma discussão inovadora de múltiplos *stakeholders* em seu Centro Bellagio, reunindo os principais *players* de comunidades mundiais de desenvolvimento internacional e filan-

tropia, com o fim de proporcionar apoio considerável no desenvolvimento de análise profunda e robusta sobre a área...".

À medida que adentramos o século XXI, os desafios com os quais os gestores do desenvolvimento internacional se deparam estão evoluindo, assim como as organizações que operam na intersecção entre filantropia e desenvolvimento internacional. As crises globais financeira, alimentar e de combustíveis de 2009 forneceram um estímulo à reconsideração das políticas e práticas do desenvolvimento internacional. Também representaram um plano de fundo sombrio para debates sobre o futuro do desenvolvimento mundial, mas ao mesmo tempo há novas oportunidades para os esforços de gestão de desenvolvimento mais eficientes (Haddad, Hossain McGregor e Mehta 2011). Essas oportunidades apresentam-se de diferentes formas, incluindo avanços tecnológicos, novo pensamento e novos agentes com novas ideias trabalhando no palco do desenvolvimento. No setor filantrópico, um grupo robusto e variado de organizações emergentes e indivíduos de ambos o sul e norte globais começaram a se envolver significativamente com *players* tradicionais do desenvolvimento internacional: ora colaborativamente, ora desafiando as abordagens de desenvolvimento existentes.

Quando consideradas conjuntamente, essas mudanças requerem uma pausa para reflexão por parte de organizações tanto de desenvolvimento internacional quanto filantrópicas. É necessário que se compreenda o que está ocorrendo no desenvolvimento mundial, o que precisa mudar para que os esforços de desenvolvimento global tornem-se mais eficientes na promoção do desenvolvimento e na redução de mazelas e danos que continuam a prejudicar seu progresso. A Iniciativa Bellagio foi concebida como um modo de catalisar discussões sobre como organizações da sociedade civil

tradicionais e novas organizações podem contribuir para impulsionar o desenvolvimento internacional neste momento.

A Iniciativa Bellagio teve início com três propósitos distintos:

1. Elaborar um relato do cenário em mudança de agentes e recursos envolvidos e relevantes para os esforços do desenvolvimento internacional e filantrópicos na proteção e promoção do bem-estar humano.
2. Identificar os principais desafios à proteção e promoção do bem-estar humano em uma escala mundial do século XXI e descobrir que novas oportunidades e inovações estão surgindo em seu apoio.
3. Desenvolver uma explicação sobre como os resultados da deliberação podem ser empregados por organizações filantrópicas e de desenvolvimento internacional na operacionalização estratégica de sua abordagem a esses desafios e oportunidades.

O foco no bem-estar humano

Um princípio distintivo da organização da Iniciativa foi o foco na promoção e proteção do bem-estar humano como uma maneira de diferenciar essa discussão de outras que debateram o futuro do desenvolvimento internacional e do cenário mundial. Todas essas outras publicações e processos de reflexão proporcionaram ideias valiosas e várias das principais contribuições principais foram revisadas em um apêndice no fim deste relatório. Mas houve razões específicas pelas quais o bem-estar humano deveria estar no âmago dessa deliberação: é central à missão do *Institute of Development Studies* buscar o apoio aos esforços de desenvolvimento que melho-

rem o bem-estar humano (nem todos os esforços são assim); e 'a promoção do bem-estar da humanidade' foi um princípio fundamental da missão da *Rockefeller Foundation* na sua formação em 1913.

Um recente artigo para a *Friedrich Ebert Foundation* observa que o atual debate acerca da mensuração do progresso e do bem-estar está rapidamente ganhando importância mundo afora. Esforços com esse fim tem o potencial de acarretar uma mudança paradigmática do que a sociedade considera como progresso e como, consequentemente, nós daremos forma com a maneira em que vivemos juntos (Kroll 2011a: resumo). O valor potencial de se focar o bem-estar humano como maneira de repensar a política e prática em gestão de desenvolvimento internacional já recebeu atenção considerável (veja como exemplos a edição especial sobre bem-estar humano da *Global Social Policy* de 2004; Keny 2005; McGregor e Summer 2010).

Um dos exercícios reflexivos mais significativos e precursores dos últimos anos foi a Comissão acerca da Mensuração de Desenvolvimento Econômico e Progresso Social, lançada em 2008 pelo então presidente francês Nicolas Sarkozy. Ela reuniu contribuições de alguns dos pensadores mais proeminentes das ciências sociais e elaborou a cobertura de algumas das opiniões mais confrontadoras e progressivas sobre gestão política e social. O Relatório Final da Comissão (desde então conhecido como o Relatório da *Sarkozy Comission* – ou SCR[1]) foi concluído com a recomendação de que deve haver uma "... mudança de ênfase de mensuração de produção econômica para mensuração do bem-estar de pessoas" (SCR 2009:12)[2].

1. *Sarkozy Commission Report*, em inglês.

2. Comissão acerca da Mensuração de Desenvolvimento Econômico e Progresso Social www.stiglitz-sen-sitoussi.fr/e/index.htm

Essa é uma colocação profunda cujo alcance vai bem além daquele que pede por novas métricas e técnicas de mensuração; ela implica em uma crítica fundamental ao paradigma vigente do desenvolvimento internacional.

O *Sarkozy Commission Report* identificou quatro tipos de público-alvo para suas mensagens: líderes políticos, gestores, acadêmicos e ativistas da sociedade civil. O relatório é concluído afirmando que avalia que os desafios trazidos pelo relatório não são o fim da discussão, mas um ponto de partida para iniciativas nacionais e mundiais e debates sobre "... valores societários, com os quais nós, enquanto sociedade, nos preocupamos e se estamos de fato lutando pelo o que importa" (SCR 2011: 18). Essa opção de um desafio profundo e excitante para pensadores e gestores de desenvolvimento foi o ponto de partida para a elaboração da Iniciativa Bellagio.

A elaboração da Iniciativa Bellagio

Desenvolvimento é definido como avanços de bem-estar humano. Essa é uma posição que já há tempos é compreendida, mas por vezes também esquecida. A Declaração das Nações Unidas sobre o Direito ao Desenvolvimento (1986) começa por reconhecer:

> ... que desenvolvimento é um processo econômico, social, cultural e político abrangente que almeja constantes melhorias no bem-estar da população inteira e de todos os indivíduos baseado em sua participação ativa, livre e significativa no desenvolvimento e justa distribuição de benefícios daí resultantes. (ONU 1986:1)[3]

3. Para a íntegra, ver www2.ohchr.org/english/law/rtd.htm

À medida que adentramos o século XXI, somos testemunhas de difundidas e crescentes ameaças ao bem-estar humano, trazidas por crises econômicas, condições climáticas em deterioração, ou conflitos e instabilidade política. Tudo isso tem levado a comunidade internacional a se perguntar se somos testemunhas de "desenvolvimento" e também sobre se as agências profissionais de desenvolvimento, cujos negócios dedicam-se à promoção de desenvolvimento mundial, são tão eficazes quanto deveriam ser na proteção e promoção do bem-estar humano.

Mas o desafio real é mover-se de um uso retórico do termo bem-estar para seu emprego de modo que resulte em respostas práticas relevantes à gestão. Ao longo da última década, houve progresso considerável no detalhamento conceitual e metodológico de abordagens de bem-estar humano e a Iniciativa Bellagio foi concebida empregando-se amplamente essa experiência considerável (para diferentes abordagens e revisões em relação ao diferentes setores de gestão pública, ver Layard 2005; Bruni e Porta 2005; Gough e McGregor 2007).

O foco do bem-estar humano decididamente deu forma à metodologia da Iniciativa Bellagio. Como explicado no Quadro 1.1, em cada contexto social e cultural particular e para cada tipo de pessoa (mulher/homem, velho/novo, negro/branco), o bem-estar humano toma um sentido particular e distintivo. Assim sendo, não é nem tecnicamente possível nem moralmente saudável 'definir' bem-estar para outras pessoas. O que podemos fazer, contudo, é estabelecer meios através dos quais o bem-estar possa ser compreendido em diferentes contextos sociais e culturais e, portanto, algo tratável em gestão.

Essa iniciativa concebe o bem-estar humano como um conceito universal que proporciona uma conceitualização universal

para a compreensão. Em ciências sociais um conceito universal é uma forma abstrata que é relevante para todos os seres humanos em todas as sociedades, mas que tomará formas ou sentidos específicos em contextos sociais específicos e/ou para pessoas particulares (o que constitui bem-estar para um homem de meia-idade em Nova York seria consideravelmente diferente em detalhamento que constituiria bem-estar para uma jovem em Nova Délhi).

Por termos todos diferentes prioridades a respeito de nosso bem-estar, uma discussão inclusiva e global sobre o papel da filantropia e do desenvolvimento internacional na proteção e promoção do bem-estar humano precisa necessariamente envolver uma gama variada de vozes. Os diferentes componentes da Iniciativa Bellagio foram concebidos para tratar de: diferentes vozes culturais; diversas localidades; diferentes perspectivas sobre quais são os problemas e oportunidades; e diferentes tipos de experiência e conhecimento. Os Estudos Encomendados trouxeram diferentes vozes de especialistas sobre os problemas e oportunidades; os participantes dos Colóquios Globais em diferentes locais do mundo ofereceram visões acerca de problemas específicos e de diferentes contextos sociais e culturais; e os convidados da Cúpula foram selecionados com base nas classes de pessoas que se engajariam como debatedores de diferentes tipos de organização, setores, locais e modos de pensar. Um princípio norteador para os colóquios e para a Cúpula, respeitando a tradição de encontros no Centro Bellagio, foi o de que esses não deveriam ser encontros de "suspeitos de costume"; em vez disso, deveriam reunir pessoas que normalmente não teriam oportunidades de partilhar experiências e debater umas com as outras.

Quadro 1 - Bem-estar: a emergência de um conceito central para desenvolvimento no século XXI

O bem-estar emergiu como uma meta central em políticas públicas em uma gama surpreendente de instâncias públicas ao longo dos últimos dez anos. A metodologia butanesa da Felicidade Nacional Bruta tem recebido muita atenção, mas ecoa de maneira mais sutil em outras sociedades do Extremo Oriente. Na Tailândia a noção de bem-estar foi integrada à estrutura de planejamento nacional e esforços semelhantes foram feitos no Japão. Em um contexto cultural inteiramente diferente, o movimento do *Vivir Bien* tem progredido particularmente na Bolívia e no Equador, e suas principais preocupações quanto ao bem-estar humano também foram adotadas no Peru e no Brasil (ver http://interfaithjustpeace.org/pdf/2010/living_well.pdf). Tampouco é um conceito exclusivo de países em desenvolvimento. Os governos do Reino Unido, Canadá e Austrália fizeram esforços de trazer o bem-estar humano às suas considerações de gestão (ver Kroll 2011a). No nível mais amplo, o Projeto Mundial em Mensuração de Progresso das Sociedades proporcionou a plataforma mais importante para seu avanço de pensamento nos níveis governamentais e para a coordenação do pensamento e esforços (OCDE www.oecd.org.progress).

A Comissão para a Mensuração de Desenvolvimento Econômico e Progresso Social de 2008 lançada pelo presidente Sarkozy culminou em uma revisão das muitas e variadas correntes de progresso em pensamento acerca do bem-estar humano e sua relevância para o futuro da gestão do desenvolvimento internacional. Ela mapeou possíveis caminhos de progressão e proporcionou um ponto de partida para maior deliberação mundial.

Bem-estar e desenvolvimento internacional: cacofonia ou nova discussão?

Muitas vozes podem resultar em uma cacofonia ou alimentar um debate mais rico. A ideia de que há diferentes definições específicas para contextos do que é bem-estar e como ele deve ser alcançado é um incômodo para muitos especialistas em desenvolvimento. Esse incômodo foi vivenciado em discussões da Cúpula Bellagio e foi normalmente expresso da seguinte maneira: "como devemos trabalhar com algo que pode ter diferentes significados para cada pessoa diferente com que trabalhamos?" Quando concebido assim, o bem-estar humano começa a parecer uma ferramenta não prática para os propósitos de gestão de políticas públicas. Mas essa resposta provém da falta de familiaridade com um conceito novo e do desconforto de se distanciar das abordagens de desenvolvimento dominantes e tecnocráticas.

Em um nível é evidente que a gestão pública quase sempre opera com conceitos universais que possuem diversas manifestações locais. Pobreza é um conceito universal que toma diferentes aspectos em sociedades diferentes em diferentes momentos; renda e riqueza são conceitos universais que tomam formas diferentes em diferentes economias; necessidades humanas podem ser universais, mas o que pessoas precisam para sobreviver e prosperar varia dependendo de quem são e onde estão.

Mas em um nível mais profundo, o reconhecimento da pluralidade de contextos e noções de bem-estares específicos a identidades comunicam um conjunto dos valores principais sobre democracia e participação. Em virtude de seu foco em bem-estar humano, a abordagem dessa deliberação incorpora os valores de

pluralidade, respeito e diversidade. Também reconhece que o desafio fundamental do desenvolvimento mundialmente sustentável neste momento não é só encontrarmos modos de viver bem como indivíduos, mas encontrarmos modos de convivermos bem. Visto sob essa perspectiva, podemos interpretar muitos dos problemas de desenvolvimento que nos confrontam como estando enraizados em falhas locais e globais de se encontrar modos de conviver bem. Por exemplo, pobreza disseminada e persistente é indicativa de falha em alcançar o bem-estar para muitas pessoas, enquanto que outros conseguem alcançá-lo em excesso; conflitos violentos são a mais óbvia ilustração de onde aspirações concorrentes ao bem-estar confrontam-se mutualmente (por exemplo, conflitos pela autonomia do controle sobre as riquezas provenientes de recursos naturais, tal como no Sudão do Sul); degradação ambiental e mudança climática são o resultado das gerações contemporâneas falharem em encontrar modos de viverem bem agora sem ser às custas das gerações futuras.

Diferentemente de muitos outros conceitos no atual ferramental de desenvolvimento (como crescimento econômico ou linhas de pobreza), o conceito de bem-estar humano enfoca novamente o que importa às pessoas em diferentes localidades do sistema mundial. Nas abordagens vigentes do desenvolvimento, preocupações humanas tendem a ser ignoradas, tomadas como insignificantes, ou marginalizadas e vistas como difíceis de serem tratadas. A abordagem de bem-estar adotada aqui encoraja participantes do processo Bellagio a colocar seres humanos no centro de suas reflexões e análise.

Quando os problemas de desenvolvimento são conceitualizados como não somente um desafio ao bem viver, mas ao bom convívio,

transparece-se o âmago da questão da governança (em todos os níveis, dos tratados e acordos globais às alocações de recursos de governos locais). Uma simples definição de 'governança' é a da combinação de regras, normas e organizações cuja função é permitir que cidadãos vivam bem juntos[4]. Em virtude de seus papéis e esforços de desenvolvimento internacional, governos, organizações filantrópicas, órgãos de sociedade civil e ONGs são todos contribuintes integrais dessas estruturas de governança. Em outras palavras, governança para o bem-estar humano não é somente uma questão para governos.

Um conceito social de bem-estar humano

Há uma série de diferentes abordagens ao bem-estar humano sendo desenvolvidas e usadas no pensamento de políticas públicas atuais (ver Diener, Lucas, Schimmack and Helliwell 2009; Dolan, Layard e Metcalfe 2011). Independentemente de rotulações como 'felicidade', 'qualidade de vida', satisfação de vida' ou 'bem-estar', o que é comum a todas essas abordagens é que todas reconhecem a necessidade de processos de gestão pública e sistemas de governança de levarem em consideração visões próprias dos indivíduos sobre seu bem-estar. Uma divisão fundamental dessas abordagens distintas é que algumas argumentam por um foco primário em dimensões subjetivas de bem-estar humano enquanto que outras argumentam por combinações de dimensões objetivas e subjetivas do bem-estar humano

4. O Banco Mundial discute governança em termos do exercício do poder político e uso de recursos institucionais para administrar os problemas e questões da sociedade (Banco Mundial 1991).

sendo consideradas. Há então diferenças de segunda ordem em termos do que constitui dados e metodologias para sua coleta, mas essas não são abordadas aqui.

Para dar-se suficiente direção aos Estudos Encomendados e aos Colóquios Globais, a Iniciativa Bellagio adotou uma abordagem ao bem-estar que parte das conclusões da *Sarkozy Comission* e que foi adotada por outras agências mundiais proeminentes (ver Hall, Giovannini, Morrone and Rannuzi 2010). Essa abordagem combinada reconhece a necessidade de se considerar experiências objetivas e subjetivas de bem-estar de homens, mulher e crianças em diferentes sociedades (ver McGregor 2007).

McGregor e Sumner (2010) resumem as razões pelas quais é particularmente apropriado adotar-se uma abordagem multidimensional ao bem-estar humano na gestão do desenvolvimento internacional. Não é nem um pouco impossível focar-se nas noções subjetivas de bem-estar enquanto falha em levar-se em conta as privações objetivas e materiais vivenciadas por muitas pessoas em países em desenvolvimento. Uma abordagem combinada mantém continuidade com importantes iniciativas globais em desenvolvimento e pobreza e conecta-se particularmente aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio[5] e aos exercícios das Vozes dos Pobres[6]. O artigo de McGregor e Sumner 'Para Além dos Negócios Usuais: Como contribuí o Bem-estar 3D ao Impulso das MDM?'[7] proporciona um ponto de referência específico para a Iniciativa (McGregor e Sumner 2010).

5. Ver www.un.org/milleniumgoals/

6. Ver http://web.worldbank/WBSITE/EXTERNAL?TOPICS?EXTPOVERTY/0,,contentMDK:20622514~menuPK:336998~pagePK:148956~piPK:216618~theSitePK:336992,00.html

7. NT: Traduzido do inglês "Beyond Business as Usual: What might 3-D Wellbeing Contribute to MDG Momentum?"

Tomando-se uma abordagem combinada, a conceitualização 3D de bem-estar argumenta que o bem-estar humano apenas surge efetivamente quando as necessidades são atendidas; quando pessoas são capazes de agir efetivamente na busca de metas baseadas em seus próprios valores e quando elas vivenciam uma qualidade de vida satisfatória. Assim, essa conceitualização identifica três dimensões importantes para qualquer avaliação de bem-estar: as circunstâncias *materiais* das pessoas; as circunstâncias *relacionais;* e suas avaliações subjetivas sobre sua qualidade de vida. Os elementos constituintes de cada uma dessas dimensões são moldados pelo contexto social particular no qual o bem-estar está sendo considerado.

Essa é uma concepção social de bem-estar humano, em oposição a uma concepção individualista. Muitas das abordagens de bem-estar humano que derivam da filosofia utilitarista e que fundamentam a economia neoclássica contemporânea focam o bem-estar do indivíduo e compreendem a sociedade como um agregado de "bem-estares" individuais. A concepção social de bem-estar humano propõe que isso não é um modo suficiente para se entender a sociedade, tampouco útil para se confrontar os desafios de conviver bem. A abordagem 3D do bem-estar concebe o bem-estar humano de maneira relacional: como um estado de ser que é vivenciado por seres humanos através de seus relacionamentos sociais e culturais com outros. Assim, além de considerar condições subjetivas de experiências pessoais, a terceira dimensão envolve o foco nas relações que permitem ou restringem pessoas de alcançarem seus objetivos, ou o que é materialmente almejado, ou em qualidade de vida, ou ambos.

Quadro 2. Usando bem-estar humano como diagnóstico

Mais que impor a abordagem do bem-estar humano como uma camisa-de-força ao debate da Iniciativa Bellagio, a intenção em sua concepção foi utilizá-lo como diagnóstico. Um 'diagnóstico' é uma ferramenta que permite um modo distinto de moldar o inquérito sobre por que um problema persiste e que soluções podem ser desenvolvidas para eles. É uma abordagem de solução de problemas que é comumente utilizada na medicina, ciência da computação e engenhar ia de sistemas.

O processo Bellagio foi concebido para usar um conceito social de bem-estar humano como uma conceitualização que organize nossa investigação dos diferentes desafios de agências internacionais de desenvolvimento e das oportunidades que possam ser buscadas para resolvê-los. Os participantes foram convidados a utilizar a abordagem como pudessem. Eles tiveram a liberdade de aceitar ou rejeitar sua utilidade. Assim, longe de um exercício que buscou elaborar uma definição do que é bem-estar, o uso de 'bem-estar' foi almejado para que se refletisse sobre o paradigma vigente, que tende a definir aquilo que produz bem-estar a todos, em qualquer lugar. Desse modo, ele constringe sistematicamente o espaço para pessoas exercerem suas vozes na reivindicação do que necessitam e querem que o desenvolvimento os proporcione para que assegurem seu bem-estar.

A validade do uso de uma abordagem multidimensional foi impulsionada por reflexões durante o processo sobre eventos globais recentes tais como as revoltas rotuladas como a 'Primavera Árabe'. Isso foi ilustrado nos Colóquios Globais e na Cúpula, em que as deliberações exploraram as falhas do paradigma existente e a abordagem multidisciplinar oferece ideias adicionais. Na Primavera Árabe, em particular, as condições relevantes podem ter

mudado positivamente para muitos, mas tem sido dada atenção insuficiente às avaliações subjetivas que deterioram o bem-estar de muitas pessoas nessas sociedades. O resultado foi o de que uma revolta está mudando radicalmente a natureza das relações de governança[8].

Conforme Barbara Ibrahim colocou na Cúpula, "o que desencadeou esse movimento, a Primavera Árabe, não foi a falta de uma das necessidades humanas básicas, como entendidas pela filantropia e pelo desenvolvimento tradicionais. Foi a falta de dignidade do povo" (Cúpula Bellagio; Módulo2; Plenário).

O escopo dos desafios e oportunidades

A *Rockefeller Foundation* não esteve sozinha ao reconhecer que a combinação de uma volatilidade global crescente, configuração demográfica em mudança e poder político requerem a reconsideração sobre o que o desenvolvimento internacional busca alcançar e como ele o tem feito. Na última década, houve muitos encontros, conferências, oficinas e publicações que buscaram estimular discussões sobre o futuro do desenvolvimento local. Um breve resumo de algumas abordagens seguidas por instituições e autores é dado no Apêndice 1. De maneira alguma se trata de algo completo, mas uma revisão preliminar desse material traz contexto e orientação ao processo Bellagio.

De modo a situar a Iniciativa Bellagio em relatos recentes das complexas realidades do nosso mundo e dos urgentes desafios ao

8. Ver também o Estudo Encomendado "*Resource Scarciy, Wellbeing and Development*", por Evans e Evans, pág. 6.

desenvolvimento no início do século XXI, usamos três questões para conceitualização:

- Quais são os desafios?
- Como esses desafios podem ser solucionados?
- Quem pode e deve atuar na solução desses desafios?

Quais são os desafios?

Agora é lugar-comum que a humanidade depara-se com um enorme conjunto de desafios interligados. Questões de longa data (como a pobreza crônica) não são resolvidas na prática, apesar de extensivos esforços de gestão, e novos problemas emergem gradualmente (por ex. mudança climática) ou dramaticamente (por ex. volatilidade dos mercados).

A Iniciativa Bellagio contribuiu com a análise de algumas das questões de longa data e emergentes com o comissionamento de pesquisa original a especialistas que trataram de áreas sob investigação ou que foram julgadas como tendo necessidade de novas perspectivas.

Como esses desafios podem ser solucionados?

Quais são as opções para solucionar esses desafios e quais novas oportunidades estão emergindo? Como podem vários mecanismos e instituições existentes serem empregados e os novos serem propostos e desenvolvidos?

Assim como houve muitos esforços de reflexão sobre quais problemas e desafios existem, também houve numerosos esforços de delinear maneiras em que os problemas notados possam ser solucionados. Como indicado previamente, um dos pontos de partida dessa Iniciativa foi a *Sarkozy Comission*. Enquanto sua principal reco-

mendação foi de se distanciar de mensurações de produção econômica para mensurações de bem-estar humano como parâmetro para o desenvolvimento, as implicações dessa recomendação estendem-se muito mais. O que será mudado e como será mensurado também tem efeitos secundários sobre os tipos de políticas públicas que são cogitadas e a maneira em que as questões são priorizadas. Também indica que novos modos de pensamento estão ganhando espaço.

De maneira geral, quando se revisa ambos os esforços passados e presentes de confrontar desafios globais, pode-se discernir cinco diferentes tipos de mudança que tendem a ser recomendadas, que são:

- O que deve ser mudado e como deve ser mensurado (efeitos e impactos de políticas de gestão);
- Mudar o programa de gestão (novas questões, novas políticas e novas prioridades);
- Mudar o pensamento (encorajar mudanças paradigmáticas);
- Mudar como fazemos as coisas (reformas organizacionais e institucionais);
- Mudar os executores (o estabelecimento de novas entidades ou o fortalecimento de novos agentes).

Como podemos ver, essas cinco formas de mudança estão interrelacionadas e as recomendações de uma terão efeitos secundários nas outras.

Quem pode e deve atuar na solução desses desafios?

Os diferentes modos de se responder aos desafios também destaca o potencial papel de diferentes agentes na realização das mudanças necessárias. Nessa Iniciativa, foi importante adotar uma

abordagem aberta a quem possam ser os principais agentes, porque há teorias de mudança concorrentes na filantropia e no desenvolvimento internacional.

De maneira geral, pode-se identificar pelo menos seis teorias de mudança:

- A sociedade muda por conta de consequências não intencionais agregadas de milhões de indivíduos buscando sua própria felicidade;
- A sociedade muda através de avanços de conhecimento e desenvolvimento tecnológico;
- A sociedade muda através de transformações de crenças, ideias e valores;
- A sociedade muda através de ação coletiva propositada;
- A sociedade muda devido à liderança visionária;
- A sociedade muda através de contestação.

Implícita nesta lista de teorias de mudança está a consciência de que há grande divergência de visões sobre quem são os agentes importantes. Isso pesa contra uma prescrição contundente e apressada dos agentes principais. Em vez disso, a questão de quem pode e deve atuar resultará de análise. O mapeamento dos desafios e das potenciais soluções combina-se com teorias de mudança na determinação de quem são os agentes provavelmente importantes.

Para ilustrar isso, pode-se tomar o exemplo dos sucessos em redução de pobreza no Brasil. A interação entre diferentes teorias de mudança e o impacto de diferentes instrumentos de gestão podem levar a múltiplas conclusões sobre a importância relativa de diferentes organizações e fatores envolvidos no processo: Movimento sem Terra (MST) e sindicatos; liderança governamental; apoio ou

resistência a reformas por parte da classe média; crescente riqueza do país; e a importância relativa das indústrias domésticas e dos investimentos estrangeiros.

De maneira a captar algo dessa diversidade de versões da mudança, um dos objetivos da Iniciativa foi reunir uma vasta gama de participantes com variadas experiências de vida e diferentes perspectivas de como assegurar mudanças benéficas. Este contexto intercultural, interdisciplinar e de experiência variada dos participantes alavancou complexidade e riqueza de perspectivas, mas inevitavelmente envolveu desafios à empatia e à compreensão.

A Iniciativa Bellagio

Anteriormente à Iniciativa Bellagio, dois dos principais componentes do trabalho preparatório ao processo foram os Artigos Encomendados e os Colóquios Globais. De modo a proporcionar discussão contextual à qual os participantes pudessem recorrer, uma seleção de importantes desafios e mudanças globais foram identificados e trabalhados, quer pelo comissionamento de um artigo, quer por sua definição como enfoque dos Colóquios Globais.

Usando-se a conceitualização de bem-estar humano conforme exposto no Quadro 1.2 acima e baseando-se em uma revisão de reflexões de publicações e eventos (ver Apêndice 1), selecionou-se as seguintes questões para o trabalho pré-Cúpula e tratamento em ambos Estudos Encomendados e Colóquios Globais.

- Quais são os desafios?
  - "Resource Scarcity" (Escassez de Recursos) – Estudo Encomendado: Alex Evans e Jules Evans

- "Materialist Values and Human Wellbeing" (Valores Materialistas e bem-estar humano) – Estudo Encomendado: Tim Kasser
- "The Changing Demographics of Poverty" (Demografia Em mudança da Pobreza) – Estudo Encomendado: Andy Sumner
- "Increasing Urbanisation" (Urbanização Crescente) – Colóquio Global: Nova Delhi
- "Population Mobility" (Mobilidade Populacional) – Colóquio Global: Kinna, Kenya
- "Sustentabilidade e Crescimento" (Sustentabilidade e Crescimento) – Colóquio Global: São Paulo

- Como esses desafios podem ser solucionados?
  - "Reforming Economics" (Reformando a Economia) – Colóquio Global: Virtual (the Broker)
  - "Freedom and Democratisation" (Liberdade e Democratização) – Colóquio Global: Cairo
  - "Information and Communication Technologies" (Tecnologias da Informação e Comunicação) – Colóquio Global: Virtual
  - "Global Governance and Regulation" (Governança Global e Regulação) – Colóquio Global: Londres
  - "Education" (Educação) – Estudo Encomendado: Kevin Watkins
  - "Valuing Human and Societal Reproduction" (Valorando Reprodução Humana e Societal) – Estudo Encomendado: Roslind Eyben e Marzia Fontana
  - "Resilience" (Resiliência) – Revisão de Literatura: *Rockefeller Foundation*[9]

9. Esse artigo não foi encomendado especificamente pela Iniciativa Bellagio, mas fora encomendado anteriormente pela *Rockefeller Foundation* e foi usado no processo Bellagio.

- Quem pode e deve atuar na solução destes desafios?
  - "The Role and Limitations of Philanthropy" (O Papel e Limitações da Filantrpopia) – Estudo Encomendado: Micheal Edwards
  - "Evaluating Development Philanthropy" (Avaliando a Filantropia do Desenvolvimento) – Estudo Encomendado: Robert Picciotto
  - "African Philanthropy" (Filantropia Africana) – Estudo Encomendado: Bekhinkosi Moyo
  - "Islamic Philanthropy" (Filantropia Islâmica) – Estudo Encomendado: Mariz Tadros
  - "Organizações Não-Governamentais Internacionais" (Novos Mercados Emergentes) – Colóquio Global: Amsterdã
  - "New Emerging Markets" (Novos Mercados Emergentes) – Colóquio Global: Accra
  - "The BRICS" (Os BRICS) – Colóquio Global: Nova Délhi
  - "Middle Income Countries" (Países de Média Renda) – Colóquio Global: Budapeste
  - "Philanthropy Overview" (Visão Geral sobre a Filantropia) – Revisão de Literatura: *Resource Alliance*

Obviamente, essa lista de questões não é completa, com falta de algumas das principais questões reconhecidas e desafios nas discussões desses artigos ou colóquios (por exemplo, para nomear dois, 'conflitos violentos' e 'desastres naturais').

Como pode ser notado pela lista, a distribuição geográfica dos Colóquios Globais foi considerável:

- Nova Délhi, Índia (duas vezes)
- Kinna, Quênia

- São Paulo, Brasil
- Cairo, Egito
- Londres, Reino Unido
- Amsterdã, Países Baixos
- Accra, Gana
- Budapeste, Hungria

Os colóquios trouxeram participantes não só dos países em que os encontros foram organizados, mas da região adjacente. Apesar de algumas óbvias lacunas geográficas, os colóquios permitiram, contudo, a participação de uma boa diversidade de vozes no processo deliberativo pré-Cúpula.

Todos os Estudos Encomendados e Relatórios de todos os colóquios listados aqui estão disponíveis no site da Iniciativa Bellagio: www.bellagioinitiative.org/

O relatório agora irá revisar e analisar as distintas mensagens de cada um dos componentes do processo Bellagio. O capítulo final proporciona uma síntese das principais constatações e recomendações.

Os Estudos Encomendados

Introdução

O propósito dos Estudos Encomendados foi trazer compreensão especializada e de ponta sobre as principais questões que representam desafios ao bem-estar humano nas próximas décadas. Pediu-se aos autores que atendessem os três objetivos em relação ao tópico ou questão particular sobre os quais escreveram:

- Explorar os atuais estágios do pensamento e evidência sobre o assunto selecionado.
- Explorar modos em que a questão representa ameaças ao bem-estar humano.
- Avaliar se existem ideias inovadoras ou formas de política e ação que nos permitam proteger e promover o bem-estar humano à medida que adentramos o século XXI.

Neste capítulo proporcionamos uma análise resumida de cada Estudo Encomendado. A análise foi pautada pelos três propósitos da Iniciativa (ver Seção 1.1). Mas esses fins são capturados na análise para reflexão sobre três tópicos resumidos: relacionamentos (qual descrição do cenário em mudança de agentes e recursos é dado?); reavaliação (de que modo as questões são compreendidas como desafios ao bem-estar humano?); e realização (quais novas oportunidades e inovações podem ser operacionalizadas como tratamento desses desafios e oportunidades?).

Os Estudos Encomendados proporcionam uma valiosa e estimulante discussão sobre as principais questões de nosso tempo. Eles proporcionaram uma plataforma de informação e argumentação ao processo que antecede a Cúpula.

'Escassez de Recursos, Bem-Estar e Desenvolvimento'

Alex Evans (Centro de Cooperação da Universidade de Nova York, Nova York) e Jules Evans (Centro pela História das Emoções, Universidade Queen Mary Londres)

A ênfase deste artigo é os atuais e futuros desafios ao bem-estar humano causados pela escassez de recursos. Essa escassez, já é grave e se agravará como resultado do crescimento populacional, mudança climática e crescente demanda de recursos pela classes médias do mundo à medida que o consumo cresce.

A avaliação do desafio dos recursos estruturou-se a partir da conceitualização analítica de bem-estar, considerada produtiva e esclarecedora pelos autores. O inquérito foi definido com maior precisão com a questão "bem-estar para quem?". Os autores afirmam:

> Para muitos dos pobres do mundo, o acesso a recursos já é uma crise... A razão pela qual quase um bilhão de pessoas são mal nutridos, ou pela qual 1,4 bilhão não têm acesso a serviços de energia, não tem a ver com uma restrição fundamental na oferta de alimentos ou energia. De fato, isso se dá mais por um déficit na capacidade dos pobres ao seu acesso – que por sua vez resulta na falta de poder aquisitivo, voz política e assim por diante. (Evans e Evans: 4)

A análise argumenta que as pressões exercidas sobre os pobres tornar-se-ão mais graves à medida que a pressão sobre os recursos

crescer. Isso provavelmente levará a um declínio correspondente da capacidade dos pobres de alcançar seu bem-estar.

Para os atores do desenvolvimento, incluindo filantropos, a reavaliação necessária da questão requer aceitação da urgência do conjunto interligado de escassez de recursos e problemas de acesso que se retroalimentam. Isso já se encontra no âmago de várias crises para os pobres e é provável que represente restrições crescentes caso o crescimento populacional, a demanda crescente e os fatores limitantes da mudança climática operem conforme o indicado no artigo. Isso implica em uma agenda simultânea para Estados e em nível internacional.

Em termos de realização, os autores observam que até no atual nível de pressão sobre o sistema do desenvolvimento internacional, 'muitos doadores de ajuda internacional tentam sobressair-se uns aos outros na tentativa de lidar com questões que foram negligenciadas nos últimos anos' (Evans e Evans: 11).

Os autores ressaltam o valor da conceitualização analítica do bem-estar na compreensão das ameaças e determinação de remediações. Eles exploram a abordagem 3D do bem-estar juntamente com outras conceitualizações de bem-estar, incluindo a abordagem aparentada de "liberdade e capacitações" baseada no trabalho de Sen e na conceitualização de "felicidade". Eles argumentam que:

> O uso de uma abordagem analítica baseada em bem-estar pode auxiliar no destaque de várias maneiras em que a escassez de recursos afetará o desenvolvimento internacional. Impactos da escassez não afetarão somente como os pobres e países suprirão suas necessidades materiais, por mais essencial que seja essa dimensão. Eles também afetarão uma gama muito maior de "consequências de consequências" – em áreas incluindo governança, migrações, economia política e risco de conflito – implicando uma necessidade por uma agenda de

> resiliência de base ampla tanto no contexto de países em desenvolvimento quanto em nível internacional. (Evans e Evans: 1)

O artigo é concluído com a recomendação específica de que fundações filantrópicas mantenham um papel principal e fortaleçam um outro:

> Fundações filantrópicas tem o potencial de conduzir um papel catalizador no avanço dessa agenda. Muitas fundações já são investidores influentes em áreas como agricultura e desenvolvimento sustentável, e são bem versadas em inovações pioneiras de abordagens por sua disposição de serem capitalistas de risco mais que financistas indiscriminados...
>
> Eles também têm capacidade extraordinária de auxiliar a condução de mudanças através de pesquisa e *advocacy*... Escassez de recursos oferece um claro exemplo do tipo de questão na qual sua liderança será fundamental.

"Valores e bem-estar humano"

Tim Kasser (Know College, Galesburg, Illinois)

O artigo de Kasser reúne um corpo de evidência convincente e argumentação detalhada que ilustra a conexão entre valores e bem-estar humano. O impacto negativo de certos valores para o bem-estar é sucintamente descrito no resumo de seu artigo:

> Valores concernem às metas que pessoas acham importante e àquilo que para elas vale a pena na vida. Certos valores, chamados de extrínsecos e de auto-aprimoramento na literatura psicológica, enfocam riqueza, propriedades, status e imagem. Numerosos estudos científicos documentam que a medida na qual as pessoas priorizam esses valores, elas relatam menos bem-estar pessoal e maiores dificuldades. Essas

> descobertas são robustas em diferentes mensurações de estratégias, idade, cultura, status socioeconômico. Outros estudos mostram que um valor relativamente alto em metas extrínsecas/auto-aprimoradoras é associado a atitudes mas discriminadoras, menos comportamento pro-social e atitudes e comportamentos menos voltados à sustentabilidade ecológica, todas as quais têm implicações para a redução do bem-estar de pessoas, particularmente das pobres. (Kasser: 1)

Mais do que esses valores daninhos, consumistas e individualistas, Kasser argumenta em seu artigo que um conjunto oposto de valores deveria ser desenvolvido, apoiado e encorajado. Ele explica:

> Valores de auto-aprimoramento são opostos a dois valores autotranscendentes: "benevolência", que se relaciona a ajudar amigos e família, e "universalismo", que se relaciona a melhorar o mundo de uma maneira mais ampla... Metas extrínsecas enfrentam oposição de três valores intrínsecos: "auto-aceitação" (ou compreender o próprio ser e o empenho pelo sentimento de liberdade); "afiliação (ou ter boas relações com a família e amigos); e "senso de comunidade" (tentativa de fazer do mundo um lugar melhor).

O conjunto de valores posterior é um que encoraja empatia, solidariedade e atenção pelos outros e pelo meio-ambiente. Esses são valores associados à motivação de ajudar outros que encontra-se por trás de muitos dos esforços filantrópicos e de desenvolvimento.

As ações propostas por Kasser discutem a necessidade de um realinhamento no nível dos valores. Kasser define isso como "promovendo um conjunto alternativo de valores, conhecidos como empenho intrínseco/autotranscendente pelo crescimento pessoal, bom relacionamento e contribuição para com a comunidade". Conforme a análise de Kasser, os valores de consumo em massa impelidos por propagandas comerciais e disseminados pela mídia das

corporações que "dominam o mundo" (David Korten)[10] representam um desafio considerável sob este ponto de vista.

Referindo-se ao impacto negativo dos valores extrínsecos/auto-aprimoradores (E/AA), Kasser sugere melancolicamente que "poderá ser bastante difícil promover bem-estar no século XXI se valores E/AA continuarem a expandir sem alento" (Kasser: 7).

A força deste artigo para a iniciativa é que ele introduz ideias que raramente são levadas em consideração no pensamento do desenvolvimento internacional e implanta evidência e argumentos para uma tradição científica diferente. Enquanto houve muita discussão geral sobre a necessidade de paradigma de desenvolvimento baseado em valores, esse artigo proporciona alguma profundidade sobre aquilo que necessitamos tratar ao nos tornarmos mais voltados para valores.

Ele tem pouco a dizer explicitamente sobre relações entre desenvolvimento internacional e filantropia, mas propõe uma agenda política heterodoxa que até agora teria sido território desconhecido para pensadores da gestão do desenvolvimento. Implicitamente, no entanto, Kasser apela em seu papel à filantropia ser verdadeira ao seu significado grego original – "amor à humanidade" – um apelo universalista.

Uma das reflexões mais abrangentes de Kasser é como justificativas de políticas de gestão de curto prazo bem-sucedidas baseadas no primeiro conjunto de valores negativos (E/AA) solapam os prospectos de políticas de longo prazo, viáveis e sustentáveis. "Por exemplo, tentativas de remover pessoas da pobreza foram avaliadas

10. Ver o conjunto completo de recursos produzidos por Korten nos sítios do "Fórum das Economias Vivas" (*Living Economies Forum*), http://livingeconomiesforum.org/People-Centred-Development-Forum

como valendo a pena, porque aumentariam o número de consumidores e, portanto, o crescimento econômico" (Kasser:8).

Um dos problemas dessa abordagem instrumental da redução de pobreza é que ela serve para "ativar, encorajar e reforçar" exatamente os valores vistos como problemáticos. Essas reflexões acerca das arguições a respeito da melhor base para promoção de políticas públicas claramente têm implicações para organizações de desenvolvimento internacional e filantrópicas ativas neste tipo de atividade.

Kasser apela à aplicação de avaliação crítica de valores nos seguintes termos:

- Desenvolver indicadores de progresso alternativos que desprivilegiem valores extrínsecos/auto-aprimoradores e que incluam avaliação de valores intrínsecos/autotranscendentes em seus cálculos;
- Melhorar a disponibilidade de tempo de pessoas de modo a lhes dar mais oportunidades de assumir comportamentos relevantes para valores intrínsecos/autotranscendentes;
- Promover a orientação local, promovendo assim maior segurança e escolha para indivíduos e comunidades;
- Restringir publicidade comercial para reduzir a presença de uma das principais fontes de mensagens extrínsecas/auto-aprimoradoras;
- Reconceitualizar metas de negócios, corporações e outras instituições financeiras que sejam menos propensas a promover valores extrínsecos/auto-aprimoradores e mais propensas a apoiarem valores intrínsecos/autotranscendentes. (Kasser: 2)

A força do artigo de Kasser é que ele apresenta uma questão fundamental para o debate não só sobre como vivermos bem como

indivíduos, mas também sobre o que deve mudar para que possamos conviver bem. A análise é desafiadora porque se dirige ao âmago de alguns dos conjuntos de valores mais prevalentes que historicamente foram um campo de batalha nos debates sobre políticas públicas: se o desenvolvimento é propulsionado pela autopromoção individual definida principalmente em termos materiais, ou se ele pode ser propulsionado por valores menos materialistas e mais sensíveis à coletividade. Em suas recomendações de gestão, o artigo caminha marcadamente sobre uma área-tabu do grau em que governos e agências de desenvolvimento podem e devem se engajar ativamente na moldagem de valores individuais.

"O Papel e Limites da Filantropia"

Michaels Edwards (Demos, Nova Iorque)

Michael Edwards nota que "mais de 176.000 fundações filantrópicas existem apenas nos Estados Unidos e Europa". Adicionalmente, que "fundações proporcionaram ente US$ 7 e US$ 9,5 bilhões a atividades 'internacionais' ou de 'desenvolvimento' em 2009". Isso foi quase 7% do total de assistência ao desenvolvimento. US$ 2,5 bilhões vieram da *Bill and Melinda Gates Foundation*.

Com o surgimento da *Gates Foundation*, chegou-se a um novo estágio qualitativo da filantropia global. "Uma classe diferente de filantropos de mente investidora surgiu para tratar de problemas globais de maneira mais orquestrada e em maior escala", nota o autor (Edwards: 1).

Edwards preocupa-se com diversos papéis que a filantropia pode e de fato assume no esforço de desenvolvimento internacional. Ele explora os diferentes tipos de relacionamento que surgiram entre

filantropia e desenvolvimento internacional. Ele nota, a respeito do papel de organizações filantrópicas no desenvolvimento, que:

> Alguns comentaristas veem diversidade como uma fonte perene de força, posicionando fundações a lidarem com complexidade, contingência e natureza negociada do bem-estar. Outros a veem como uma fonte de desperdício e prioridades mal-identificadas em um momento em que as principais barreiras ao bem-estar poderiam ser removidas em 10 ou 20 anos, se ao menos vontade e recursos suficientes pudessem ser mobilizados. Frequentemente, esse debate é conceitualizado de modo que polariza o "velho" como "datado" e o "novo" como necessariamente "mais eficaz", levando a tentativas inflamadas, mas estéreis, de provar-se que um é "melhor" que o outro fora de um conjunto particular de metas, circunstâncias e critérios de avaliação, por si só contestados. (Edwards: 1)

Ele desenvolve um argumento de que essa conceitualização do debate acerca do futuro do papel da filantropia é uma distração "que retira atenção das estratégias que continuam sendo vitalmente importantes para o bem-estar, e que enfraquecem sinergias existentes entre concessões e investimentos em filantropia, tomadas de risco políticas e econômicas, mudança social e bens sociais". (Edwards: 1)

Ele argumenta pela obtenção de maior clareza a respeito de quais são as vantagens comparativas das filantropias. Conforme sua opinião, há duas vantagens sobre outros financiadores dos esforços de desenvolvimento:

> A primeira é que eles estão livres de imperativos de curto prazo de ciclos financeiros, uma vez que sua natureza os isola da necessidade de captar novos recursos ou de obter um retorno às concessões proporcionadas. A segunda é que eles são geridos de maneira priva-

> da por suas próprias diretorias como mínima supervisão por parte do governo, o que significa que elas estão livres para decidirem sobre táticas e prioridades sem concederem a pressões políticas ou de outra natureza. (Edwards: 3)

De acordo com Edwards, essas duas vantagens combinam-se dando a filantropia uma posição distinta no que diz respeito a sua habilidade de tomar riscos com financiamentos:

> Tomadas juntas, essas vantagens devem permitir que fundações vejam os horizontes de longo prazo necessários às mudanças sociais, tomando riscos que provavelmente afastariam outras agências, e ofereçam apoio ao trabalho que é impopular e subfinanciado por razões políticas ou de outra natureza. (Edwards: 3)

Ele nota que esse relativo isolamento de tipos de pressão que pesam sobre organizações públicas ou sobre outras iniciativas privadas de desenvolvimento também indicam uma potencial desvantagem para a filantropia, uma vez que não são sujeitas a pressões de prestação de contas de maneira programada que requerem a demonstração de efetividade.

Edwards resume a reavaliação promovida como um deslocamento do "apoio à intervenção". Isso requer "fortalecer a infraestrutura de mudança social", por exemplo, com assistência à sociedade civil para monitorar orçamentos e através de grupos como *Revenue Watch* e *International Budget Project*. "Investir na promoção de bens sociais" é uma outra linha ampla em que Edwards gostaria de ver um papel maior da filantropia – e em que já existem bons exemplos.

De modo a realizar esse realinhamento dos esforços de desenvolvimento e filantrópico, Edwards delineia um conjunto de princípios focado em *accountability*.

Ele argumenta:

> A maneira mais fácil de se começar é diversificar diretorias, convidando-se representantes independentes com perspectivas contrastantes.
>
> Em segundo lugar, coordenação em nível nacional entre fundações e governos anfitriões foi formalizada na Libéria e em outras partes através de uma repartição especial para a filantropia sob o Gabinete Presidencial, que garante que fundações conectem-se entre si e com autoridades nacionais...
>
> Em terceiro lugar, mais filantropia institucional poderia ser canalizada através de estruturas de financiamento que sejam governadas por uma base de partes mais ampla nos níveis nacional e internacional, tal como o Fundo Global de Luta Contra AIDS, Tuberculose e Malária, que tem representação formal da sociedade civil na sua diretoria. Ainda mais radicalmente, fundações poderiam dotar filantropias locais e encorajá-las a fazer suas próprias doações em seus espaços nacionais, tal como feito pela *Ford Foundation* nos casos do *Arab Human Rights Fund* e *Trust Africa*.
>
> Finalmente, mais avaliações independentes, transparência e debate público são vitais, com o propósito de construir uma base de conhecimento mais ampla acerca de diferentes abordagens à filantropia que sejam menos mediadas pelas próprias fundações. (Edwards: 13)

Concluindo, Edwards nota que a filantropia não tem inclinação natural para ser uma força pela mudança no mundo. Quanto à solução da pobreza e promoção do bem-estar, esforços filantrópicos podem igualmente preservar sistemas existentes falhos e modificá-los ou transformá-los. Ele argumenta que não há resposta única e que o caminho adiante é apoiar diversidade, mas permitindo intercâmbio transparente e aberto sobre sucessos e fracassos. Ele conclui reconhecendo o poder que a filantropia possui, mas que no contexto de desafios e mudanças é importante que seus esforços sejam

pautados por desejos e aspirações daqueles que alegam ajudar. Como ele coloca: "balancear as demandas da democracia com a determinação de solucionar problemas globais de uma maneira focada e enérgica é a principal questão a ser confrontada pela filantropia no século por vir". (Edwards: 13)

"Avaliando a Filantropia do Desenvolvimento em um Mundo em Mudança"

Roberto Picciotto (King's College, Londres)

O artigo de Picciotto enfoca as relações presentes e futuras entre desenvolvimento e filantropia. Ele declara como ponto de partida:

> O contexto de desenvolvimento dentre o qual filantropias internacionais operam é extraordinariamente trabalhoso. Necessidades humanas urgentes não estão sendo assistidas pelo sistema de assistência oficial privado de recursos, atendendo a múltiplos interesses e abalado por enormes problemas de coordenação. Em contraste, doações privadas para o desenvolvimento estão crescendo e provaram-se mais ágeis e orientadas para resultados que a assistência oficial. (Picciotto: 1)

O artigo inicia retratando um quadro austero do sistema de ajuda oficial "tumultuado". A recessão econômica mundial resultou na redução dos orçamentos para ajuda e em crescentes níveis de penúria e empobrecimento. Picciotto argumenta que o impulso por atuação marcada para maiores comprometimentos assistenciais – particularmente destinados à África – adquirido a partir dos acordos da Cúpula de Gleneagles de 2005 está vacilando. O único consolo que vê é que outras formas de financiamento para esforços de desenvolvimento estão crescendo, dentre os quais a filantropia é proeminente.

Picciotto estabelece uma discussão detalhada sobre a arquitetura contemporânea da ajuda e sobre as implicações de concepções de desenvolvimento em mudança. Ele começa então a estabelecer a argumentação para um nicho particular de organizações filantrópicas em um sistema global complexo, trabalhoso e interconectado:

> Fome, doença, poluição, mudança climática, instabilidade financeira, conflitos regionais, criminalidade internacional e terrorismo não respeitam fronteiras nacionais. "Problemas sem passaporte" constituem as mais sérias ameaças ao bem-estar humano no século XXI. Uma vez que a filantropia privada é menos entravada por considerações políticas que agências de auxílio oficial, ela pode "ligar os pontos" do conhecimento do desenvolvimento, construir plataformas para cooperação internacional e focar suas intervenções em objetivos de paz e prosperidade internacionais. (Picciotto: 4)

Essa declaração deve ser talvez compreendida como um indicador das melhores práticas atuais por parte de iniciativas privadas, e como aspirações para o setor. Comentando sobre o trabalho das principais fundações, o artigo traz o balanço de suas inovações e contribuições significativas, enquanto mantém uma atitude crítica:

> As principais fundações demonstraram uma vantagem comparativa distinta em articular plataformas para cooperação internacional em pesquisa agrícola, saúde e pesquisa de vacinas. Elas reuniram energias dispersas para conquistas de metas de desenvolvimento específicas e promoveram criatividade, inovação e diversidade em cooperação em desenvolvimento. Mas muitas delas não prestaram atenção suficiente ao nivelamento de condições e oportunidades no mercado global, à capacitação a partir do nível de implementação ou à amplificação das vozes dos pobres e desprivilegiados para que o desenvolvimento seja equitativo e sustentável. (Picciotto: 6)

Notando-se aqui um grande desafio sendo trazido pela proliferação de financiadores de desenvolvimento novos e heterodoxos, o autor estabelece uma meta ampla para organizações filantrópicas: "Efetividade em nível sistêmico por parte de todos os filantropos deveria ser olhar para frente, mais do que expedir resultados, um projeto por vez" (Picciotto: 6).

Uma das principais preocupações que permeiam este artigo é que os elementos positivos do progresso alcançados na Declaração de Paris de 2005 sejam perdidos. O artigo apela para que isso seja reconhecido por novos doadores como um marco histórico do desenvolvimento. Através de esforços com bons princípios e engenhosa diplomacia do desenvolvimento, a Declaração enfrentou um dilema de ação coletiva que previamente fora "varrido para baixo do tapete". Os princípios mais importantes aos quais a Declaração atribuiu publicamente signatários foram o da adoção de "uma conceitualização holística do desenvolvimento humano"; incremento da "propriedade" com o deslocamento do "lócus primário da responsabilidade sobre a eficácia do desenvolvimento aos beneficiários de ajuda"; desenvolvimento de "parcerias" – compreendidas como um processo participativo envolvendo sociedade civil e setor privado e "orientação por resultados" mais clara da agenda do desenvolvimento.

Resumindo seu desafio ao setor filantrópico em pensar em termos sistêmicos, mais do que no nível das organizações individuais ou do portfólio de projetos ou atividades, Picciotto argumenta que filantropias necessitam atravessar um processo de cooperação e coordenação análogo ao embarcado pelo setor de ajuda pública ao desenvolvimento (APD).

> Chegou o tempo para também as organizações filantrópicas "fazerem as coisas direito" como parceiros responsáveis pelo desenvolvimento.

> Atualmente é difícil medir o tamanho e conteúdo dos programas assistenciais financiados por doadores internacionais privados dada a escassez de dados oficiais sobre suas operações. Dentre as organizações filantrópicas dormentes, a *Gates Foundation* concordou em proporcionar dados ao CAD[11]. De modo a melhorar a transparência da assistência, o Secretariado do CAD agora está procurando relatórios de outras grandes fundações privadas e ONGs internacionais. Em paralelo, um programa voluntário (a Inciativa pela Transparência em Ajuda Internacional[12]) está buscando comprometimento de doadores para o compartilhamento de informações sobre ajuda internacional. Somente dois programas colaborativos de financiamento privado (a Aliança Global para Vacinas e Imunização e do Fundo Global contra AIDS, Tuberculose e Malária) e uma fundação (Hewlett) tornaram-se signatários até agora. (Picciotto: 11)[13]

Picciotto estabelece um padrão alto para o futuro:

> Além de evidências anedóticas, a proposição de que organizações filantrópicas privadas invariavelmente gerem grandes benefícios a baixos custos através de intervenções pequenas e inovadoras que desencadeiam empreendedorismo social, capacitação doméstica e modelos de desenvolvimento que podem ser implementados em escalas maiores, ainda deve ser comprovada. Essa hipótese necessita teste através de avaliação independente e rigorosa. (Picciotto: 11).

Um argumento central apresentado neste artigo é que de maneira que se atinja a escala e complexidade dos desafios contempo-

11. Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

12. NT: traduzido do inglês "*International Aid Transparency Initiative*", ou IATI.

13. Veja o progresso da *International Aid Transparency Initiative* (IATI) em seu sítio: http://iatiregistry.org/

râneos e futuros, organizações filantrópicas precisam tentar se aprimorar nas melhores práticas de cooperação em desenvolvimento.

> Prioridade adequada à coerência na gestão do desenvolvimento será necessária através de uma ampla gama de questões: administração econômica; o "desafio da sustentabilidade" e o "desafio do desempenho". O autor argumenta que o desenvolvimento filantrópico não realizará seu potencial a não ser que:
>
> Identifique e aproveite suas vantagens comparativas e coordene suas intervenções com outros agentes do desenvolvimento;
>
> Insira avaliação em seus processos para alcançar relevância operacional, eficácia e eficiência;
>
> Demonstre que é responsável e sensível aos seus diversos *stakeholders*. (Piccioto: 1)

"Pobreza em países de renda média"

Andy Sumner (Instituto de Estudos em Desenvolvimento)

O artigo de Sumner aborda as mudanças na distribuição da pobreza global. Ele usa sua análise de dados existentes sobre a pobreza global para mostrar como isso representa um grande desafio à ajuda ao desenvolvimento internacional.

> Em 1990, 93% dos pobres do mundo viviam em países de baixa renda (PRB). Agora mais do que 70% – até 1 bilhão das pessoas mais pobres do mundo ou um "novo bilhão mais baixo" – vive em países de renda média (PRM) (sendo a maior parte deles em países estáveis, não fragilizado de renda média)... Ademais e ao contrário de estimativas prévias de que um terço dos pobres do mundo vivendo em estados fragilizados e afetados por conflitos (EFAC), baseando-se em dados do início da década de 2000, uma estimativa apressada (tomando a

> definição ampla de 43 países combinando diferentes listas de Estados Fragilizados) é de que em 2007 cerca de 23% dos pobres viviam em EFAC, devidos mais ou menos igualmente entre PRB fragilizados e PRM fragilizados. (Sumner: 2)

O artigo então descreve com profusão as principais características desses deslocamentos e sua sensibilidade à emergência da Índia e China como países populosos em rápido desenvolvimento. De um lado, essa discussão poderia ser vista como uma sobre como se operam rótulos como "renda média" nas tomadas de decisões da ajuda ao desenvolvimento internacional; de outro ela destaca o problema emergente da crescente desigualdade. Tomando uma perspectiva mais ampla, este artigo ressoa com advertências de consequências adversas da crescente desigualdade para o bem-estar humano (ver Wilkinson e Pickett 2009). Este conjunto de argumentos cada vez mais coerentes sobre as consequências adversas da desigualdade para o bem-estar humano ecoou nos artigos e discussões ao longo do processo. Como explicado por Kasser, desigualdade tem implicações adversas para nosso bem-estar no nível individual, enquanto que outros artigos tais como o de Evans e Evans ou o de Watkins destacam suas consequências adversas sobre as relações sociais.

A proposição central do artigo de Sumner é que essas mudanças distributivas desafiam as concepções comuns da ajuda ao desenvolvimento – a saber, que se trata de uma questão de transferência de ajuda de países ricos aos países pobres, onde os mais pobres vivem. (Esta é uma imagem popular, naturalmente, também usada e amplificada em esforços de captação de recursos e que moldam a compreensão do público sobre ajuda ao desenvolvimento, governamental, não governamental, de caridade ou filantrópico).

Se o problema da pobreza extrema está cada vez mais concentrado em países de renda média na medida sugerida pela análise de Sumner, então uma nova abordagem é necessária. O artigo de Sumner enfoca o deslocamento necessário da análise de todos os agentes do desenvolvimento, o que é descrito a seguir:

> Essa mudança poderia significar que uma reconceitualização fundamental da pobreza global é necessária, "ajuda tradicional" não é mais relevante e pobreza global agora é sobre equidade/inclusão/exclusão, coalisões de promoção e questões "transcendendo o auxílio tradicional" como bens públicos globais.

Como argumentado por Sumner, e com verossimilhança, contribuintes de países desenvolvidos serão cada vez mais relutantes a pagar pela ajuda oficial ao desenvolvimento para os países de renda média, particularmente em um momento quando recursos restringem-se nos países doadores tradicionais, então a agenda da ajuda ao desenvolvimento terá de tomar novo rumo de modo a permitir que os países de renda média se concentrem mais energeticamente na mobilização de recursos domésticos e no desenvolvimento de políticas redistributivas para lidar com níveis insustentavelmente altos de desigualdade. Estratégias como essas, ele nota, funcionarão somente onde há uma classe média para apoiá-las. Promoção eficaz por parte de organizações filantrópicas (preferencialmente locais) nesses contextos seria um elemento estratégico que contribuiria na geração de apoio para essas estratégias.

Como Sumner conclui, "a mudança de dinâmica implica necessidade de se repensar a ajuda ao desenvolvimento como algo focado nos países pobres para algo focado nos pobres e ajustado aos diferentes tipos de contexto" (Sumner: 16).

Nisso, o autor argumenta por um papel sistêmico das organizações filantrópicas de se unirem por bens globais públicos, mecanismos financeiros inovadores e outras modalidades "além da ajuda". O artigo relata várias inovações já em curso e sugere que elas proporcionam uma ilustração de pontos possíveis para engajamento e colaboração.

"Assistência para o Bem-Estar"

Rosalind Eyben e Marzia Fontana (Instituto de Estudos de Desenvolvimento)

Escrito com referência direta aos efeitos da recente crise global do "triplo F"[14] (alimentação, combustíveis e finanças), o embalo deste artigo argumenta pela centralidade da assistência para o bem-estar humano e pelo dano que é causado pela sua negligência sustentada em políticas e práticas de desenvolvimento. As autoras argumentam que dado a crescente volatilidade e os choques globais, essa negligência torna-se uma fraqueza crítica para o futuro da agenda do desenvolvimento. O artigo enfoca o papel das mulheres e argumenta que:

> Políticas e programas de desenvolvimento falharam ao atender aos interesses e *trade-off* interconectados das mulheres como produtoras, empregadas e provedoras de assistência, e de maneira mais geral não reconhecem o valor para a sociedade de atividades que encontram-se fora do mercado (Eyben e Fontana:3).

Assim sendo, o artigo usa a conceitualização de desenvolvimento humano de modo a proporcionar uma crítica do paradigma vi-

14. Do inglês "*food, fuel, finance*".

gente do desenvolvimento e para elaborar uma argumentação para um deslocamento em ambos o pensamento e a agenda de gestão.

O artigo explica que há uma abundância de estudos comparativos entre países que mostram como normas de gênero prevalecentes significam que são as mulheres que tomam para si o grosso do trabalho assistencial não pago, incluindo tomar conta e educar as crianças, ocupar-se de membros mais velhos das famílias, cuidar dos doentes, cozinhar e coletar água e combustível. Adicionalmente, estudos comparativos entre países também mostram que "em países em desenvolvimento, mulheres trabalham por mais horas que homens; que mulheres de baixa renda trabalham por mais horas que mulheres em melhores condições; e que mulheres de regiões rurais trabalham por mais horas que mulheres de regiões urbanas' (Eyben e Fontana: 3).

As autoras elogiaram a conceitualização baseada no trabalho de Diane Elson, que foi adotada pelo PNUD[15]. "A conceitualização [de Elson] relaciona três dimensões interconectadas do reconhecimento da assistência, redução do trabalho pesado e redistribuição mais equitativa da assistência, dentro das famílias, mas também entes prestadores de serviços de saúde" (Eyben e Fontana: 9)

Elas argumentam que esses três conceitos centrais de reconhecimento, redução e redistribuição são fundamentais para a reformulação da teoria do desenvolvimento neste momento. O "direito de ser reconhecido nos termos individuais próprios" é vital para resolver desigualdades estruturais de identidade tais como gênero e raça. A análise de gênero resultante alimenta o discurso dos "direitos humanos como política de desenvolvimento", que adquiriu proeminência desde o fim da Guerra Fria.

15. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Eyben e Fontana concluem o artigo com uma agenda programática abrangente para organizações filantrópicas. Esta, elas acreditam, é corroborada pelo histórico de fundações filantrópicas:

> Fundações filantrópicas podem desempenhar um papel decisivo na facilitação de tal deslocamento devido a sua independência e histórico de pensamento inovador que desafia paradigmas gastos. Elas frequentemente assumiram a dianteira na facilitação e teste de ideias novas e desafiadoras de maneira que agências de auxílio bilaterais e multilaterais nunca o farão. Há aqui um caso convincente para a filantropia atuar ajudando a promoção da ajuda e permitir reconsideração global dos princípios econômicos centrais que o artigo propõe. (Eyben e Fontana: 12)

Suas recomendações mais específicas são:

- Tomar a dianteira na demonstração da importância atribuída à questão assumindo "editorias da assistência" dos programas que financiam;
- Adotar a conceitualização de reconhecimento, redução e redistribuição no tocante ao planejamento de atividades de desenvolvimento futuras;
- Desafiar ativamente os pressupostos nos quais se baseiam modelos de desenvolvimento existentes que tornam a assistência invisível;
- Encorajar e apoiar debates mundiais entre diversas audiências sobre como mudar nossos modelos econômicos para que sejam moldados por princípios altruístas e solidários (Eyben e Fontana: 12).

Assim como em outros artigos, os autores colocam este tópico como um em que as vantagens comparativas de organizações filan-

trópicas podem ser exercidas. Tratando do desafio mais amplo de repensar a teoria econômica na qual a atual ortodoxia do desenvolvimento internacional se baseia, elas concluem:

> Fundações filantrópicas, com sua maior independência, deveriam, portanto, tomar a dianteira e encorajar debates priorizando diversas formas econômicas possíveis – aquelas que balanceiem os vigentes valores de autonomia e empreendedorismo individual com os valores de fomento, compartilhamento e cooperação. (Eyben e Fontana: 12)

"Filantropia Corporativa e a Agenda de 'Educação para Todos'"

Kevin Watkins (Centro pela Educação Universal, Instituto Brookings, Washington DC)

Este artigo por Kevin Watkins é um valioso estudo de caso sobre as reações contrastantes até agora de organizações filantrópicas à assistência à saúde e educação primária. Ele foca seu relato no papel de organizações filantrópicas nos esforços de desenvolvimento internacional a partir desta comparação:

> Comparações entre saúde e educação são surpreendentes. Ao longo das duas últimas décadas a filantropia corporativa tem mudado a cara da cooperação internacional para a saúde. Hoje, filantropos e suas fundações proporcionam mais financiamento do que quase todos doadores de auxílio.
>
> Tudo isso se dá em grande oposição da posição da filantropia em relação ao seu apoio à educação de países em desenvolvimento. Educação representa uma pequena parcela do financiamento filantrópico corporativo. Fundações filantrópicas e companhias não estão envolvidas de nenhum modo a parcerias multilaterais de auxílio. Elas têm uma voz limitada como promotores globais. Não há análogos em

> educação dos fundos globais para a saúde que sejam representativos para parcerias financeiras globais. Dada a escala da crise global na educação e a evidência recente de paralização no progresso em direção às metas de desenvolvimento internacional, essas omissões são significativas. (Watkins: 2)

Watkins elabora um caso convincente para a priorização do foco na educação e o relaciona com futuras ameaças e desafios no sistema global.

> Então por que colocar educação em uma agenda já cheia? Parcialmente porque educação é um direito humano fundamental, mas também porque sem progresso e educação qualquer tentativa de se lidar com desafios mais abrangentes deparados por governos mundo afora serão em vão. Em uma economia mundial cada vez mais baseada em conhecimento, disparidades gritantes entre nações em educação reforçarão padrões de globalização desiguais e insustentáveis. Desigualdades em educação dentro de países reforçaram mazelas sociais e econômicas. E sem melhor educação há poucas perspectivas para a humanidade de confrontar mudanças tecnológicas e sociais trazidas pela crise ecológica global. (Watkins: 1)

O artigo trata criticamente a noção de bem-estar humano. O autor argumenta que o termo tem sido solapado por esquivar-se de questões de poder que conduzem as dinâmicas de desigualdade e marginalização. Independentemente dessas preocupações, de acordo com Watkins, educação representa uma das oportunidades mais fundamentais para se lidar com desafios ao bem-estar humano. Ele argumenta que "é certamente evidente que nenhuma sociedade, local, nacional ou global, pode prosperar quando muitos de seus membros deparam-se com desvantagens arraigadas ao acesso de oportunidades de educação de qualidade decente"(Watkins: 1-2).

Em marcado contraste ao setor de saúde "filantropos corporativos em educação não se engajam com iniciativas globais coordenadas em conexão às metas de desenvolvimento internacional". Onde houve apoio filantrópico à educação por parte de fundações, houve a tendência para que seja em educação terciária. Exceções positivas entre fundações ativas na esfera da saúde listadas por Watkins são a *Hewlet Foundation, Sir Ratan Tata Truste* e *Navjbau Ratan Tata Truste*.

Em contraste com o setor da saúde, a educação "tem falta de um núcleo multilateral e não há contrapartida aos Fundos Globais" (Watkins: 2)[16]. Essa falta de financiamento e infraestrutura de gestão está danificando os esforços globais de se progredir em educação. Para a educação, o único veículo multilateral é a *Fast Track Iniciative* (FTI), que opera principalmente através do Banco Mundial. Enquanto ela trouxe alguns benefícios modestos, o FTI tem sofrido de sub-financiamento crônico. O autor nota que os desembolsos do FTI em 2010 chegaram a somente US$ 250 milhões comparado com US$ 3 bilhões do Fundo Global pela Luta Contra HIV/AIDS, Malária e Tuberculose (Fundo Global), e sugere que a baixa taxa em que desembolsos são concedidos e cobertura limitada em países afetados por conflitos, estejam por trás desse baixo desempenho.

Watkins nota também que existem obstáculos em nível conceitual. No modelo de desenvolvimento vigente, há fracas conexões entre metas de educação e de desenvolvimento internacional. Isso resulta em uma escassez de dados e evidência sobre a contribuição da educação para a redução de pobreza e melhorias em bem-estar humano.

Esse artigo examina financiamentos filantrópicos às iniciativas de saúde como um potencial modelo para o futuro financiamento

16. Incluindo, por exemplo, a Aliança Global para Vacinas e Imunização.

da saúde. Watkins defende cinco orientações para realizações de maior impacto em educação.

- **Aumentar apoio à educação.** O autor sugere que o apoio financeiro limitado canalizado à educação através de filantropia corporativa é sintomático de um fracasso mais amplo de se engajar com a agenda de "educação para todos". Dado o papel central da educação na melhora do bem-estar e facilitação do progresso para prioridades de desenvolvimento mais amplas, seu status marginal na agenda filantrópica corporativa é contraproducente.
- **Trabalhar através dos sistemas educacionais públicos.** Demasiada filantropia corporativa em educação se dá através de esquemas baseado em companhias e pequenos projetos operando fora das estratégias educacionais nacionais. Esse é um modelo de altos custos e baixos impactos. O tipo de abordagem desenvolvido pela *Sir Ratan Tata Foundation* e pela ICICI de Crescimento Inclusivo na Índia, com uma ênfase no fortalecimento da educação pública, é mais eficiente e tem o potencial de alavancar mais mudanças através de boas práticas adotadas por instituições nacionais.
- **Evitar a promoção de soluções rápidas baseadas no mercado privado.** Este artigo ressalta que política educacional é uma área altamente contestada em qualquer país. Governos e sociedade civil de países pobres devem determinar trajetórias para reformas através do debate nacional. O desafio esmagador é elevar padrões de aprendizado e fortalecer a equidade. A filantropia corporativa deve focar essas metas. Ela deve escrupulosamente evitar a promoção de prescrições ideologicamente tendenciosas a favor de soluções baseadas no mercado, e a imposição de um estilo de reforma escolar tal como a estadu-

nidense a países que não dispõem da capacidade institucional de garantir a equidade.

- **Apoiar um fundo global para a educação.** Isso se basearia nas melhores práticas do setor da saúde. Uma configuração do auxílio multilateral mais forte alavancaria filantropias corporativas eficientes. Isso permitiria menores custos de transação e aumentaria o alcance dos países beneficiando-se do engajamento filantrópico. Os prospectos de fortalecimento do impacto melhorariam muito se se afastassem do modelo atual do FTI, com sua dependência dos sistemas de reporte do Banco Mundial, e se aproximassem ao modelo do Fundo Mundial através do qual o setor privado é mais ativamente envolvido no financiamento e entrega no nível nacional.
- **Engajamento em promoção em "educação para todos".** Com o trabalho de sistemas de algumas companhias, fundações filantrópicas e fundos globais de saúde, a filantropia corporativa tem desempenhado um papel importante na manutenção da saúde no topo da agenda do desenvolvimento internacional. O Conselho Empresarial Mundial para a Saúde tem desempenhado um papel-chave no apoio e facilitação de promoção de uma rede ampla de companhias. O Conselho Empresarial Mundial para a Saúde criado em 2011 deveria tentar emular esse papel. Mas seu sucesso resultará em engajamento ativo por parte de personalidades elevadas da comunidade corporativa. (Watkins: 23 [não verbatim]).

O artigo mantém-se cético quanto aos argumentos filantrocapitalistas e quanto a alegações compreendidas como exageradas. O senso geral transmitido por esse artigo é o de que a educação atualmente não é tida como proeminente e atrativa o suficiente para

a filantropia global fazer investimentos grandes o suficiente para trazer impacto sistêmico. Enquanto é importante ser visto como eliminando a malária do mundo, talvez salte menos aos olhos, mas nem por isso seja menos importante investir em comprometimentos de longo prazo na educação, que depende de muitas outras metas de desenvolvimento. Os resultados benéficos de educação primária levam bastante tempo até se concretizarem e dependem não só da quantidade de educação proporcionada, mas também da qualidade. Seu impacto benéfico também depende dos prospectos disponíveis aos formados e isso não está no alcance daqueles que podem investir em educação. Isso torna a educação uma área de alto risco e de baixo perfil para investimentos filantrópicos.

Os Estudos Encomendados às Filantropias

Uma revisão única propõe-se a estabelecer as relações entre contribuições dos três artigos que auferem o ecossistema filantrópico em mudança. O três Estudos Encomendados que são revisados e discutidos coletivamente são:

- "Filantropia – Contexto Atual e Perspectiva de Desenvolvimento Futuro" da *The Resource Alliance*
- "Inovações Transformativas na Filantropia Africana" de Bhekinkosi Moyo (*TrustAfrica*, Joanesburgo, África do Sul)
- "Filantropia Islâmica e Bem-Estar" de Mariz Tadros (*Institute of Development Studies*)

"Filantropia – Contexto Atual e Perspectiva de Desenvolvimento Futuro" da *The Resource Alliance* olha os motores de recentes

mudanças na filantropia: pressões externas da globalização, mudanças no ambientes de financiamento e surgimento de novos agentes. À medida que os objetivos de ajuda oficial ao desenvolvimento expandiram de modo a incluir a provisão de bens públicos globais, o número de doadores e beneficiários de ajuda se proliferaram. O crescimento de agentes filantrópicos é resultado de crescimento no número de indivíduos de alto poder aquisitivo. Filantrocapitalismo e o impacto de negócios também influenciaram a prática filantrópica. O crescimento de participação elevou os custos de cooperação e coordenação. Financiamento privado precisará ser redirecionado a filantropias e sociedade civil emergentes de modo a desenvolver sua capacidade organizacional e treinar administradores.

O contraste entre filantropia formal e informal abriu espaço para distinção entre filantropias horizontais e verticais. O foco passado em filantropias verticais, a importância de identidade, pertencimento, instituições sociais e donativos não monetários. Na literatura, argumenta-se que novas abordagens à filantropia que precisarão ser "multidirecionais" para fazerem-se valer de filantropias horizontais e evitar cooptá-las, distorcê-las e solapá-las (Wilkinson-Maposa, Fowler, Oliver-Evans e Mulenga 2005; Wilkinson-Maposa e Fowler 2009). A lição que surge é que o apoio a filantropias horizontais resulta em uma comunidade filantrópica e, assim, em filantropia pelo bem-estar.

"Inovações Transformadoras na Filantropia Africana" de Bhekinkosi Moyo relata que a filantropia africana é influenciada pelas mesmas tendências da filantropia global. No entanto, o artigo diferencia entre filantropias verticais, ou filantropia institucionalizada, e a filantropia horizontal que ocorre em comunidades africanas. Argumenta-se que a distinção entre filantropias formais e informais é uma dicotomia falsa porque há modos ritualizados de se doar em comunidade, tal como sociedades de auxílio mútuo, sociedades

funerárias e cooperativas. O desafio é fortalecer o clima legal e institucional, possibilitando filantropias verticais e aptidões de novas organizações filantrópicas sem abandonar ou cooptar filantropias horizontais.

"Filantropia Islâmica e Bem-Estar" de Mariz Tadros elabora a tipologia de organizações filantrópicas islâmicas. O artigo enfoca *zakat*, o princípio da doação anual de riqueza individual e o debate sobre a destinação do *zakat* ao não muçulmanos e causas não prescritas, incluindo desenvolvimento. A sustentabilidade ritualizada de doações em *zakat* e a envergadura da diáspora muçulmana oferecem oportunidades de inovações em cooperação com organizações da sociedade civil e através de organizações islâmicas transnacionais.

Ambos Moyo e Tadros argumentam que formas pré-existentes de doações em comunidade já levam em consideração o bem-estar humano e que mais filantropias institucionalizadas deveriam organizar-se em apoio das estruturas tradicionais. Filiação e responsabilidade quanto a uma comunidade conduzem a doações, seja esta uma comunidade geográfica, étnica, religiosa ou, cada vez mais, de classe social. Novas estratégias de filantropia e desenvolvimento precisarão levar isso em consideração para serem eficientes.

Esses artigos sugerem que a filantropia em desenvolvimento internacional encontra-se em um momento crucial em relação à mudança social. As mudanças que nós vemos nesse ecossistema de filantropias em desenvolvimento internacional são resultado de pressões globais que estão influenciando práticas de desenvolvimento internacional bem como filantrópicas.

Essas pressões globais vêm da crescente desigualdade econômica que acompanha o crescimento econômico; de um deslocamento para ideias a respeito do desenvolvimento mais holísticas; de uma queda em auxílio governamental e bilateral de países doadores; e do

surgimento de financiamento de ajuda e práticas de desenvolvimento provenientes de países BRICS. O mesmo crescimento econômico que elevou as desigualdades levou a um crescimento dramático no número de agentes privados em filantropia e desenvolvimento. Também houve a fragmentação de beneficiários de auxílio em diferentes níveis (internacional, nacional, regional, local) e entre categorias (ONGs internacionais, ONGs de países em desenvolvimento, iniciativas sociais com e sem fins lucrativos).

O crescimento no número de doadores e beneficiários aumenta a necessidade de cooperação e alinhamento entre metas e atividades de muitos agentes. Há uma necessidade de integração mais intensa de agentes privados no desenvolvimento de conceitualizações e práticas. Essa necessidade é particularmente urgente, dada a influência de agentes filantrópicos privados sobre financiamento e práticas de desenvolvimento, como é evidente em monitoramento e avaliação, investimento de impacto, microfinanciamentos e empreendedorismo social.

Conforme a filantropia institucionalizada espalha-se com a riqueza global, há um diálogo entre melhores práticas e condições locais. Redes regionais de organizações filantrópicas podem ajudar novas filantropias a adquirir aptidões para conceder doações, captar recursos e administrarem-se com eficiência. Importantes inovações surgirão da cooperação entre novas filantropias e sociedade civil local. Novas filantropias ganharão legitimidade à medida que captam recursos de fontes locais também.

Os autores dos artigos abrem portas para questões emergentes adicionais em filantropia e desenvolvimento, relacionadas a remessas, doações de diásporas, o papel continuado dos negócios, e a formação de capacidade por parte das filantropias transferirem donativos não materiais. O volume de remessas é seis vezes aquele

da filantropia para o desenvolvimento internacional. Apesar de consistirem tipicamente em transferências individuais a suas famílias, muito dos fundos de remessas é gasto em causas e comunidades locais. Há o caso de organizações filantrópicas de ajudarem na criação e condições para transferências mais baratas e seguras e para alavancar remessas como investimentos sociais.

A mobilização de meios financeiros de diásporas também envolve a sua formação de capacidade organizacional e promoção de ambientes mais propícios nos países de origem. Khan (2008) escreve que migrantes precisam de assistência na formação de organizações legais, administração de processos organizacionais e filantrópicos e garantia de *accountability* e captação de recursos. Seus esforços também precisam de apoio dos países de origem para filantropia de diáspora, legislação fiscal propícia a doações em ambos os países de origem e anfitrião, transferências de tecnologias financeiras baratas e redes de apoio em ambos os países de origem e anfitrião de organizações semelhantes.

Futuros desafios à filantropia

À medida que o ecossistema das filantropias desloca-se com as forças globalizadoras, surgem vários pontos necessários para o debate contencioso.

- A comunidade do desenvolvimento notou a orientação para resultados da filantropia, os apelos por transparência e as pressões econômicas sobre governos nacionais para que estabelecessem a eficiência de ajuda da agenda. O crescimento do número de agentes de desenvolvimento, incluindo filantropos, aumentou as oportunidades de aprendizado e a expansão de soluções de desenvolvimento. Isso também elevou os custos

de cooperação e coordenação. Adicionalmente, o financiamento filantrópico poderá ter de ser devotado à infraestrutura, capacitação organizacional e treinamento administrativo (áreas que atraíam anteriormente menos atenção de filantropias).

- Filantrocapitalismo – isto é, a influência de agentes de negócios e filosofias de negócios em filantropia – também continuarão afetando a comunidade de desenvolvimento. Seus efeitos podem ser vistos na força da avaliação de impactos, microfinanças, empreendedorismo social, investimento social e a dominância da *Bill & Melinda Gates Foundation*. Se isso é algo bom ou ruim ainda é tópico de intenso debate.
- A política que rege a ajuda, sobretudo a ajuda privada, no contexto dos países em desenvolvimento continuará sendo contenciosa. Mas o crescimento da filantropia tornará o debate desse tipo de política cada vez mais difícil de ser evitado.
- Os relatos sugerem que os beneficiários permanecerão sub-representados na tomada de decisões e nos processos de concessão de doações. Direcionamento à filantropia, enfatizando a ajuda ao crescimento da sociedade civil, leva pouco em conta fortes tradições locais que já podem apoiar as doações. Muita da ênfase em novas filantropias é baseada em aspectos econômicos e classe. Isso tende a subestimar a questão da filantropia de identidade. O potencial de filantropias financiadas por mulheres e jovens e a importância de doações religiosas e por parte de diásporas também é subexplorada.
- Discussões sugerem que as próprias fundações devem questionar seus papéis de concessoras de doações. Alguns argumentam que as fundações precisam se engajar mais como promotoras e impelir mudanças institucionais, particularmente contemplando os contextos difíceis em mudanças em que fazem doações.

Graças ao seu status de independência financeira, elas possuem os meios e distanciamento para ajudarem as sociedades civis locais com suas vozes bem como com seu dinheiro.

- A influência de práticas de negócios e financiamento à filantropia continuará sendo avidamente debatido. A forte orientação de metas dos "filantrocapitalistas" ainda é vista como potencialmente causando problemas de sustentabilidade. O foco em soluções técnicas inovadoras, especialmente em saúde e educação, pode, às vezes, tirar atenção de objetivos sociais e soluções sociais. Pressupõe-se a complexidade técnica, mas questões de complexidade institucional ou social tendem a ser deixadas de lado. O desejo por soluções de expansividade acelerada também pressupõe que um ritmo acelerado de mudança é bom. A ênfase em expansividade acelerada também pode estar baseada em pressupostos ocultos acerca da homogeneidade da população-alvo e homogeneidade dos benefícios mais resultantes, deixando tempo inadequado para deliberações, negociações e ajustes. Finalmente, as redes de organizações que são capazes de atender as orientações da filantropia podem se tratar de uma amostra enviesada e, assim, doações filantrópicas nessa modalidade podem servir à reprodução de estruturas de poder existentes mais do que desafiá-las.

Resumo e principais argumentos dos Estudos Encomendados

Os papéis comissionados debatem as relações que precisam mudar para que estejam à altura dos desafios a frente e encorajem uma reavaliação de ideias.

Relacionamentos: Em termos das relações existentes entre desenvolvimento internacional e filantropia, os artigos observam o seguinte:

- O papel vastamente maior do setor filantrópico nos esforços de desenvolvimento nos últimos 20 anos, mais obviamente com os enormes investimentos da *Bill & Melinda Gates Foundation* em saúde (e em menor escala em outras áreas).
- Porque fundações são livres das restrições da opinião pública ou de arrecadar impostos para Auxílio Oficial ao Desenvolvimento (ODA), elas têm, ao menos em teoria, maior espaço para manobras na escolha de suas questões.
- A discrepância notada por Watkins entre apoio à saúde e à educação primária representando uma crise mundial.
- A profusão de agentes na área filantrópica e a falta de *accountability* e de coordenação associada a ela.
- A tensão entre a interpretação do "velho" modelo do desenvolvimento como ineficaz e datado, e a do "novo" setor filantrópico ao modo de negócios que deverá cada vez mais substituí-lo (uma interpretação rejeitada por Edwards).
- Vários autores enfatizaram a necessidade de compreender as possibilidades especiais que as fundações têm porque elas podem moldar o seu modo de operação; e as especialidades que podem incrementar o "ferramental" das iniciativas de desenvolvimento.

Reavaliação: esta reavaliação é lidada de diferentes maneiras – a maior parte aspira a ir "além do mercado voltado para o bem-estar".

- Evans e Evans ressaltam a necessidade de conceitualização de análise em termos de escassez de recursos – restrições que se

tornarão piores à medida que a população cresce, classes médias e seu consumo se expandem, e impactos de mudanças climáticas sejam mais prontamente sentidos.

- Kasser ressalta a necessidade de trabalhar contra valores pró-consumo, em prol dos valores mais empáticos da solidariedade.
- Edwards enfatiza a necessidade de deslocar-se do apoio à intervenção – aspirando mudanças sistêmicas.
- Picciotto vê realinhamento em termos de organizações filantrópicas juntando-se a estruturas colaborativas para ajudar o setor a alcançar o máximo de impacto sistêmico.
- Sumner propõe que o foco esteja se deslocando do Auxílio Oficial ao Desenvolvimento tradicional para promoção de políticas em países de renda média como meio de alívio de pobreza.
- Eyben e Fontana argumentam pela inclusão da economia assistencial na análise do bem-estar – com ênfase em reconhecimento, redução de trabalho forçado e redistribuição de responsabilidades assistenciais. Uma estratégia de desenvolvimento focada em crescimento e indicadores econômicos restritos invariavelmente danificará dimensões relacionais da sociedade e diminuirão radicalmente o bem-estar no processo.
- Watkins toma o exemplo de formação eficaz de coalisões no setor de saúde – com alianças entre governos nacionais, organizações multilaterais, governos doadores e setores privado e filantrópico – como modelo para o setor educacional.

Os artigos assinados por filantropias ressaltam a necessidade de novas filantropias no contexto de identidades e sistemas de valores para que elas possam se originar.

Os Colóquios Globais

Introdução

A Iniciativa Bellagio começou com uma série de Colóquios Globais, concebidos para reunir pessoas do mundo todo para explorar como questões de bem-estar, desenvolvimento internacional e filantropia estão mudando. Eles também almejaram envolver filantropos em discussões a respeito de prioridades para ação, e explorar como mobilizar para a ação. Esses colóquios procuraram envolver especialistas intelectuais e "especialistas situados" – isto é, pessoas envolvidas com as questões pessoalmente ou profissionalmente.

Os Colóquios Globais foram facilitados pelo IDS em Délhi (urbanização acelerada), Cairo (liberdade e democracia), São Paulo (mudança climática: crescimento e sustentabilidade), Quênia (pessoas em movimento) e Londres (regulação global). O IDS também facilitou dois colóquios virtuais sobre TIC e economia inclusiva. A *The Resource Alliance* facilitou diálogos sobre filantropia em Délhi (BRICS/ economias em crescimento acelerado), Budapeste (países de renda média), Accra (novas economias emergentes) e Amsterdã (ONGs internacionais multimercado).

Esses Colóquios Globais foram intencionados como fóruns para diálogo e como espaço em que pessoas que normalmente não trabalham juntas pudessem trocar ideias. A meta foi encorajar o diálogo, explorar contexto e contradição, diversidade e diferença, mais do que alcançar consenso. O principal desafio foi trazer à tona vozes novas e importantes, que compreendem as tendências em experiências de vida que provavelmente surgirão durante as próximas décadas.

Cada Colóquio Global explorou uma questão ou problema – por exemplo, economias em crescimento acelerado, urbanização e residência urbana, liberdade e democracia, viver em movimento. Eles buscaram usar o conceito de "bem-estar" como meio de se olhar uma questão de forma diferentemente. Pediu-se aos participantes que pensassem sobre:

- Os desafios de viver bem e a possibilidade de problemas possivelmente intratáveis que constringem o bem-estar;
- Se existem inovações que promovem o bem-estar;
- Se há potencial para colaboração multissetor desbravar caminhos para a promoção do bem-estar.

Focando-se questões específicas, mas em conexão ao bem-estar, novas perguntas foram feitas aos participantes sobre o problema. Por exemplo, o que é importante para o bem-estar em relação à governança global; o que é importante para diferentes grupos e como essas prioridades relacionam-se com os desafios identificados como específicos; como a introdução do bem-estar na discussão muda o modo em que compreendemos o problema e os modos em que soluções são tratadas?

Os Colóquios Globais foram concebidos de modo a informar a Cúpula Bellagio. Mas cada conversa também gerou novas relações e ideias, e desafiou a Iniciativa Bellagio a reconhecer restrições e oportunidades, enquanto mantem o foco em novos modos de se compreender problemas e buscar soluções coletivas. Os relatórios de todos os colóquios foram publicados (veja www.bellagioinitiative.org/resource-section/) , dando à comunidade global uma oportunidade de se envolver mais com essas discussões.

Um resumo das discussões dos colóquios

Urbanização: Nova Délhi, Índia

Urbanização está crescendo em ritmo acelerado. Ela é movida por mudanças em práticas de agricultura, pela incapacidade de pessoas de manterem sua subsistência diante das mudanças climáticas, por oportunidades de meio de vida nas cidades, por pessoas fugindo de conflitos, e por outros desafios. Será uma questão de décadas até que a maioria das pessoas muito pobres viva em cidades. De acordo com a ONU-Habitat, pela primeira vez na história, mais pessoas vivem em ambientes urbanos que em rurais. No entanto essa rápida transformação do panorama da pobreza não se reflete em agendas nem do desenvolvimento internacional nem da doação filantrópica. Portanto, representa tanto uma crescente pressão quanto uma grande oportunidade. Questões urgentes em nível individual são a segurança e a garantia de redes sociais não destruídas pelo desenvolvimento. Questões urgentes no nível da sociedade são os fracassos de governança, planejamento e taxação. Na interface desses níveis, há questões fundamentais não resolvidas sobre como o desenvolvimento de infraestrutura que acompanha o crescimento econômico desaloja pessoas pobres e gera ainda mais desigualdade.

As principais questões para a Cúpula foram:

- Colocar questões urbanas em posições de maior destaque na agenda filantrópica. Questões rurais foram articuladas de modo a propiciar doações, mas questões urbanas foram menos relevantes neste quesito;
- Elaborar uma abordagem mais estratégica e de longo prazo ao investimento – com financiamento direcionado para questões principais como fracassos de governança, assim como projetos obviamente visíveis;

- Tomar riscos e investir em projetos pilotos inexequíveis por governos em função de sua necessidade de entregar resultados no curto prazo;
- Incrementar o perfil em campanhas e promoção de causas – o que é bem desenvolvido nos Estados Unidos, mas nem tanto na África ou na Ásia.

"Viver em movimento": Kinna, Quênia

O colóquio consistiu em uma variada combinação de pessoas que vivem em movimento: pastores e comerciantes ambulantes; povos internamente desalojados; migrantes econômicos e migrantes em diáspora. Como no grupo de urbanização, fortes sentimentos foram expressos quanto à questão da mobilidade ser pouco representada em agendas de desenvolvimento, e que governos nacionais não gostam de apoiar a mobilidade porque cidadanias são baseadas em localidades. O grupo viu prioridades para o engajamento filantrópico em atividades que:

- Reconheçam a mobilidade como uma parte integral do mundo moderno e campanhas instruindo acerca da mobilidade como um direito humano. Isso incluiria apoio ao diálogo com governos e importantes instituições do desenvolvimento. Essa é uma área fundamental na qual organizações filantrópicas internacionais poderiam usar sua alavancagem e reputação como promotores de causas. A pergunta feita foi: "Como a Bellagio pode alavancar a vontade política?"
- Alavancar o poder econômico e social das remessas e os sistemas de bem-estar próprios das pessoas em mobilidade – isso incluiria a formação de parcerias e estratégias com diásporas em nível global, mas também estruturas de *accountability* no

nível micro. Muitas remessas são direcionadas para indivíduos e famílias. Mais pode ser feito em cooperação com diásporas que organizam remessas para o bem coletivo.

- Alavancar as capacitações únicas de instituições comunitárias profundamente arraigadas da África e das diásporas que funcionam como guardiões da boa mobilidade e do bem-estar – isso incluiria a resolução de conflitos locais e investimento em organizações que prestam contas às suas comunidades apoiadoras. Filantropias internas estariam bem posicionadas para contribuírem através de sua habilidade de tomar riscos e investir em novas abordagens.
- Reconhecer o deslocamento e a desconexão de pessoas movimentando-se em aflição – isso pode tomar forma de apoio a serviços legais, informação e iniciativas de rápida reintegração.
- Investir em tecnologias que promovam a produtividade de uma vida em mobilidade, incluindo informação, sistemas de conhecimento e comunicação, conexões face-a-face, sistemas de educação para pessoas em movimento. Para aqueles em movimento (forçado ou não), educação tem sido um problema persistente de difícil solução. O encontro pediu por investimentos em aprendizado à distância que pudessem ser proporcionados através de tecnologias móveis.

"Liberdade e Bem-Estar": Cairo, Egito

A política prevaleceu ao longo das discussões em Cairo, não surpreendentemente, dado que a região está atravessando um período de transformação política, social e econômica. A reconfiguração de poderes políticos está gerando novas oportunidades para se recriar o bem-estar de modo a incluir dimensões geracionais (juventude), promover justiça social (em particular, para grupos marginalizados)

e remover a corrupção do Estado e da sociedade. No entanto, as novas aberturas políticas também ameaçam solapar o bem-estar de maneira perturbadora: a repercussão para as minorias não-muçulmanas que o Egito vivenciou; as restrições de liberdades políticas que o Egito e a Tunísia testemunharam; e a severidade da desaceleração econômica como consequência da queda dos investimentos internos e externos, bem como declínio do turismo. Esses reveses põem em risco os avanços feitos para assegurar a liberdade e dignidade porque levam muitos a pensar: qual é o custo da liberdade e de nossas crianças? Na atual fase de transição no Egito e na Tunísia, as aspirações de pessoas têm sido contidas por governos transicionais ineficientes que mostram todas as características da má governança.

O termo "bem-estar" não foi usado diretamente; participantes falaram mais sobre como se operacionalizar justiça social – estabelecendo um salário mínimo, concedendo reinvindicações sociais a grupos como trabalhadores de minas a céu aberto, ou apoiando os trabalhadores no setor informal. Ambos a filantropia e o desenvolvimento internacional foram vistos como marginais na determinação do processo político ou resultado das lutas em andamento. Focou-se em agentes políticos e civis locais e no papel das forças militares.

Mesmo assim, os participantes tiveram sugestões claras e corretas para projetos de desenvolvimento internacional e filantrópicos, que incluíram:

- Apoiar a produção de conhecimento local para a solução de problemas locais; desafiar a hierarquia do conhecimento que assumiu que a especialidade de agentes internacionais é sempre superior ao repertório local existente. Isso foi visto como uma prioridade para os participantes no Colóquio Global em Cairo e

como uma área em que filantropos podem assumir riscos apoiando iniciativas nascentes de natureza progressiva;
- Proporcionar apoio à educação superior, expandir a variedade de agentes da sociedade civil e de abordagens ao engajamento cívico e ajudar na provisão de *expertise* em reforma de instituições estatais;
- Facilitar programas de intercâmbio, de compartilhamento de experiências e de capacitação.

"Sustentabilidade e Crescimento": São Paulo, Brasil

O grupo focou a região latino-americana, mas também contou com um participante da Etiópia. Os desafios identificados incluíram o ritmo de mudanças sociais e ambientais; medo, ignorância e ganância solapando valores tradicionais; pobreza material, privação e desigualdade (apesar de tentativas de solução, incluindo as do governo brasileiro); e os limites para ação de instituições democráticas devido à interdependência econômica global. No entanto, desafios também deram origem a algumas oportunidades. A consciência de mudanças ambientais encorajou a consciência da importância do uso sustentável de recursos naturais e de oportunidades de administração comunitária de biodiversidade, energia verde e pagamentos por serviços ambientais. Novas oportunidades de organização social surgem da urbanização e da disponibilidade da tecnologia da internet. Novas formas de governança política, econômica e de recursos naturais estão se desenvolvendo. Elas incluem gestão participativa de políticas públicas, emprego cooperativo baseado em associações, iniciativas de geração de renda e a restauração de técnicas locais e tradicionais de gestão de recursos. Novas redes de sociedade civil também estão tomando evidência.

Muito da discussão centrou-se em torno da convicção que crescimento e desenvolvimento não são sinônimos. Por exemplo, o atual modelo de crescimento eleva a importância da extração de recursos naturais e do agronegócio, que tem efeitos ambientais negativos e gera poucos empregos. O encontro também olhou para impactos ambientais da mudança climática, desde o risco de desertificação no nordeste brasileiro aos deslizamentos de terra em áreas de favelas como resultado de chuvas fortes súbitas.

Desde a era das ditaduras militares, a América Latina tem desenvolvido inovações democráticas, métodos participativos e estruturas de governança, permitindo mais autonomia para grupos locais.

As principais questões que os filantropos identificaram durante o colóquio foram:

- Reconhecer diversidade e respeitar perspectivas pluralistas sobre desafios e oportunidades;
- Facilitar a autonomia através de engajamento prático com iniciativas no nível da implementação;
- Transcender os ciclos de projeto de curto prazo e permitir aprendizado no nível local;
- Tratar de poder e política em conhecimento e governança. Questões ambientais representam um debate político bem marginal no Brasil. O atual modelo de crescimento deixa pouco espaço para diferentes modos de relacionar-se com a natureza com diferentes tipos de conhecimento – por exemplo, as abordagens de povos locais. Isso envolve reconhecer diferentes formas de democracia e a disponibilidade de diferentes tipos de espaço para engajamento cívico que também influenciarão a solução de questões de sustentabilidade, mudança climática e crescimento econômico.

"Governança e Regulação Globais": Londres, Reino Unido

Há um novo e mais complexo ecossistema de agentes, agências e valores envolvidos nos sistemas contemporâneos de governança global, regulação e desenvolvimento. Pode-se fazer mais para mapear e compreender as dinâmicas desse novo ecossistema, uma vez que compreender as interdependências envolvidas será importante para governança e regulação globais eficazes na promoção e proteção de bem-estar humano. Os atuais arranjos e instituições da governança global não contam com confiança e isso está relacionado ao que é percebido como falta de *accountability*. Há outras iniciativas e instituições de governança que contam com maior confiança e que são vistos com uma melhor *accountability*. Um modo de se avançar pode ser através da elaboração na confiança que já existe.

Desafios à governança continuam a ser determinados e tratados em um nível demasiadamente elevado. O conceito de meios de subsidiariedade significa encontrar soluções no nível mais apropriado, o mais perto de pessoas comuns possível. Tentativas de tratamento de problemas em níveis demasiado altos podem tornar as soluções ainda mais difíceis de serem encontradas. Uma vez que o comprometimento de recursos são frequentemente estipulados em níveis tão altos, pode ser impossível de progredir por completo até que todas as partes estejam de acordo. Como resultado, soluções globais são concebidas de modo a alcançar apenas o denominador comum. O que é necessário é separar os problemas em partes componentes de manejo mais viável por parte de autoridades de governança operando abaixo do mais alto nível global. Não obstante, também devemos nos prevenir contra a busca pela solução ideal enquanto é provável que seja politicamente muito difícil de ser alcançada e que soluções boas o suficiente proporcionam um caminho mais pragmático.

Por outro lado, a implicação de meios subsidiários é que algumas questões precisam de fato ser solucionadas em nível global ou continental – não podem ser solucionadas "mais abaixo". Existem questões genuinamente internacionais. A crise financeira internacional não pode ser resolvida somente através da ação de governos nacionais.

Um desafio importante para a governança e regulação globais é a desconfiança a respeito de instituições. Um fator principal que contribui para a desconfiança de instituições de governança é a sua falta de *accountability* e transparência. Instituições de alto nível sem *accountability* ou transparência não têm confiabilidade. Mas há instituições que desfrutam de maior grau de confiabilidade, incluindo instituições de base religiosa ou social e novas instituições de relacionamento social. Deve ser possível elaborar-se em bases de confiança existentes. O exemplo da ISO (Organização Internacional para Padronização) foi discutido. Isso envolveu observância voluntária e sua evolução foi movida pela demanda mais do que imposta de cima abaixo.

Pode haver problemas fundamentais com ideias e valores sobre os quais as atuais abordagens para governança e regulação estão fundamentadas. A contribuição negativa da economia neoclássica purista foi ressaltada. Por outro lado, a globalização de valores humanitários é evidenciada por respostas globais a necessidades daqueles atingidos por crises ou em dificuldades. Também se argumentou que a globalização tem sido responsável por universalizar valores igualitários e que isso proporcionou apoio aos crescentes movimentos globais anti-desigualdade. Isso se propaga em governos nacionais. A desigualdade está se tornando um problema global. Níveis extremos de pobreza ainda existem e, em muitos países, as sociedades estão se tornando mais desiguais. A desigualdade foi

identificada como um tema no qual a filantropia poderá trabalhar em nível sistêmico. O trabalho da *Mo Ibrahim Foundation* na África e o trabalho sistemático do Instituto da Sociedade Aberta[17] (fundado por George Soros) na área da educação em países do Leste Europeu foram vistos como exemplares.

"A Economia Inclusiva": Colóquio Virtual

O debate *online*[18] cobriu uma série de perspectivas, muitas das quais trataram das limitações do PIB como medida de desenvolvimento. Em um extremo, Wieck Wildeboer (ex-embaixador holandês em Oman, Bolívia e Cuba) argumentou que "há maior necessidade de políticos e burocratas capazes, dedicados, incorruptíveis que executem as estratégias de novas teorias econômicas ou modelos de desenvolvimento ou até mesmo de dinheiro"[19]. No outro, a crítica radical à Iniciativa Bellagio de Claudio Shuftan argumentou que a aceitação do bem-estar é "um maneirismo em construção do desenvolvimento" [20], e que deu uma avaliação detalhada e positiva do livro de autoria de Susan George *Whose Crisis: Whose Future*[21] *(George 2010)*[22].

O crescimento em consumo material de fato aumenta o bem-estar, principalmente para aqueles em situação pior. Não obstante,

17. Open Society Institute.

18. Para o acesso às contribuições individuais ao debate *online*, ver www.thebrokeronline.eu/Articles/Building-quality-of-lifetogether (acessado em 13 de junho de 2012).

19. Ver www.thebrokeronline.eu/Blogs/Bellagio-Initiative/No-need-for-more-development-models.

20. Shuftan é um consultor independente atualmente baseado no Vietnã e é Professor Associado Adjunto da Escola Superior de Saúde Pública, Nova Orleans. Ver www.thebrokeronline.eu/Blogs/Bellagio-Initiative/Another-development-gimmick-in-the-making.

21. NA: "Crise de quem: futuro de quem?" Ainda não traduzido ao português.

22. Ver www.thebrokeronline.eu/layout.set/print/Authors/Schuftan-Claudio.

crescimento em atividade econômica segundo o aumento no PIB não se traduz necessariamente em aumento de renda para aqueles em pior situação. O PIB *per capita* não é necessariamente um indicador de bem-estar, particularmente em sociedades desiguais. Além disso, existem muitos outros fatores que contribuem para o bem-estar, o que significa que muito mais do que indicadores restritos de PIB *per capita* devem ser considerados na aferição de bem-estar.

Uma das dificuldades de se encontrar uma alternativa para o PIB é encontrar uma medida de igual simplicidade e clareza intuitiva. Conforme dito pro Henk Molenaar: "Precisamos de um conceito único, poderoso que rivalize com crescimento como paradigma de desenvolvimento" (Molenaar/Relatório: 3). Participantes do colóquio enfatizaram que um conceito igualmente poderoso precisaria ser social e relacional para ser convincente como uma medida de bem-estar.

A escolha de um indicador como decisivo (PIB *per capita*) teve pouca probabilidade de conferir uma indicação exata do bem-estar em uma sociedade. No colóquio, Dean Baker, vice-diretor do Centro de Pesquisas Econômicas e de Gestão em Washington DC, deu um exemplo gráfico de uma diferente área:

> Para efeitos práticos, nenhum economista sério argumentaria que crescimento econômico é uma medida completa de bem-estar. É uma medida útil da mesma maneira que peso é uma medida útil para se determinar se uma pessoa é saudável. Se uma pessoa tem peso próximo ao ideal, não significa que ela não sofra de câncer ou alguma outra doença fatal. Contudo, se ela está 20 quilos[23] abaixo ou acima do ideal então é provável que tenha um problema sério de saúde. (Baker/Relatório: 4)

23. NT: aproximado de 22,28 kg, equivalente a 50 lb no original em inglês.

O colóquio debateu a questão da *accountability* na profissão econômica, com o argumento sendo levado ao ponto de que há um problema mais profundo que meramente a tomada da medida errada. Alguns comentadores argumentaram que economistas deveriam ser muito mais abertos a melhorar parâmetros econômicos baseados em valores e suas aferições do bem comum – particularmente quando confrontados com as consequências de eventos no mercado financeiro.

A máxima da antiga teoria da administração (Peter Drucker) de que o que se mede é o que se administra pode ser aplicada aqui. Assistência e atividade voluntária geralmente não figuram em cálculos econômicos, embora tenham profundos impactos na qualidade de vida para muitas pessoas.

Muitos aspectos da vida social são desconsiderados ou tornados invisíveis pela ideologia de mercado. Nicky Pouw (Universidade de Amsterdã) ressalta as limitações de análises e previsões econômicas na crise financeira:

> Se há uma razão primária pela qual economistas falharam em prever a atual crise financeira é devido à subestimação vulgar das forças destrutivas do que chamo de "riscos propulsores". Riscos financeiros que foram subestimados no baixo extremo da distribuição de renda acumularam-se, levaram a perdas de bem-estar e rapidamente afetaram diferentes grupos sociais em diversos países. Artigos que tratam das causas fundamentais desse equívoco sempre mencionam pelo menos uma das seguintes razões: (i) uma crença tola no perpétuo crescimento econômico; (ii) abuso de modelos econômicos; ou a falta de ética ou imoralidade no setor financeiro. O âmago da questão, entretanto, está nas interconexões[24].

24. Para a íntegra da contribuição de Plouw, ver www.thebrokeronline.eu/Blogs/Bellagio-Initiative/The-gist-of-the-matter-is-in-interconnections (acessado em 12 de junho de 2012).

Plouw também cita a crítica de Paulo Krugman do desempenho de economistas na continuação da crise econômica (em que culpa também a si próprio) (Krugman 2011). Esse é um tema recorrente na análise de Plouw[25].

Katherine Zobre afirma que:

> Economistas e cidadãos subvalorizaram sistematicamente os recursos e atividades que permitem à raça humana a sobrevier e prosperar. É nisso que a ética falhou. Eles se tornaram bens não mercantilizados e assim desvalorizados em uma cidadania global dependente do mercado. (Zobre/Report: 7)[26]

Isso significa que precisamos focar o lado social como dimensão de modo a aceitarmos um deslocamento paradigmático e começarmos a reimaginar o desenvolvimento. Allister McGregor apoia essa noção argumentando que todos os sinais apontam para o fato de que:

> A visão liberal ou residual da reprodução social não é mais sustentável... Nós não podemos esperar que uma reprodução social positiva ocorra por acaso ou como resultado de boa vontade de alguns membros da sociedade e de mulheres em sua maior parte. (McGregor/Report: 7)

"Novas tecnologias de informação e comunicação": colóquio virtual

O colóquio tratou das seguintes áreas:

- Tema 1: Qual é o valor em focar o desenvolvimento internacional como bem-estar humano? O que se quer dizer com TICs nesse contexto?

25. Plouw explora seu argumento em seu blog www.thebrokeronline.eu/Articles/When-growthis-empty (acessado em 12 junho 2012).

26. Katherine Zobre, mestre em Estudos de Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Amsterdã.

- Tema 2: De que maneiras TICs podem melhorar os modos de convivermos bem? Que estudos de caso particulares existem ilustrando isso?
- Tema 3: Quais novas tecnologias, comunicações e plataformas estão disponíveis que possam ser benéficas?

O consenso geral nesse colóquio global foi o de que a tecnologia não resolverá por si própria problemas de desenvolvimento. Compreender o contexto no qual ela será usada, levando em consideração a aptidão técnica das pessoas envolvidas e examinar os impactos desejados parecem todos fatores que contribuem para aplicações bem-sucedidas. Baixa tecnologia (de SMS a gravações cassete) podem frequentemente proporcionar soluções de alto valor. Foi dado o exemplo de uma comunidade que devolveu equipamento antigo e de baixa tecnologia (gravações cassete) como documentação do impacto do HIV/AIDS em uma comunidade no Quênia. Há exemplos de TICs que tiveram grande impacto, como a "infolady", um esquema desenvolvido em áreas pobres rurais no Bangladesh. Mulheres andam de bicicleta, munidas de dispositivos como computadores portáteis e celulares GSM oferecendo serviços de informação ao vários grupos-alvo: mulheres grávidas, fazendeiros, crianças e garotas adolescentes. Elas proporcionam importantes informações práticas sobre saúde, educação, agricultura, emprego e assessoria jurídica. Conforme explicado por uma "infolady" em uma recente entrevista a um jornal britânico, "foi um escândalo quando eu comecei com minhas voltas há dois anos apenas com um celular. Agora é praticamente um fenômeno". As pessoas cujas vidas ela está moldando tratam-na como uma heroína. Um vídeo de Al Jazeera incluído no colóquio mostra o potencial de se andar de bicicleta de vila em vila (até 20 por dia), por exemplo, fazendo exames

básicos de saúde pré-natal e fotografando áreas cultivadas (quiabo) para obter assessoria agrícola para um agricultor interessado. Há 23 destas *infoladies* em Bangladesh, demonstrando o potencial de prover conexão a serviços essenciais e informação com novas tecnologias[27].

Uma lista com mais exemplos mencionados durante o colóquio é dada no relatório completo do colóquio virtual[28].

A mensagem afirmou claramente que TICs podem permitir melhoras em bem-estar, mas que muito mais é necessário para que se consiga mudanças positivas. Um participante (Ken Banks, kiwanja.net) encapsulou esse sentimento ao dizer: "Comecemos com as pessoas, depois o problema. E depois a tecnologia".

É importante reconhecer que o que as pessoas valorizam e os usos que elas fazem da tecnologia pode não ser aquilo que os fabricantes de TIC inicialmente presumiram. Avaliações de TICs tornam-se cada vez mais complexas quando são aferidas a partir de critérios de bem-estar do que quando são aferidas pelo retorno econômico aos produtores (Robin Mansell, professor da Faculdade de Economia de Londres – LSE).

"Os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul): países de crescimento rápido e em desenvolvimento recente": Nova Délhi, Índia

Muitas tendências comuns aos países BRICS foram identificadas, como o crescimento da riqueza nacional, aumento na propensão de doar e crescente número de fundações familiares. Ao mesmo tempo, apoio bilateral e multilateral por parte dos países doadores

27. Ver http://prezi.com/gwngk_gxakkf/the-bellagio-initiative-online-forum/
28. Ver www.bellagioinitiative.org/wp-content/uploads/2011/10/Bellagio-ICT.pdf p. 6.

tradicionais teve declínio. Novas tecnologias estão tendo impacto. Graças a esses fatos, estão surgindo oportunidades, incluindo crescente participação cidadã; um movimento de perspectivas de caridade às abordagens de investimento social; crescente mobilidade levando a doações ao exterior/por diásporas; o uso de mídia e de redes sociais; possibilidades de aproveitamento de inovações. Conforme a filantropia cresce, muitos desafios também estão surgindo. Liderança mais confiável é necessária, tal como melhor coordenação no setor. A interface entre fundações e o Estado é muito significativa em todos os países BRICS. Sonegação fiscal é um problema que atrapalha o engajamento civil. Adicionalmente, impostos e encargos governamentais desencorajam ativamente doações para o exterior. Novos recursos em países BRICS foram identificados, incluindo os "novos abastados", muitos dos quais são indivíduos de patrimônio líquido elevado; a ascensão da classe média; filantropia de risco, empreendedorismo social, microfinanças e doação por legado; instituições religiosas; redes comunitárias; e fundos familiares.

Muitas propostas foram feitas acerca de como capitalizar essas novas oportunidades de financiamento. Elas centraram-se no desenvolvimento do setor, através da elevação de seu perfil, investimento em capacitação e profissionalização, e trabalho através de redes e associações. O desenvolvimento do setor também precisa garantir que boas avaliações e monitoramento e avaliação fortes caracterizem o trabalho no setor – e naquele de atuais e potenciais doadores – estimulando-se a filantropia, compreendendo o bem-estar e a educação e envolvendo novos doadores. Também precisa-se trabalhar no aperfeiçoamento da infraestrutura legal para o setor e na manutenção de altos padrões, bem como na compreensão de papéis em mudanças dos agentes do desenvolvimento. A profissionalização

do desenvolvimento e de organizações filantrópicas é necessária, por exemplo, através da concessão de treinamento certificado para membros de diretorias garantindo altos padrões de governança. Liderança forte e decisiva também é necessária. Fundações precisam orientar-se mais por negócios em suas abordagens aos governos e corporações.

Mais dados são requeridos pelo setor como um todo. Cooperação entre pesquisadores acadêmicos precisa ser fortalecida e é necessária melhor coordenação entre doadores, fundações e agentes em tópicos semelhantes ou com atividades na mesma região. Há maior escopo para fundações formarem redes nos países BRICS.

Finalmente, "doações sem fronteiras" deveriam ser facilitadas em cooperação com governos. Uma importante questão para o futuro é: onde espera-se que a classe média esteja economicamente em 20 anos e qual potencial ela irá oferecer?

"Países de Renda Média": Budapeste, Hungria

Algumas das tendências observadas foram similares àquelas identificadas no grupo dos BRICS; por exemplo, crescente mobilização local de recursos e mais uso de tecnologias. Entretanto, outras tendências foram únicas aos Países de Renda Média, como a contínua falta de uma cultura de doações; uma falta de credibilidade do terceiro setor; ausência de deduções fiscais ou procedimentos complicados para doações para caridade; suspeita de financiamentos estrangeiros por parte dos governos; maior envolvimento de pessoas jovens nas tomadas de decisão.

No exame de oportunidades, algumas similaridades foram traçadas com o grupo dos BRICS, como uma crescente participação cidadã; solidariedade através de redes sociais; aumento no empreendedorismo; e maior ênfase em impacto e investimento no terceiro

setor. Diferentes oportunidades também existem para os PRM, como o crescimento exponencial no uso de redes sociais; liderança jovem; retirada do financiamento governamental ou internacional; cultura corporativa "limpa"; ambiente legal favorável à filantropia; crescimento do terceiro setor; a importância da sociedade civil; e as ressonâncias positivas de "caridade" na cultura/religião.

Impostos também foram um desafio para os Países de Renda Média, com sistemas complicados ou ausência de incentivos fiscais às doações. No entanto, governos criaram outros desafios para esse grupo com leis inflexíveis e requisitos de reporte excessivos. A falta de confiança no setor (ou até de compreensão sobre ele) surgiu até mais fortemente nesses países, em particular nos países anteriormente socialistas em que não há tradição filantrópica. Há também ceticismo em relação à responsabilidade social corporativa. Apesar de crescimento exponencial no uso de redes sociais ter sido identificado como uma oportunidade, somente as gerações mais jovens tendem a usar a internet e cartões de crédito não foram adotados em larga escala, o que restringe o uso de doações *online*. Há, ademais, falta de confiança em doações *online*.

Novos recursos identificados incluíram indivíduos de alto patrimônio líquido; filantropia de risco; redes comunitárias; grupos de base religiosa; administradores abastados e administradores de renda média. No entanto, os países de renda média também sentiram que há recursos únicos a sua disposição, como a juventude e movimentos de solidariedade.

Novas ideias de como capitalizar essas novas oportunidades foram geradas pelo grupo: através de redes/consórcios de indivíduos abastados; perdão de dívidas para filantropias; subsídio cruzado de países ricos em petróleo para países mais pobres; mais doações corporativas estratégicas; educar crianças de modo a

conscientizá-las socialmente; e inovação social através de tecnologias locais.

Um novo conjunto de propostas práticas também surgiu: mais apoio ao envolvimento da juventude; reconhecimento de diferentes concepções de filantropia; elaboração de uma estratégia global para a promoção de filantropias locais; institucionalização da cultura de doação; e proveito de oportunidades apresentadas pelas novas mídias.

Duas questões para o futuro são:

1. O exame da relação entre filantropia privada e organizações internacionais como as Nações Unidas e a União Europeia (UE).
2. Explorar o papel da comunicação em filantropia, como as notícias são compartilhadas e as histórias são contadas, bem como compreender comunicação como uma estratégia e ferramenta.

"Mercados Emergentes": Accra, Gana

Esse colóquio ressaltou desde seu princípio que africanos não deveriam se sentir restringidos às definições existentes (do norte global) de filantropia. Eles quiseram ressaltar suas próprias tradições de mutualidade e de responsabilidade comunal ou coletiva, que requerem conceitos de filantropia que integrem não só doações financeiras, mas comprometimento de tempo, recursos e apoio. Algumas pessoas em países de renda média também reconheceram que há diferentes conceitos de filantropia.

Tipos de engajamento filantrópico na África variam substancialmente, requerendo exame. Em muitas partes da África, predomina a economia monetária, então seriam os bancos capazes de estabelecer sistemas de apoio encorajando doações regulares? Grande parte da filantropia é altamente pessoal, mas podem as doações

estratégicas serem desenvolvidas de maneira mais eficiente? Importantes doadores internacionais buscam projetos de larga escala ou ONGs internacionais para apoiar, então é possível que isso mude a dinâmica e reduza organizações menores a um papel de prestação de serviço? Similarmente, é possível que a escala de fontes externas de recursos e o surgimento de filantropos extremamente abastados prejudique formas de filantropia Africanas de base ampla e mais tradicionais? Estão os indivíduos de alto patrimônio líquido, que frequentemente apoiam áreas tradicionais como saúde, educação e infância, focando suas doações da maneira mais eficiente e dão seu apoio de uma maneira sustentável?

Tecnologia surgiu novamente como uma oportunidade para a filantropia na África, mas há variações nacionais, por exemplo, doações por SMS estão se mostrando eficientes no Quênia, mas nem tanto em outras partes.

A África possui recursos e riqueza. Frequentemente ressalta-se que é um continente rico com muitos pobres. Em muitos países africanos a classe média está se expandindo com rapidez, assim como em outras regiões, e o número de indivíduos de alto patrimônio líquido está crescendo. Bem como identificado pelo grupo dos países de renda média, o potencial humano de um continente jovem gera muitas oportunidades.

Esse grupo sentiu que durante o desenvolvimento de novas estruturas é necessário um balanceamento cuidadoso entre eficiência em doações e reconhecimento de que desenvolvimento é um processo social. Soluções voltadas para o mercado perigam reduzir o mundo social ao quantificável. Modelos do setor privado não podem ser replicados diretamente para tratar de questões de desenvolvimento.

Diversas questões para o futuro foram identificadas:

- Desenvolvimento adicional de conceitos africanos de filantropia, levando em consideração tradições comunais, culturais e sociais da África;
- Consolidação adicional de informação sobre a diversidade filantrópica da África;
- Trabalho adicional coordenado em estruturas regulatórias que incentivam e facilitam doações; fortalecimento de mecanismos de *accountability*; diálogos com corporações, sociedade civil e academica; e apoio aos líderes de boas causas.

"Organizações Não-Governamentais Internacionais Multi-Mercado": Amsterdã, Países Baixos

Ao analisar o ambiente no qual organizações filantrópicas operam, esse colóquio identificou muitos fatores examinados em outros encontros. Eles incluíram, por exemplo, a criação de incentivos fiscais onde não havia e a simplificação de registro e regulação do terceiro setor. Esse colóquio também mencionou alguns novos fatores como a criação de veículos de doação planejada onde não havia; incentivos ficais estratégicos; possivelmente incentivando causas particulares e mídia; condução de mudanças no sistema bancário de modo a permitir pagamentos eletrônicos; remoção de requerimentos de registro múltiplo de ONGs internacionais; criação de "Zonas de Desenvolvimento" para a filantropia, proporcionando acesso a incentivos governamentais, registro acelerado, acesso a parceiros universitários (para treinamento e novos funcionários) e o desenvolvimento de fundos de investimento para filantropia.

A educação em filantropia surgiu novamente como uma questão-chave. O grupo sugeriu o desenvolvimento de recursos de ensino que ilustrem as melhores práticas para organizações do terceiro

setor grandes bem como pequenas; desenvolver núcleos de conhecimento ou locais centrais para captadores de recursos acessarem recursos de ensino e aprendizado; a introdução de destacamentos a ONGs internacionais para funcionários de organizações do terceiro locais de pequeno porte; e o desenvolvimento de programas de qualificação.

O tópico de dados e pesquisa também foi elaborado nesse encontro. Prioridades de pesquisa e recomendações identificadas incluíram: o estabelecimento de dados sobre o patamar de doações mercados de captação de recursos emergentes; fornecimento de informação a respeito de doadores – quem doa, por que doa, como doa, como vê sua filantropia, fatores que encorajem outros a doarem, eficiência de diferentes canais de comunicação, cifras básicas sobre desempenho em captação de recursos; pesquisa sobre as atitudes das gerações mais jovens; e pesquisa sobre a psicologia de doações.

Agentes devem buscar novos modos de agregar valor à relação; pesquisar a difusão de inovações em captação de recursos e identificar modos de se alcançar inovadores em captação de recursos que podem estimular a filantropia entre seus grupos. Devem também explorar possibilidades de aprendizado de como outras indústrias lidaram com questões de globalização; estabelecer para governos uma base de evidência sobre porque uma filantropia crescente é desejável e com que contribuiria, tanto para os beneficiários de caridade como a sociedade como um todo (por exemplo, capital social); e a elaboração de um "ferramental" de ideias para governos almejando o crescimento da filantropia.

O colóquio sugeriu que há necessidade de: desenvolvimento por parte de ONGs internacionais de uma campanha global de conscientização e de educação dos principais setores públicos de modo a melhorar a colaboração entre organizações na propagação das

mensagens mais importantes; melhorar a compreensão do que pode ser alcançado através do investimento em desenvolvimento; encontrar novos caminhos de se abordar doadores emergenciais de modo a preservar seu apoio; focar filantropias individuais crescentes mais do que técnicas de captação de recursos; e gerar valor agregado para doadores, permitindo-lhes uma variedade de impactos para uma determinada causa.

Questões que precisam ser resolvidas são: melhora da qualidade e acessibilidade de medidas de impacto; medidas para melhorar a má imagem do setor; educar o público a respeito da realidade das instituições de caridade modernas e o que devem olhar nas organizações que apoiam (por exemplo, a não arrecadação de recursos e os custos administrativos); elaborar/promover um plano de *accountability* de ONGS internacionais. Há necessidade de educar o público não somente sobre o desempenho, mas sobre com o que um bom desempenho deve se parecer; e o possível desenvolvimento de acreditações internacionais para que ONGs de desenvolvimento possam expandir a confiança pública.

Em termos de audiência e canais, foi ressaltado o potencial de expansão entre a juventude e a classe média, bem como geograficamente, particularmente em mercados emergentes.

As principais questões para o futuro são: pesquisa empírica adicional uma vez que existam numerosas hipóteses para as quais o desenvolvimento de uma base de evidência ajudaria averiguar o que de fato ocorre. Isso incluiria pesquisa sobre *crowding in* e *crowding out* de filantropias locais; *crowding in* e *crowding out* de atividades de captação de recursos; e o aliciamento dos funcionários mais bem qualificados, que são atraídos por salários melhores nas ONGs internacionais.

Resumo e principais argumentos dos Colóquios Globais

Há uma série de temas que foram recorrentes em todos os colóquios. Eles incluíram as seguintes áreas:

Desconexões: desenvolvimento e pessoas

A distância entre o nível de implementação de projetos financiados, governos e outros doadores é grande demais. Protestos globalizados recentes e eventos violentos indicaram o sentimento de massas de não estarem mais em contato com instituições de governança. Falta de confiança nos partidos políticos governantes e, em muitos casos, a classe política estabelecida, foi fortemente articulada ao longo do processo. No rastro da crise econômica, a crítica foi fortemente direcionada às instituições financeiras, incluindo bancos. Esse foi um tema que recorreu contundente ao longo do processo, com participantes nos Colóquios Globais e na Cúpula ressaltando desconfiança em instituições políticas, sociais e econômicas. Articulou-se crítica à falha do "sistema de auxílio" de efetuar a promessa do desenvolvimento, e a tendência das comunidades em nível de implementação de considerarem auxílio multilateral e bilateral, ONGs externas e fundações estrangeiras como entidades distantes que prometem muito mais do que realizam e das quais não se pode depender. Houve muito pouco juízo de que instituições públicas existam para o bem comum e ainda menos que elas promovam ativamente os interesses dos pobres e marginalizados.

> Desafios de governança foram estabelecidos e tratados em nível demasiado alto. Tentativas de tratamento dos problemas em nível alto demais podem tornar as soluções ainda mais difíceis de serem encontradas. Devido aos interesses determinados em nível tão alto,

> pode ser impossível progredir por inteiro até que todas as partes entrem em acordo. (Londres: Governança e Regulação)

Há necessidade de engajar com jovens e em particular e sociedade civil em geral

Engajando com jovens

Praticamente todos os Colóquios Globais ressaltaram a importância de se trabalhar com jovens. Jovens são vistos como a voz do futuro, um recurso para ativismo, promoção de causas e auto-ajuda relativamente subdesenvolvida, uma fonte de renda filantrópica e uma base de apoio que compreende e pode usar novas tecnologia de maneira eficiente. Jovens também são vistos como particularmente desprovidos de recursos políticos:

> Eu trabalho muito com jovens. Eles não se sentem parte deste país, ou parte desta sociedade. Olhe o documento de identidade básico. Você o solicita e ele demora demais. Jovens formam suas próprias redes sociais porque ninguém se preocupa conosco. (Délhi: Urbanização)
>
> Nós precisamos ir além da provisão de acesso à internet... Nós precisamos treinar pessoas a mudar o jeito como encaram as coisas, transformar os jovens em cidadãos ativos conscientes (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento).
>
> Apoio é necessário para o engajamento jovem em política, liderança e debate, através de educação, emprego e criação de espaço para mudança (Budapeste: Países de Renda Média).

Fortalecendo a Sociedade Civil

A maior parte dos colóquios ressaltou a importância de iniciativas que fortaleçam a sociedade civil. Organizações da sociedade civil são vistas como mais perto das pessoas:

> Mais do que continuar tentando exercer influência em níveis mais altos de modo a acarretar mudanças estruturais em gestão cujos impactos em distribuição de renda e bem-estar são questionáveis desde o princípio, precisamos retomar o apoio à sociedade civil (Colóquio Virtual: A Economia Inclusiva).

Porém, a sociedade civil não é vista como não problemática:

> Mas enquanto espaços para criação e contestação são abundantes mundo afora, eles são desconectados, logo incapazes de desafiar o discurso dominante (Colóquio Global: A Economia Inclusiva).

Também foi visto como crucial distinguir entre ONGs, organizações de sociedade civil e movimentos sociais. Movimentos sociais são coalizões soltas de pessoas que partilham propósitos comuns e solidariedade e que coletivamente desafiam injustiças, opressão e exploração (por vezes chamados de "defensores da vida do mundo" e opondo-se aos "esforços colonizadores do sistema") (Schuurman 2005: 481). Eles têm um potencial de organização transnacional que, de acordo com Appadurai, é vinculado a "sua capacidade de reconhecer e identificar um ao outro, através de numerosos territórios linguísticos, históricos, estratégicos e de localização" (Appadurai 2006: xi). Organizações filantrópicas focadas em projetos e doações normalmente não são preparadas para entrar em parcerias com movimentos sociais que são envolvidos em disputas sociais e políticas[29].

29. Muito da literatura a respeito de movimentos sociais, mobilização e globalização enfatiza a sociedade civil transnacional e participação de ONGs à custa de engajamento público local de pequena escala que apoie estes processos globais (Edelman 2001; Escobar e Alvarez 1992; Lanclau e Mouffe 1985; Touraine 1988; Falk 1994; Price 1998; Sikkink 1998; Keck e Sikkink 1998). Como argumentado por Escobar, "a preocupação com espaço levou a uma marginalização do lugar que tem consequências sobre como pensamos cultura, natureza, desenvolvimentos e similares" (1999: 292).

Do Cairo a Délhi ou Kinna, falou-se sobre como qualquer um consegue montar uma ONG facilmente, mas como poucas realmente impactam em bem-estar de pessoas e como isso tem um impacto negativo significativo em percepções de ONGs. ONGs podem exercer o papel de cancelas e precisam prestar contas diretamente:

> Nós criamos um projeto coletivo gerido por organizações em nível de implementação; isto é o oposto de uma ONG intervindo em realidades locais. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)
>
> Nós precisamos limitar o papel de intermediários que se põem entre filantropias e grupos em nível de implementação. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)
>
> Estima-se que existam de 3 a 4 milhões de ONGs. Há poucas que têm feito um trabalho decente. Frequentemente são fundadas por burocratas aposentados, sugando fundos governamentais e agindo como contratantes. Essas imagens assombrarão a credibilidade do setor. (Delhi: Urbanização)

O foco em Kinna foi sobre "investir em organizações que prestam contas às suas bases de apoio".

> O foco deve estar em transformar sintomas em causas as doações, sem colocar ONGs no centro. (Délhi: BRICS)

Em Budapeste, participantes falaram sobre a falta de credibilidade no terceiro setor.

Isso levou a duas conclusões comuns: (i) que o terceiro setor precisa ser apoiado para que possa ser visto como prestando contas e transparentes às comunidades que atende; (ii) crescente ênfase deve ser dada a organizações de sociedade civil locais ou no nível de implementação, em vez de ONGs e ONGs internacionais.

Elaborando sobre forças existentes

Na maior parte dos colóquios, houve forte crítica de organizações de fora que trazem soluções imponentes. Essas soluções são vistas como solapando soluções locais que frequentemente já funcionam de maneira eficaz (e talvez necessitem de estímulo e apoio) ou que poderiam ser elaboradas localmente de maneira sensível à cultura com muito mais entusiasmo por parte daqueles por elas afetados.

> Não queremos ter ou formar nenhuma organização nova, já possuímos estruturas – peçamos aos filantropos internacionais que trabalhem com elas. (Kinna: Vivendo com Mobilidade)
>
> Desenvolvimento não se trata somente de criar coisas novas, mas também de valorizar o conhecimento tradicional. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)
>
> Aprender com as filantropias "pobres": a maior parte de fato vai para serviços sociais, mas isso não é necessariamente *ad hoc*. Talvez existam mais modos nos quais essas doações possam ser planejadas sem sobre-regulação. (Délhi: BRICS)

Como informado pelos participantes em Accra:

> Existe dinheiro na África e a filantropia é inerente a todos os africanos, mas o desafio é fazer com que doem estrategicamente. (Novos Mercados Emergentes: Accra)

Principais questões de desenvolvimento que requerem maior atenção

Os Colóquios Globais identificaram várias questões importantes que não chegam às agendas ou não recebem atenção suficiente. O grupo de urbanização ressaltou como questões rurais dominam tanto o modo em que desenvolvimento é executado (por exemplo, oficiais governamentais da Índia que não têm ideia alguma sobre questões urbanas) e organizado (importantes corporações do desenvolvimen-

to sem estrutura alguma para assumirem sistematicamente questões urbanas). O grupo de Vivendo com Mobilidade notou que, apesar do fato de que praticamente toda economia mundial é dependente de mobilidade, a mobilidade como meio de vida (escolhido ou forçado) quase não é reconhecida como uma questão de desenvolvimento, e muitos governos encaram comunidades móveis como ameaças. Um novo paradigma de desenvolvimento que realmente inclua comunidades móveis faria enorme diferença. Uma terceira questão, considerada crítica, foi a de um avanço considerável na compreensão de como todas essas questões se interrelacionam. No nível local, isso realça a importância do bem-estar incorporar imperativos materiais. A importância de atender à economia de assistência, garantindo o senso de segurança das pessoas, e proteger a dignidade das pessoas foi constantemente reiterada através dos colóquios:

> A situação de baixa segurança e ausência de proteção para os cidadãos contra pequenos crimes ou crimes organizados têm feito com que pessoas se sintam amedrontadas e mais vulneráveis. (Cairo: Liberdade e Bem-estar)
>
> Uma de nossas principais preocupações é relacionada com a segurança – "saber que você será capaz de viver amanhã" e "ser capaz de antecipar questões com as quais você se depara" são vistas como cruciais ao bem-estar. Ameaças à segurança pessoal são maiores devido ao colapso de normas comunitárias e ameaças à segurança econômica devido às rápidas mudanças em cidades significam que pessoas não têm segurança quanto às suas subsistências e que despejos são comuns. (Délhi: Urbanização)

Um dos aspectos dessa série de colóquios foi que a palavra "dignidade" e as narrativas que a acompanham foram muito mais

evidentes que conceitualizações de desenvolvimento mais dominantes, como "direitos". Dignidade foi vista como uma dimensão crucial de bem-estar. Participantes no colóquio de Cairo ressaltaram que pessoas que se levantaram contra regimes lutaram por dignidade tanto quanto por pão. Eles apelaram por "assegurar as condições mínimas a uma vida digna aos trabalhadores informais" (Cairo: Liberdade e Bem-estar). Em São Paulo, dignidade foi vinculada à autonomia:

> Permitir autonomia ajuda lidar com questões de dignidade, identificadas como um elemento essencial ao bem-estar. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)

Em nível global também há uma necessidade de uma compreensão mais holísticas das questões.

> Compreensão insuficiente da medida e natureza das interdependências globais. Isso foi ilustrado pelo fato que poucos analistas ou profissionais do mercado financeiro globais tenham previsto o alastramento da crise financeira de suas origens nos mercados de dívidas dos EUA e Reino Unido a economias ao redor do mundo. (Londres: Governança e Regulação)

Similarmente, revoluções no norte da África foram completamente imprevistas pela "indústria do desenvolvimento".

Os potenciais de promotoras de causas e de corretagem política das filantropias foram ressaltados mais de uma vez. Isso é algo que não é comum em filantropias africanas ou asiáticas, mas filantropias podem exercer um papel poderoso no aumento do destaque de questões que precisam ser tratadas de maneira tal como o historicamente feito com questões como a escravidão.

Governança

Governança foi uma preocupação primordial nos colóquios. Foi largamente tido que se não acertarmos a governança, será difícil acertar qualquer outra coisa.

> Um dos principais desafios à promoção de bem-estar e liberdades nesse estágio da história egípcia é a má qualidade da governança por parte das forças armadas durante essa fase transitória. (Cairo: Liberdade e Bem-estar)
>
> O desafio da governança global e regulação em um mundo em globalização é o estabelecimento de um conjunto eficaz de organizações e instituições que nos apoie em nossas tentativas de convivermos bem e de lidarmos com crescentes níveis de desgaste e ameaça que crises naturais e originadas pelo homem trarão sobre nós. (Londres: Governança Global e Regulação)
>
> Se você quer por dinheiro em cinco outras disciplinas, esqueça. Se você quer por dinheiro na disciplina de administração, isso terá mais impacto. (Délhi: Urbanização)

Similarmente apoiando o desenvolvimento de uma base fiscal, a infraestrutura de arrecadação de impostos e o poder de agir contra sonegação fiscal foram amplamente discutidos em Londres e Délhi e levantados também em outros colóquios. Diferentemente de outras questões levantadas, governança não é vista como negligenciada, mas mais como uma questão crucial que filantropos entendem como responsabilidade de algum outro (geralmente do governo). Frequentemente a considera-se intangível, de pouco destaque e pouco atraente como questão filantrópica (por exemplo, não há imagens de "antes e depois" de crianças esfomeadas ou analfabetas a serem mostradas). Mesmo assim, é provável que seu impacto nessas questões seja muito maior que em projetos de investimento direto. O

desafio consiste então em filantropos assumirem por completo e compreenderem que em um mundo onde papéis estritamente definidos para cada setor podem estar em colapso, há um grande potencial em seu envolvimento com questões de governança.

Crescimento e desenvolvimento: para quem?

Houve uma consistente mensagem na maior parte dos colóquios de que o desenvolvimento estaria perpetuando maior desigualdade e que muitos dos mais pobres estariam em pior situação com seu resultado:

> Agora que a "civilização" chegou, tudo ficou mais difícil para a minha gente... O governo fez coisas terríveis em nome do desenvolvimento... Esse tipo de investimento não é bom para povos locais. Não é o que eles querem. Seus lugares sagrados estão sendo vendidos. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)

Até mesmo supostos "investimentos verdes" podem estimular grilagem e projetos de infraestrutura ambientalmente destrutivos (incluindo construção de represas) (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento). Os problemas na Délhi urbana foram articulados de maneira igualmente clara. Desenvolvimento de infraestrutura tende a significar que pessoas sejam despejadas das vizinhanças em que vivem:

> Para atrair investimentos, as cidades têm de estar em classe mundial, para estarem em classe mundial, têm de ter projetos de infraestrutura enormes. Todos esses inevitavelmente despejaram pessoas em enorme escala. Isso impactou em subsistências e transporte. (Délhi: Urbanização)
>
> Em Délhi, o metrô veio e pessoas foram despejadas. (Délhi: Urbanização)

Elas são despejadas também do trabalho que exercem.

> Durante os Jogos do *Commonwealth*, negociantes foram despedidos. (Délhi: Urbanização)
> Para muitos dos pobres urbanos, suas vidas são como uma bola de futebol. Você faz planos de reassentar pessoas já estabelecidas. Elas não têm como equiparar essa força. Porque a Délhi central não tem pobres? É uma nova forma de *apartheid*. Nós queremos que eles trabalhem [no centro] durante o dia. [E depois mandá-los de volta às periferias à noite.] (Délhi: Urbanização)

Desigualdade e desempoderamento e o sentimento de marginalização e vulnerabilidade causam profundo descontentamento em pessoas. Exemplos estão se proliferando – a Primavera Árabe, o Movimento Ocupe, protestos contra medidas de austeridade em um número crescente de países – de fato isso está "Repercutindo em Todo Lugar"[30] (Mason 2012). Mídias de comunicação modernas implicam que pessoas estão extremamente conscientes de condições em outras partes. Quer tratando-se dos estilos de vida dos ricos, quer do efeito em contágio da Primavera Árabe, pessoas estão vendo o que ocorre em países vizinhos com os quais comparações são feitas. Desigualdades estão se aprofundando em muitos países. Jovens em particular sentem que não há futuro para eles nos arranjos sociais existentes, então rebelam-se. A mídia moderna significa que notícias espalham-se em rapidez assombrosa.

> Desigualdade foi identificada como um tema em que a filantropia poderia trabalhar em nível mais sistêmico e o trabalho da *Mo Ibrahim Foundation* na África e o trabalho sistemático na área da educação na

30. "Kicking Off Everywhere".

> Europa Oriental foram vistos como exemplares. (Londres: Governança Global e Regulação)

Houve também forte apelo para que organizações filantrópicas sejam mais estratégicas em seus financiamentos e que se afastem de investimentos à base de projetos de curto prazo.

Muitos desses problemas poderiam ser mitigados se financiadores (filantropos e outros) conseguirem investir em muitas das questões levantadas (boa governança, forte regulação, engajamento cidadão difundido, sociedade civil fortalecida, prestadora de contas, e apoio a soluções tradicionais e locais novas).

O papel da filantropia

Nos Colóquios, houve algumas mensagens consistentes sobre filantropias e filantropos.

Em muitos países em que os Colóquios Globais foram realizados, notou-se que pessoas frequentemente viam filantropos como sendo iguais ao governo ou às ONGs. Aqueles conscientes de organizações filantrópicas quase invariavelmente consideram suas forças residindo em sua capacidade de tomar riscos:

> A filantropia internacional estaria bem posicionada para contribuir através de sua habilidade de assumir riscos e investir em novas abordagens. (Kinna: Pessoas em Movimento)

Outras mensagens fortes através dos colóquios foram os apelos às filantropias para elaborarem sobre seu histórico de promotoras de causas (por exemplo, deslocando-se de anti-escravidão à revolução verde). Como organizações podem promover o "direito à mobilidade" ou ajudar a por a economia assistencial no centro da

política internacional e das agendas econômicas? Filantropos são vistos com vantagens comparativas neste caso.

> Ciclos de projetos de curto prazo não permitem a integração de aptidões que melhoram a autonomia. A integração de aptidões em treinamentos em administração, finanças e organizacionais pode tomar tempo considerável. (São Paulo: Sustentabilidade e Crescimento)

Organizações filantrópicas têm um histórico de fazê-lo, e não se deparam com as limitações do governo ou negócios que requerem resultados no curto prazo, ou por ciclos eleitorais, ou porque precisam demonstrar lucros. Essas intervenções estratégicas devem focar cada vez mais a capacitação da sociedade civil, boa governança e administração (como argumentado anteriormente). Aqui também os filantropos têm vantagem comparativa:

> As empresas preferem financiar coisas tangíveis, sem se envolver com justiça social ou promoção de causas. Eles preferem causas de grande destaque. (Accra: Novos Mercados Emergentes)

Isso também é verdade em grande parte das filantropias contemporâneas, mas caso olhem para trás, para suas origens, podem redescobrir suas vantagens comparativas no apoio de processos de desenvolvimento progressivamente localizados.

As constatações dos Colóquios Globais e Estudos Encomendados foram concebidos como parte integral da Iniciativa Bellagio. Elas proporcionaram um meio de dar voz a diferentes perspectivas e relatos de primeira mão sobre os diferentes desafios e diferentes oportunidades para a proteção e a promoção do bem-estar humano. Também serviram como fonte adicional de material informativo à Cúpula Bellagio, a qual nos focaremos agora.

A Cúpula Bellagio

Introdução

A "Cúpula Bellagio sobre o Futuro da Filantropia e Desenvolvimento na Busca pelo bem-estar humano" (daqui em diante chamada de Cúpula Bellagio) foi concebida de modo a elaborar sobre e integrar o trabalho feito nos Colóquios Globais e Estudos Encomendados. Esses foram três conjuntos de atividades concebidos como uma iniciativa inclusiva de explorar as seguintes questões abrangentes:

- Quais são as atuais relações entre desenvolvimento internacional e filantropia?
- Como elas podem e devem mudar de modo a melhor protegerem e promoverem o bem-estar humano em meio aos desafios e oportunidades do século XXI?
- Como podemos operacionalizar os resultados do processo deliberativo possibilitado pela Iniciativa Bellagio?

A Cúpula Bellagio representou o ápice das atividades da Iniciativa Bellagio. Extendendo-se por três semanas em novembro de 2011, e realizada no Centro Bellagio da *Rockefeller Foundation* na Itália, ela buscou engajar – através de sessões participativas e pronunciamentos norteadores – para um grupo seleto de profissionais, porta-vozes, empreendedores sociais, doadores e filantropos do desenvolvimento internacional, escolhidos por sua capacidade coletiva de adiantar o pensamento sobre o futuro do desenvolvimento e o papel da filantropia.

As atividades da Cúpula Bellagio foram organizadas em quatro módulos. Elas foram especificamente concebidas de modo a maximizar a participação de pessoas de diversas orientações envolvidas em filantropia e desenvolvimento, encorajando diálogo informal e criação de relacionamentos e facilitando discussões intensas e focadas em três áreas temáticas:

- Tendências e oportunidades em desenvolvimento e filantropia no século XXI;
- Mobilização de novos recursos na promoção do bem-estar;
- Novas estruturas para inovações e ação filantrópicas em um mundo em mudança.

O **Módulo 1** (9-12 de novembro de 2011) explorou "Tendências e Oportunidades em Desenvolvimento e Filantropia no Século XXI". Debatedores em painel e participantes examinaram seus trabalhos em relação à "Proteção e Promoção do bem-estar humano no Século XXI", oferecendo reflexões pessoais sobre seu envolvimento e os valores proporcionados por uma conceitualização de bem-estar. Os participantes avaliaram os "Obstáculos e Motrizes do bem-estar humano", simultaneamente também explorando o sentido em que o "Ecossistema do Desenvolvimento e Fliantropia" está evoluindo e como o bem-estar humano pode ser promovido em tal ecossistema em evolução. Isso incluiu a obtenção de maior compreensão das barreiras sistemáticas ao bem-estar e considerações acerca de inovações com potencial de aumentar ou promover o bem-estar. Finalmente, os participantes do módulo exploraram possíveis ações e parcerias que permitiriam ao sistema do desenvolvimento e da filantropia proteger e promover melhor o bem-estar humano em sua complexidade. Esse primeiro módulo foi caracterizado por uma

abordagem aberta, questionadora e crítica, desafiando o potencial do conceito de bem-estar em aprimorar o trabalho em filantropia e desenvolvimento.

O **Módulo 2** (14-16 de novembro de 2011) examinou "Recursos Futuros para o bem-estar humano". O módulo almejou identificar e priorizar os recursos mais relevantes ou potencialmente impactantes para o desenvolvimento e a filantropia e identificar os próximos passos para ação colaborativa mobilizadora de recursos para o desenvolvimento e bem-estar humano. Os participantes exploraram o modo como tendências atuais afetam os recursos futuramente disponíveis ao desenvolvimento e à filantropia eficazes e identificaram recursos para pesquisa adicional, a saber: (i) financiamento inovador e modelos de negócios – fortunas privadas; (ii) financiamento público; (iii) aptidões, talentos e redes; (iv) voz e ação comunitárias. Quando examinando estes recursos em maior profundidade, os participantes buscaram identificar restrições e viabilizadores. Ao longo do módulo, os participantes prosseguiram à exploração de questões de identificação de arenas para a ação. Este módulo reuniu agentes bastante diferentes que não interagiram previamente. Ele revelou a necessidade de se trabalhar por um entendimento compartilhado de termos, conceitos e perspectivas, bem como da necessidade de consciência quanto aos valores inerentes a diferentes abordagens. Essas discussões foram pautadas por considerável aprendizado mútuo sobre organizações do desenvolvimento e filantrópicas, os termos usados, valores implícitos, e as maneiras em que mobilizam recursos de modo a alcançar suas metas.

O **Módulo 3** (17-20 de novembro de 2011) investigou "Futuras Estruturas para a Colaboração em Desenvolvimento e Filantropia".

A meta desse módulo foi trabalhar o entendimento partilhado sobre as lacunas em colaboração entre agentes filantrópicos e do desenvolvimento; e identificar planos de colaboração específica e ações que organizações e agentes possam iniciar de modo a preencher as lacunas. Depois de compartilharem as conquistas dos dois módulos anteriores, os participantes examinaram como a filantropia encaixou-se no ecossistema do desenvolvimento tanto com questionamento quanto explorando as vantagens comparativas da filantropia. Elaborando sobre os Colóquios Globais – que indicaram que a confiança é uma questão crucial para relações duradouras entre organizações filantrópicas e seus parceiros – participantes exploraram modos de fortalecer a confiança, compartilhamento de informações e complementariedades em meio à filantropia. Esses foram então 'testados' em relação a problemas de desenvolvimento rural e urbano. Esse módulo foi caracterizado por reflexão crítica acerca do trabalho filantrópico e pela consciência da necessidade de se compreender melhor os modos em que organizações filantrópicas trabalham em meio ao ecossistema do desenvolvimento.

O **Módulo 4** (21-22 de novembro de 2011) sobre "Síntese e Fechamento", buscou incorporar conteúdo significativo dos três módulos anteriores, requerendo aos participantes explorar o potencial de síntese com um foco particular em ações futuras. Nesse módulo, seis desafios prioritários, identificados nos outros módulos, foram explorados em maior profundidade, que foram: (i) poder, política e valores; (ii) dimensionando ideias inovadoras; (iii) administrando riscos; (iv) questões financeiras; (v) confiança; e (vi) capacitação. Esse módulo concluiu a Cúpula Bellagio especificando compromissos de ação e importantes mensagens para que o desenvolvimento e filantropia coadjuvem mais eficientemente na busca pelo bem-estar

humano. As propostas específicas de "compromissos de ação" foram condensadas em 15 itens no "Memorando da Cúpula Bellagio", disponíveis separadamente[31].

As sessões seguintes condensam as discussões da Cúpula Bellagio em um resumo do ecossistema do desenvolvimento e filantropia e dos seis desafios prioritários.

O "ecossistema" do desenvolvimento e filantropia em evolução

Desafios ao desenvolvimento internacional e ao bem-estar humano são moldados por muitos fatores diversos e interrelacionados. Mesmo assim, problemas ou questões particulares são frequentemente tratadas separadamente, negligenciando-se as maneiras em que se impactam mutuamente e reforçam uma falta de bem-estar. Lidar com desenvolvimento internacional através de conceitualizações baseadas em bem-estar e em "ecossistema" faz mais jus à complexidade e à natureza interrelacionada das mudanças sociais à medida que se busca compreender o "sistema por inteiro" e suas interdependências mútuas. Akwasi Aidoo[32] propôs que a filantropia deveria ser vista não como um instrumento para desenvolvimento, mas "como desenvolvimento". Assim, uma sociedade deveria ser encorajada a auxiliar a si própria e agentes externos deveriam envolver-se somente quando isso não for possível. Tal abordagem reconhece que a filantropia – e seu papel na relação com o desenvolvimento

31. Ver www.bellagioinitiative.org/wp-content/uploads/2011/12/Bellagio_Aide-m%C3%A9moire_final.pdf.

32. Diretor geral da *TrustAfrica*.

internacional – é um componente central neste sistema geral. Este sistema opera em sua própria dinâmica interna, embora esteja em interação constante com todos outros elementos diversos do ecossistema.

A Iniciativa Bellagio buscou reconhecer o papel altamente significativo que a filantropia exerce, dando ênfase também às suas interações com outros elementos diversos do desenvolvimento internacional. O foco em uma abordagem ao desenvolvimento internacional e à filantropia baseado em ecossistemas permitiu à Iniciativa Bellagio perguntar-se sobre possíveis respostas a estas condições. Perguntou-se, por exemplo, sobre como deslocar-se para além de domínios separados e abordagens fragmentadas, enquanto elaborando sobre o melhor que estes têm a oferecer (como a Declaração de Paris) melhorando o bem-estar humano para todos e assegurando que podemos "viver bem" tanto agora quanto no futuro.

Mapeando o ecossistema

O ecossistema do desenvolvimento – tal como mapeado pelos participantes da Cúpula Bellagio – é caracterizado por uma série de desconexões e falhas. O setor do desenvolvimento frequentemente trabalha isoladamente da geopolítica e do setor privado, há poucas conexões entre oferta e demanda, ou entre inovação e escala. Há apenas poucos mecanismos para a coordenação entre as agências de auxílio. Estas desconexões frequentemente refletem o fracasso da colaboração compartilhada. Adicionalmente, muitas organizações, filantrópicas, de desenvolvimento ou do setor privado, não escutam as pessoas na base ou identificam soluções e conhecimentos alternativos já existentes. A grande desconexão é entre pessoas, o sis-

tema institucional e comunidades, enquanto que as relações entre pessoas e comunidades são geralmente fortes. Apesar de uma tradição de participação em desenvolvimento de longa data, as vozes das pessoas geralmente não integram a tomada de decisão. Instituições frequentemente tratam pessoas como espectadores, não lhes concedendo espaço para co-criação de soluções de desenvolvimento e para as pessoas definirem suas próprias prioridades. Em termos de comunidades, os participantes da Cúpula focaram sobre o desarranjo de comunidades, a exclusão de minorias e desigualdades internas às sociedades. Finalmente, este grupo observou que sistema institucional controla boa parte dos recursos, perpetua a autoridade, é controlado pelas elites, é devagar na adaptação de inovações e omite-se de responsabilidades.

Essas desconexões têm consequências críticas, a saber, que não são todos que possuem voz ou representação adequada no desenvolvimento. Para comunidades pobres, apesar de avanços em desenvolvimento participativo, há pouco progresso no desmantelamento de obstáculos à voz efetiva. São necessárias novas maneiras de melhorar agencia e voz que vão além do mero reconhecimento da importância da política. Precisa da criação de espaços mais participativos. A ênfase deve repousar sobre encontrar novas maneiras que permitam pessoas a ter voz, mas ao mesmo tempo conectando-as com aqueles em posições de poder – que conectem de fato voz à tomada de decisão e à ação. Para aqueles trabalhando em desenvolvimento e filantropia, torna-se possível focar seletivamente sobre uma questão pequena enquanto renegando os problemas de desconexões e falhas, enxergando-as como problema de outrem. Como tal, "pessoas tornam-se espectadoras no desenvolvimento, no qual elas são isoladas e não abordadas".

A virtude de tomar uma perspectiva sistêmica é que ela traz a realização da necessidade de se assumir problemas. Todos participantes da Iniciativa Bellagio são parte do ecossistema do desenvolvimento e estão sendo requeridos a assumirem um sistema, que tanto causa quanto trata, destes problemas de conexão. Todos somos implicados e temos de reconhecer as maneiras em que o ecossistema é ao menos parcialmente disfuncional. O uso do foco em bem-estar leva-nos a reconhecer que não pode existir uma resposta única ao bem-estar. Frequentemente as necessidades de pessoa não estão alinhadas, tampouco coincidem, podendo até serem concorrentes. Mas há espaço para encontrar algum aspecto comum em termos partilhados, reduzir as áreas de desconexão, identificar e resolver divisões e encontrar maneiras de trabalhar mais colaborativamente.

Participantes da Cúpula Bellagio identificaram duas necessidades principais emergindo de seu mapeamento do ecossistema de desenvolvimento:

1. A necessidade de trabalhar por um novo paradigma de desenvolvimento que: aceite o bem-estar (mais do que focar em pobreza como principal motriz); seja enraizado na voz (incluindo juventude), capacidade e práticas comunitárias; estimule, apoie e aceite práticas e inovações nas quais pessoas já estão engajadas; reconheça diversas contribuições (de tempo ou talentos a favor da solidariedade e liberdade, bem como recursos materiais); afaste-se de projetos ou programas de investimento de curto prazo; seja sensível e adaptável às consequências não intencionadas mas que implemente modelos padronizados; ofereça maior foco em dignidade e direitos; reconheça papéis e respon-

sabilidades dentro do desenvolvimento internacional; traga novos e diferentes agentes; e melhore a coordenação em meio a complexidade do sistema de desenvolvimento.

2. A necessidade de tratar uma vasta gama de questões temáticas específicas em economia política e desenvolvimento são frequentemente negligenciadas no complexo ecossistema da filantropia e do desenvolvimento internacional. Elas incluem: aprimoramento de subsistência (através de mais segurança e proteção, acesso à agua segura e serviços, trabalho, subsistência, assistência, habitação acessível, proteção de posse, resiliência ao impacto das mudanças climáticas para os mais pobres, liderança comunitária e liderança jovem fortalecidas, juventude, direitos e empoderamento da mulher, dignidade e direitos); tratar da política do poder (atividade política deve ser capaz de existir sem medo de represálias violentas e devem existir estruturas através das quais pessoas sejam capazes de demandar serviços, moldar a governança e fazer com que instituições prestem contas); novo pensamento (sobre como sistemas globais podem empoderar comunidades locais e desafiar os atuais modelos de crescimento).

Seis potenciais áreas de intervenção e mudança

De maneira geral, como evidenciado pela abordagem do ecossistema, existem substanciais desconexões no mundo do desenvolvimento e da filantropia. Adiciona-se a isto a falta de compreensão suficiente sobre vantagens comparativas e complementariedades entre diferentes tipos de agentes, instituições, organizações e gestão.

Refletiu-se nas discussões na Cúpula Bellagio sobre os possíveis papéis complementários que diferentes agentes do desenvolvimento e da filantropia podem exercer. Participantes reconheceram a necessidade de maior consciência da contribuição distinta de cada um destes papéis, focando particularmente em seis desafios e áreas de potencial intervenção e mudança.

- **Poder, política e valores:** conforme novos agentes e vozes entram no ecossistema do desenvolvimento e da filantropia, a tendência de permanecerem "apolíticos" deverá ter que ser mudada, (se olharmos de uma maneira positiva) na medida em que promoção de causas e comunicação podem conduzir a maior colaboração entre filantropia e desenvolvimento.
- **Dimensionamento de ideias inovadoras:** grupos discutiram o entusiasmo por inovações, mas expressaram frustração com a falta de clareza sobre que agentes dentro do ecossistema inovam, identificam e testam inovação, dimensionam inovação e transferem inovações existentes a novos contextos. Ideias foram propostas para a identificação de vantagens comparativas de filantropias dentro do ecossistema /cadeia de valor de inovações do desenvolvimento global.
- **Espaço para o não planejado e administração de riscos:** analistas do setor filantrópico (e muitos líderes filantrópicos) referem-se ao papel filantrópico como o "capital de risco" ou tomador de risco em um ecossistema do desenvolvimento no demais moroso é cauteloso. Muitos participantes viram as fundações como os agentes mais conservadores e cautelosos do sistema, desperdiçando seu potencial de experimentar e agir rapidamente. Reflexão sobre os papéis de diversos agentes no ecossistema

do desenvolvimento e da filantropia permitirá a identificação de papéis cruciais, que são exercidos em diferentes estágios do processo. Isto também permitirá novas abordagens de administração de riscos e promoção de experimentação.

- **Questões financeiras:** Há crescente interesse no potencial de direcionamento de novas formas financeiras à solução de questões sociais e ambientais. Apesar do entusiasmo por novas formas de financiamento e capital (e de seus enormes potenciais dada a escala do setor financeiro), muitos agentes da comunidade do desenvolvimento e filantrópica não compreendem ou não confiam nas forças do setor privado ou são movidas pelo lucro na solução de necessidades sociais.
- **Confiança:** Mesmo que raramente tomada como uma questão por si só, a necessidade de confiança permeia todos os níveis do ecossistema geral, com a falta de confiança dificultando e obstruindo ambos os trabalhos em desenvolvimento e filantrópico. Como explorado na Cúpula Bellagio, esta falta de confiança opera em múltiplas direções e escalas de tempo. É importante, portanto, distinguir como diferentes fatores – pessoas, comunidades, pequenas organizações e instituições grandes – moldam noções de confiança e prestação de contas e encontrar maneiras de melhorar relações através do aumento da confiança.
- **Capacitação:** o desenvolvimento de capacidades humanas e institucionais, talentos e aptidões trazem benefícios ao ecossistema do desenvolvimento e da filantropia como um todo, embora seja apoiado e financiado primariamente por organizações locais, mais do que pelas internacionais. Grupos de trabalho propuseram soluções de compartilhamento das responsabilidades de capacitação no ecossistema.

Poder, política e valores

Quadro 4.1 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

Houve considerável divergência sobre os méritos relativos do estado ou do mercado na expedição de resultados em desenvolvimento. Diversos grupos e panelistas observaram que a mudança social ocorre através de movimentos (frequentemente mais do que através de organizações da sociedade civil ou mudanças institucionais) mas intervenções de desenvolvimento frequentemente são incapazes de antecipá-las, muito menos de com elas se envolverem. Houve forte retórica no tocante à inclusão "das vozes dos pobres" nos processos de tomada de decisão e paineis ressaltaram a importância dos esforços de desenvolvimento de se tornarem mais orientados pela demanda, embora isto não tenha sido efetivamente integrado nas práticas convencionais. A maior parte dos Colóquios Globais expôs a necessidade de envolver a juventude em liderança e filantropia. Adicionalmente, a crescente classe média foi vista como um 'elemento crucial' salientando a necessidade de análise política mais perspicaz, levando em consideração novos agentes e valores em mudanças. Em todos estes casos, divisões ideológicas frequentemente impedem agentes importantes de colaborarem em modos que seriam mais eficazes para o tratamento do bem-estar.

Principal desafio: Dada a diversidade de opiniões sobre como acarretar uma mudança positiva, como valores em comum podem ser usados para estabelecer conexões através de divisões sociais e políticas? E qual seriam os próximos passos na criação destas conexões?

Tratando de dinâmicas de poder?

O foco sobre um ecossistema do desenvolvimento permitiu aos participantes da Cúpula explorarem e tratarem de questões de

poder. Relações de poder e política moldam as características do ecossistema – tanto as positivas quanto as negativas. Dimensões políticas negativas incluíram governança global fragmentada, a negligência estatal do muito local, desempoderamento da sociedade civil e a crise de liderança e desconfiança. Dimensões positivas incluíram movimentos globais, tecnologias móveis para a democracia e melhores ambientes legais para a sociedade civil. Participantes reconheceram que concentrações de poder e riqueza influenciam desenvolvimento de maneiras específicas – e frequentemente não questionadas – que podem ter consequências positivas (habilitadoras e empoderadoras) tanto quanto negativas. Mesmo assim, na busca por uma abordagem de desenvolvimento congruente com bem-estar (no qual a pobreza não consiste em única consideração) e enraizada em vozes, capacidade e práticas comunitárias, a Cúpula apoiou o direito de pessoas de envolverem-se em atividade política sem medo de represálias violentas, bem como o direito de demandar serviços, moldar a governança e ter instituições prestando conta.

Simultaneamente ao reconhecimento dos direitos de cidadãos de envolverem-se em processos políticos e demandar direitos, houve também um senso de que organizações filantrópicas precisam investir recursos em maior compreensão do contexto e das dinâmicas de poder: quaisquer ações tomadas estão situadas em um ambiente político que precisa ser compreendido. Akwasi Aidoo indicou que a filantropia tipicamente cria sua própria "narrativa" da situação em que trabalha, e que isto frequentemente negligencia contexto político e relações de poder. Esta falta de reflexão sobre política e poder foi vista, em parte, como derivando do modo em que pessoas vieram a se envolver em filantropia: com seus interesses emergindo de problemas sociais e como seu foco orientado para soluções mais

do que refletindo sobre causas fundamentais[33]. Esta ênfase no reconhecimento de soluções também significa que organizações filantrópicas nem sempre escutam àqueles na base.

Organizações filantrópicas, é claro, não podem tratar de todas as dimensões políticas e de relações de poder. Mas elas estão melhor posicionadas para tratarem, através de ação coletiva, de dinâmicas de poder que atrapalham o desenvolvimento e o bem-estar, assim como proporcionar apoio a organizações operando independentemente. Organizações filantrópicas tem a habilidade de manter "diálogos amistosos", tomar riscos, trabalhar por seus valores, elaborar programas de mais longo prazo. Isto "ajuda comunidades a testemunharem", amplifica e comunica vozes comunitárias, cria um ambiente propício à ação comunitária e permite que empreendam promoção de causas.

Isso traz questões sobre como organizações, não capacitadas em análise política, poderão descobrir como: (i) assegurar que o poder está nas mãos certas; (ii) trazer vozes aos processos de tomada de decisão.

Não obstante, há maneiras nas quais a filantropia pode – e de fato o faz – envolver-se de forma frequentemente indiretamente como política e poder especificamente como catalizadora de melhoras em bem-estar. Estas incluem investimentos concretos e significativos em empoderamento e direitos da mulher, financiamento de iniciativas de justiça social, apoio ao ativismo de classe média, aumento de pesquisa e conhecimento sobre crises globais (financeiras, ecológicas etc.), garantia de acesso deste conhecimento e pesquisa a comunidades e melhorias em governança filantrópica. É necessário reconhecer e

33. Isto talvez também tenha conduzido às reflexões por parte de alguns de que filantropia é vista como politicamente ilegítima em alguns contextos.

apoiar agentes na base – como movimentos sociais – que desafiam as dinâmicas de poder e questões políticas como os gastos do setor público. Há necessidade de consultar mais abaixo e examinar quais são as questões que pessoas vivenciam e como se relacionam com dinâmicas de poder e situações contextuais. Finalmente, será importante garantir que avaliações sejam planejadas de modo a tratar das principais questões sobre poder, pessoas e política.

Um espaço neutro

> É possível criar um espaço neutro onde interesses possam ser reconceitualizados e partilhados sem que pessoas sintam-se amedrontadas? (Módulo 4)

Política e poder não são apenas contextuais. Organizações filantrópicas trabalhando em desenvolvimento estão elas próprias inseridas em relações políticas mais amplas, entre outras, que moldam e influenciam seu trabalho. Há perigo em tanto enxergar a sociedade como um sistema ou ecossistema quanto em buscar por um "espaço neutro" e por soluções harmoniosas a importantes problemas sociais, de que reais conflitos de interesse não sejam levados em consideração de maneira suficientemente séria. Organizações filantrópicas e seus parceiros não têm igual conhecimento e compreensão e não demonstram iguais graus de abertura. Isto, em parte, reflete-se em barreiras de confiança :

> Há a barreira de que não confiamos uns nos outros. Isto não é uma questão de função ou de prestação de contas, apenas não confiamos uns nos outros. (Módulo 1)

Ao abrir-se, constituir relações e partilhar estórias (positivas quanto negativas), uma "comunidade de confiança" pode se desen-

volver. Isto é um argumento muito poderoso: Quanto mais puder ser partilhado, maior confiança pode ser gerada. Maior diálogo, transparência e honestidade também se aproximam a criação de uma visão de filantropia de desenvolvimento movida por valores e objetivos comuns, que muda de uma visão de beneficiários como "vítimas" para uma que trata de questões de direitos e justiça. Isto envolve um deslocamento de "doar dinheiro" ou "soluções" para trabalho em parcerias com beneficiários.

> Nós precisamos dar voz às pessoas. Nós estivemos nos protegendo do desconforto que viria de uma real participação e de escutar vozes que poderiam não corresponder às nossas ideias. (Módulo 3)

A criação de espaços onde funcionários e beneficiários possam compartilhar ideias, debater e discutir pode contribuir para mudança social positiva. Isto requer o tratamento de preocupações de que a abertura não será bem-vinda ou de que induzirá negatividade através de participação no planejamento de avaliação, criando assim a cultura da crítica que reconhece o fracasso e projetando a disposição à mudança.

> A CARE fez uma revisão de três anos sobre como estava efetuando o empoderamento da mulher... E porque o processo não foi punitivo... levou a mais momentos "aha" que já vira antes (Módulo 3)

Relações de poder e voz

A despeito de pesquisas recomendando processos participativos de desenvolvimento, houve falta considerável de voz e representação populares em segmentos do ecossistema do desenvolvimento[34]. O

34. Como indicação de um trabalho de uma vida inteira sobre metodologias participativas pioneiras, ver Robert Chambers (2008) *Revolutions in Development Inquiry*, Londres, Sterling

desmantelamento de obstáculos à voz efetiva não é, como demonstrado repetidas vezes, direto[35]. O reconhecimento da política e criação de mais espaços participativos não é suficiente. São necessárias novas maneiras de aumentar voz e agência e de se encontrar meios de conectar pessoas que vão além do trabalho através de ONGs e de outros exercendo papel de cancela.

Conforme sugerido acima, desenvolvimento filantrópico frequentemente surge devido a um interesse particular e frequentemente inspira-se na identificação de problemas sociais e potenciais soluções mais do que por insatisfação com causas estruturais fundamentais. Isto, por outro lado, conduz muitas organizações a negligenciarem vozes populares na base, falhando na identificação ou avaliação de soluções geradas localmente e de formas alternativas de conhecimento como úteis e potencialmente produtivas. A base de apoio crucial que rotineiramente se perde é a voz e o engajamento da juventude. Mas escutar vozes também empondera pessoas de modo a assumirem processos e responsabilidades de tratar de dinâmicas de poder.

Escutar a vozes também deve envolver processos ativos – e diferentes aspectos – de conexão. Um aspecto é conectar as vozes comunitárias ou ativistas àqueles em posições de poder e tomada de decisão. Outro, é conectar ideias sendo expressas e aprender a reconhecer especialidades dentro de comunidades. Por exemplo, um participante descreveu o mal uso do poder de um ator externo sob a falsa aparência de uma metodologia participativa:

VA: Earthscan. Para um resumo de outras metodologias participativas e uma aferição do trabalho de Chambers, ver Britta Mikkelsen (2005) *Methods for Development Work and Research: A New Guide for Practitioners* (2nd edn), Nova Délhi, Thousand Oaks, Londres: Sage.

35. Por exemplo, é apropriado perguntar quanto os métodos participativos e a voz de comunidades locais realmente impactam as políticas e nas práticas do Banco Mundial na década desde a publicação de seu importante estudo *Vozes dos Pobres ()*.

> Uma das piores aberrações do conceito de participação é tentar fazer com que pessoas participem das ideias que você quer adiantar. (Módulo 3)

Outro aspecto implica conexão entre comunidades e preocupações localizadas de questões globais.

> Ação em nível local é necessária, mas não é suficiente a não ser que você esteja conectando-a ao ambiente global... E isso leva à questão de viabilizadores e restrições conectando-a ao nível global... Porque o que podemos fazer é trazer um pescador para falar na ONU, mas o que você terá é uma extração, não representação (Módulo 2).

Criar valores comuns, criar pontes.

A diferença em ideologias e valores em meio a agentes do desenvolvimento e filantrópicos de todos os níveis precisa ser tratada de modo a focar a discussão de uma maneira significativa e a explorar potenciais medidas para a ação. Isto é, em parte, devido à instabilidade de muitas das relações geopolíticas e econômicas prévias em nível global que tanto criam novos desafios quanto novas possibilidades. Conforme comentado por Barbara Ibrahim[36]:

> Há uma nova divisão no tocante aos valores que não é Norte-Sul. Trata-se agora de se você é a favor da sustentabilidade ou se você quer continuar com o sistema financeiro como ele é. (Módulo 2)

Ao tratar de política e relações de poder, uma questão adicional para organizações filantrópicas revolve ao redor de sua posição e de negociações políticas dentro de países. Isto é particularmente

36. Diretora do Centro pela Filantropia e Engajamento Cívico John D. Gerhart, da Universidade Americana em Cairo e membro do Instituto por Estudos de Gênero e da Mulher.

evidente em relação à promoção de causas, que alguns filantropos veem como sendo 'política' e, portanto, inapropriada[37]. Por exemplo,

> Usar a voz filantrópica contra a repressão dos sonegadores fiscais... Isto se torna muito político... Isto não condiz com a comunidade filantrópica (Módulo 2).

A tendência atual, especialmente para as organizações filantrópicas dos EUA, é abster-se de lobby uma vez que ele é visto como 'próximo demais da política'. Fontes de financiamento influem nesta abordagem 'apolítica'. Mas conforme novos agentes e vozes entram no ecossistema do desenvolvimento filantrópico, é provável que isso mude, particularmente na medida em que, de um ponto de vista mais positivo, promoção de causas e pode conduzir a melhor comunicação entre filantropia e desenvolvimento. Como dito por um participante, "nós precisamos superar-nos e engajar-nos" (Módulo 2).

Investir e engajar-se em promoção de causas e comunicação também proporciona um contraponto a representações conservadoras (e negativas) dos pobres. Através da promoção de causas, a filantropia pode usar a evidência gerada para avançar boas soluções, pesquisando o que funciona e o que não e comunicando isto ao público e ao setor privado. Elaborar promoção de causas eficazes irá, adicionalmente, envolver o tratamento dos desafios de descontinuidades no ecossistema do desenvolvimento, criando termos em comum entre agentes com diferentes metas. Promoção de causas colaborativa e eficaz também ajudaram os filantropos e agentes do desenvolvimento a serem mais eficazes e a afastarem-se da mentalidade de silo em desenvolvimento.

37. Mas que representa o meio termo entre lobby e aceitação "apolítica" do status quo.

Dimensionando ideias inovadoras

Quadro 4. 2 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

Uma forte mensagem dos grupos "vocais" na Cúpula Bellagio e dos Colóquios Globais foi elaborar sobre forças positivas e inovações já existentes em comunidades e não impor soluções de fora. Há centenas de inovações em comunidades atendendo às suas necessidades, mas muitas não encontram financiamento de modo a apoiar um impacto mais amplo e/ou alcançar maiores mercados. Inovações sociais como o mapeamento comunitário de favelas, inovações econômicas como o M-Pesa, e inovações técnicas como os óculos ajustáveis desenvolvido pela Adlens (apresentado pelo participante da Cúpula, James Chan – co-presidente Fundação Chen Yet-Set), consistem todas em inovações em processo de dimensionamento. Quatro estágios foram identificados pelos grupos: (i) inovação; (ii) testes e execução de projetos piloto; (iii) desenvolvimento de "produtos ou processos finalizados"; (iv) dimensionamento.

Principal desafio: O que precisamos fazer além de elaborar mecanismos institucionais e colaboração efetivos para identificar inovações existentes e dimensioná-las.

Inovação e bem-estar humano

A filantropia exerceu historicamente, e continua a exercer, um papel importante na inovação de produtos, processos e serviços sociais que beneficiam pessoas pobres, marginalizadas ou desfavorecidas. Conforme indicado por participantes dos Colóquios de Délhi, Cairo e São Paulo, isto é parcialmente devido à filantropia não ser restringida à necessidade de expedição de resultados de curto prazo. Isto se deve também à filantropia estar mais bem posicionada a tomar

riscos que outras categorias de organizações de desenvolvimento, como as organizações multilaterais.

Uma vasta e diversa gama de inovações já existe com o potencial de facilitar o bem-estar[38]. Exemplos particulares discutidos na Cúpula que têm moldado e aumentado o bem-estar incluem o M-Pesa, permitindo que pessoas transfiram e recebam dinheiro seguramente através de telefones celulares; *Mazdoor Kisan Shakti Sangatan* (MKSS)[39] ou a *Workers and Peasant's Power Colective*, originada no Rajastão e que realizou campanhas por maior prestação de contas e transparência via de provisões constitucionais pelo direito à informação (DAI – RTI em inglês); e o Bolsa Família[40] – o programa do governo brasileiro de transferências monetárias em troca de condicionalidades (como frequência escolar). Refletindo-se sobre estas inovações, os participantes da Iniciativa Bellagio notaram que estas tendem a começar pequenas e então desenvolverem-se, tornando difícil escolher uma inovação sobre outra em um estágio inicial; que se sente falta de agentes do desenvolvimento nos estágios iniciais de inovação, apesar do fato que inovações tratam de questões relacionadas ao desenvolvimento e que inovações surgiram porque pessoas demandaram que algumas das condições de suas vidas fossem tratadas.

38. Exemplos incluem ferramentas de dados digitais livres, tecnologias livres, microfinanciamento, geração de recursos comunitários, investimento de impacto, inovações no sistema fiscal, inovações agrícolas (em tecnologia de sementes, modelos distribuídos, atividades geradoras de renda, ecologia verde), políticas fiscais pró-desenvolvimento (arranjos fiscais pró-pobre, ambiente fiscal conducente à filantropia, alinhamento de gestão ao desenvolvimento e fortalecimento da política fiscal global), transferências monetárias condicionais e baseadas em comunidade e novo diálogo e práticas convergentes (tais como Cafés Globais, Cafés Científicos e democracia deliberativa).

39. A MKSS foi apoiada por organizações filantrópicas, particularmente o Iniciativa de Direitos Humanos do Commonwealth (CHRI), que ajudou no esboço de lei e por George Soros que contribuiu com a formação de comissões de informação independentes.

40. Ver www.economist.com/node/16690887.

Inovações tanto tecnológicas quanto sociais proporcionam oportunidades de redução de desigualdade e promoção do bem-estar através do potencial de desenvolver e aprimorar redes, e através da criação da perspectiva de se fazer tudo de maneiras nova e diferente.

Contudo, apesar destas inovações, filantropias no Colóquio BRICS em Délhi e na Cúpula expressaram considerável frustração em relação ao apoio filantrópico à inovação. No mapeamento do ecossistema do desenvolvimento e filantrópico, eles identificaram desconexões entre apoio à inovação e o dimensionamento da mesma inovação (o que frequentemente reflete o fracasso de colaborações compartihadas). Eles falaram sobre a necessidade de mais "profissionalização" que melhoraria suas capacidades de demonstrar impacto, proporcionar melhores dados em apoio à inovação e melhorar a colaboração com pesquisadores acadêmicos e doadores internacionais.

Houve forte sentimento de que organizações filantrópicas poderiam realizar muito mais no campo de inovação e prestação de contas e, desta maneira, suplementar o trabalho do setor privado onde inovações são usadas na criação de produtos 'para os pobres' mais do que perguntar-se sobre como estas podem resolver questões sociais. Ao mesmo tempo em que expressando comprometimento de apoio ao encorajamento de inovações locais, participantes da Cúpula argumentaram que a filantropia tem um papel particular a desempenhar no fomento de ambientes conducentes dentre os quais a inovação possa crescer, promovendo direitos em associação à inovação e proporcionando comprometimento com ideias inovadoras, bem como capacidade de sustentação e paciência. Isto envolverá desenvolver uma cultura de inovação, tornar inovações mais catalizadoras, encontrar melhores maneiras de dimensionar inovações e usar a tomada de risco para conduzir inovações. Antes de explorar estas dimensões em maior detalhe, também é necessário examinar algumas das barreiras à inovação.

Barreiras à inovação

Barreiras organizacionais representam um desafio à filantropia e ao desenvolvimento de identificarem e apoiarem inovações conforme estas surgem[41]. Estas barreiras incluem: a tensão entre inovações em duração prolongada e ciclos de financiamento de curto prazo; financiamentos atrelados a projetos que solapam a utilidade do emprego em longo prazo de pessoas e parceiros; a falta de capacidade e mecanismos para organizações internacionais de grande porte (com recursos) de saber o que ocorre na base; o fato de que organizações filantrópicas e do desenvolvimento não são organizadas com orientação oportunista; o fato de que "terreno bagunçado" (como favelas onde a posse da terra não é segura) no qual inovações ocorrem não é o tipo de espaço em que financiadores gostam de investir; a falta de interesse de financiadores de investir em infraestrutura, sistemas organizacionais e de administração financeira; e a falta de especialidade de financiadores no dimensionamento de inovações após projetos-piloto bem sucedidos. Organizações filantrópicas também falham em identificar sinergias com outras organizações trabalhando em países parecidos ou com outros setores da sociedade enquanto deliberadamente evitando o trabalho inovador de outros por razões competitivas. Conforme dito por um participante, "nós não queremos financiar inovações de outras pessoas. Cada organização quer deixar a sua marca" (Módulo 1).

41. Adicionalmente, o contexto no qual inovações ocorrem não pode ser desprezado. Importantes influências como a democracia ou desastres realmente pautam as chances de inovar e investir em reconstruções pós-crises, que isolam comunidades de deterioração adicional. Isto é particularmente importante para categorias de pessoas marginais ou subordinadas. Por exemplo, inovação nestes contextos pode frequentemente aumentar os direitos e o empoderamento da mulher. Mas frequentemente estas inovações são subsequentemente desprezadas conforme agentes mais poderosos assumem o manejo do contexto, despejando aqueles que criaram as inovações em primeiro lugar.

A abordagem do marco lógico, que permeia muito do pensamento atual em desenvolvimento, é outra barreira à inovação. Inovação é um produto de tentativa e erro, mas o marco lógico gera um desincentivo a tentativa e erro. O marco lógico opera no cumprimento de um processo burocrático e, desta maneira, é completado na culminação de uma estratégia de desenvolvimento mais do que ser uma ferramenta que melhore e delineie o processo de intervenção desde o princípio. Isto, por sua vez, cria uma ilusão de desenvolvimento linear que não corresponde com a realidade e não confere espaço para tentativa e erro. Similarmente, a "cultura de mensuração" sufoca a inovação na medida em que pessoas optam pelo seguro quando estão sendo monitoradas. O foco em "investimento atrelado a resultados", assim, inibe inovação que é inerentemente difícil de mensurar.

A falta de tomada de risco no ecossistema do desenvolvimento e da filantropia opera como uma barreira à inovação. Tomada de risco tem o potencial de conduzir inovações, mas requer um *ethos* no qual, apenas 10% do portfólio de investimento renda, isto seja considerado um sucesso. Mas organizações do desenvolvimento e filantrópicas frequentemente sentem-se confortáveis com fracassos. Apesar do reconhecimento de que não é possível ter inovação sem algum fracasso, o risco perdura como um tópico desafiador. Ao lidar com vidas de pessoas, o fracasso é ainda mais desafiador: "Em pesquisa e desenvolvimento comercial você joga para ganhar, em desenvolvimento você joga para não perder" (Módulo 1)

A razão de 10% de sucesso sobre 90% de fracasso frequentemente citada do setor privado não se traduz bem no setor do desenvolvimento devido a limitações de recursos e a conexão imediata com a vida de pessoas. E, no entanto, o que poderia ser um nível de fracasso aceitável? Quem, ao longo da cadeia de valor, pode ser apoiado para fracassar e em que ponto? Podem ser criadas plata-

formas de modo a partilharem aprendizado do fracasso entre as organizações do desenvolvimento e filantropos?

Um modelo de inovação para o bem-estar humano

Reorientar o sistema do desenvolvimento para o bem-estar envolve uma noção de desenvolvimento atrelada a pessoas, maior baseamento comunitário e reconhecimento do impacto de intervenções de desenvolvimento e filantrópicas na dignidade individual – mesmo que muitas organizações atualmente não estejam preparadas para isso. Estes princípios atrelados a pessoas podem ser aplicados aos diferentes estágios do modelo de inovação. O modelo define quatro estágios de inovação, a saber:

1. Inovação: a geração de novas ideias e soluções a problemas, com ideias surgindo no nível da implementação à comunidade;
2. Projetos-piloto: o desenvolvimento e teste/condução de projetos-piloto destas ideias;
3. Refinamento: torná-las em produtos ou processos "finalizados";
4. Escala e sustentabilidade: aumentar escala/apoio à adoção sistemática.

A reorientação do sistema de desenvolvimento requer pessoas e comunidades no centro da geração de ideias, análise, solução de problemas e ação, e que trabalhem em desenvolvimento e filantrópia, catalisando ação colaborativa e complementar (mais do que impor soluções e direcionar mudanças). Isto, por sua vez, requer duas condições fundamentais, a saber:

- Deslocar-se de um processo de cima-abaixo pré-determinado a um processo iterativo caracterizado pela abertura ao aprendizado e a *accountability* contínuos; e

- Expandir e compreender complementariedades de agentes (incluindo agentes "novos" e não tradicionais); alavancar conhecimento, redes, talentos, recursos e ação.

Modelos de cadeias de valor de inovação existentes podem ser adaptados de modo a serem mais orientados a pessoas e ao ecossistema e garantindo que existam mecanismos que detectem tais inovações. As seguintes questões foram sugeridas como meios de começar a focar-se nesta direção:

- Quais são os papéis?
- Quais são os recursos?
- Quem são os agentes importantes?
- Foram incluídos mecanismos de *feedback*?
- Qual é o sistema de avaliação apropriado?

Dimensionamento da inovação

Além de tomada de riscos, estímulo à inovação e garantia de que a inovação continue orientada a pessoas, a filantropia também tem o potencial de apoiar o dimensionamento de inovação[42]. Dimensionar uma inovação requer alinhamento com o sistema mais amplo, e mais atenção à associação com outros agentes do ecossistema do desenvolvimento, garantindo à inovação um ambiente em que possa crescer. Como observado por um participante: "Coisas dimensionam-se quando uma intervenção é aquela adequada a todos outros *players*. Você tem que pensar no longo prazo para montar todas as peças" (Módulo 1).

42. Esta visão foi contestada por alguns participantes da Cúpula que acharam que o setor público seria responsável pelo dimensionamento de inovações.

O dimensionamento de uma ideia inovadora também envolve a criação de um ambiente ou clima condutor ao entusiasmo pela inovação. Organizações filantrópicas, e suas extensas redes, podem criar um ambiente condutor com apoio a inovações orientadas a pessoas já existentes e prevenir uma experiência de "vale da morte" na qual inovações promissoras falham em atrair investimentos devido à falta de financiamento durante a pequena escala[43]. Elas também podem, conforme explicado por James Chan na Cúpula, utilizar-se destas redes para encontrar modos de vincular inovação para o desenvolvimento com inovação comercial:

> Lançamos este produto (óculos ajustáveis) no Japão. Chama-se "óculos emergenciais" e o maravilhoso é que os recursos gastos em um produto comercial também são aplicáveis ao mundo em desenvolvimento. Quanto mais bem-sucedidos pudermos ser no mundo desenvolvido, mais recursos teremos para transferirmos à provisão de produtos ao mundo em desenvolvimento. Os óculos são ajustáveis em tamanho, pode-se usá-lo em com diferentes graus e tem dois modelos/armações que se ajustam a pessoas com diferentes necessidades. (Módulo 2)

Inserida neste ambiente condutor deve estar o reconhecimento de que nem todo trabalho filantrópico em inovação precisa começar do nada. Houve muitas experiências em inovação através de diferentes setores e países que poderiam assistir a identificação e o desenvolvimento de inovações. Se a transferência de conhecimento acerca de sucessos e fracassos for realizada[44], então pode haver

43. O hiato entre o ponto em que se prova uma ideia tecnicamente viável e o estágio quando o capital de risco passa a apoiá-la e dimensioná-la.

44. Sucessos e fracassos não se replicam sempre da mesma maneira e nem é sempre claro, tampouco objeto de consenso, quais possam ser os atributos de sucesso ou fracasso.

aprendizado. A identificação de uma matriz clara para a mensuração de sucessos ou fracassos em inovação, foco particular em inovações orientadas a pessoas e inovações pró-pobres em cadeias de valor são os próximos passos necessários.

Administrando riscos

Quadro 4.3 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

Os grupos de reflexão sobre "voz" e "comunidades" na Cúpula Bellagio articularam claramente que resultados sustentáveis dependem da propriedade comunitária ativa, por sua vez baseado no estabelecimento de relacionamentos com comunidades e em espaço ao surgimento das principais questões. O trabalho em inovação ressaltou o modo no qual inovações raramente surgem de projetos planejados e que com maior probabilidade acontecem na interface entre setores, através de espontaneidades inspiradoras e através do investimento em relacionamentos criativos. O trabalho do Módulo 1 da Cúpula em repensar processos de desenvolvimento enfatizou a importância da tomada de risco e do investimento em programas de longo prazo onde resultados de curto prazo não podiam ser especificados. Grupos no Módulo 3 asseveraram que apesar da capacidade de tomar risco ser teoricamente uma das vantagens comparativas das filantropias, em realidade (tal como organizações do desenvolvimento) elas são avessas ao risco em sua maior parte. Fundações e agencias de desenvolvimento deveriam compreender melhor suas tolerâncias ao risco e desenvolver portfolios de doações/projetos com diferentes perfis de risco.

Principais desafios: Como criar o espaço dentro de organizações do desenvolvimento e filantrópicas para iniciativas mais arriscadas com resultados não previsíveis? Como administrar motrizes que mitigam isto?

As organizações filantrópicas avessas ao risco

Um paradoxo que esguiou-se pela Cúpula foi a contradição ente teoria e prática de como filantropias lidam com o risco. Participantes não-filantropos viram como a grande força das filantropias sua capacidade de tomar riscos e de trabalhar em prazos mais longos. Organizações filantrópicas, supunha-se, não precisam demonstrar retornos financeiros no curto prazo como companhias do setor privado ou enfrentar os curtos ciclos eleitorais do governo. Adicionalmente, não precisam prestar contas de recursos públicos na mesma maneira. No entanto, a maior parte dos participantes concordou que filantropias são altamente avessas ao risco e trabalham, sobretudo, através de projetos de curto prazo com resultados rijamente definidos e previsíveis.

> Muitos filantropos diriam que já tomam riscos, mas eu acho que há um consenso em meio à comunidade do desenvolvimento que eles não o fazem. Eu acho que precisamos ser mais claros sobre o que é risco real e o que é fracasso real. (Módulo 3)
> Gates decidiu continuar investindo em vacinas, mas politicamente falando há muito pouco risco nisso, é uma escolha muito segura. Trabalhar com direitos é mais arriscado politicamente, porque você pode acabar com seus escritórios fechados e o seu pessoal morto. O que estou dizendo é que [trabalho em direitos] é coisa bastante arriscada, provavelmente demais arriscada para fundações (Módulo 3).

Isto não foi inteiramente verdade no caso de alguns novos filantropos:

> Eu acho que a vantagem de uma fundação familiar em particular é que podemos tomar mais riscos que o governo. Quando se busca por inovação, podemos aceitar o fracasso e temos tempo de testar o que funciona e o que não. Fundações realmente podem conduzir a inova-

> ção e uma vez que você tenha modelos bem-sucedidos você pode então apresentá-los a doadores, agências e governo para que o dimensionem. (James Chen/Módulo 2)

Mas em geral todos que participaram a Cúpula concordaram que fundações não realizam seu papel potencial como tomadoras de risco no ecossistema do desenvolvimento. Um participante indicou o importante ponto de que quando instituições falam sobre risco, elas nunca falam sobre a mesma ordem de risco que comunidades assumem:

> Pessoas nas ruas tomam riscos, na Síria mataram muitas pessoas ontem mesmo. Mas para uma fundação, eu não sei o que risco significa. (Módulo 3)

Então uma pergunta crucial é como instituições, ao tomarem riscos "institucionais", podem ajudar a mitigar o risco "humano" que pessoas na base tomam em defesa de seus direitos e meios de subsistência. Uma resposta a isto é que fundações envolvam-se mais em promoção de causas e questões de direitos, oferecendo desempenhar um mediador neutro de uma maneira em que ONGs não são capazes. Outra é adotar um comportamento de tomador de riscos:

> Se queremos encorajar comportamento de tomador de riscos, precisamos pensar sobre como podemos encorajar isto dentro da organização e também entre organizações, como através de comparação/competição e pressão grupal – se nossa instituição está tomando mais riscos, então ela pode encorajar outros. (Módulo 3)

Uma dimensão adicional disto é modelar padrões de financiamento que vão contra a disposição institucional. Um participante observou: "estamos ainda demais focados em otimização em de-

senvolvimento e na tirania revolvendo 'melhores práticas'. O que precisamos é diversidade" (Módulo 3). Outro argumentou: "tomada de risco deveria desafiar o consenso. Se o resto da comunidade não diz 'você é louco', você provavelmente não está fazendo o seu trabalho" (Módulo 3).

Uma das mais fortes mensagens da Cúpula foi a necessidade de trabalhar mais diretamente com comunidades, mas a abordagem centralizada ao risco e planejamento frequentemente adotadas por organizações filantrópicas grandes compete com uma abordagem descentralizada e oportunista de se trabalhar com elas. Apoiar pessoas para que inovem em resposta aos problemas locais requererá das organizações filantrópicas tolerância ao risco muito maior.

Interação de avaliação e tolerância ao risco

Grupos discutiram complexa interação de métodos de avaliação tradicionais e a conduta acerca ao risco de organizações. Os modelos de avaliação mais convencionais baseiam-se em aferições de um conjunto de resultados planejados, o que pode criar às vezes fortes desincentivos ao desenvolvimento de programas com resultados imprevisíveis. Uma vez que gestores de programas em uma organização financiadora querem ser avaliadas positivamente, elas tendem a planejar o que elas podem assegurar como realizável. Uma afirmação proferida ao fim do Módulo 4 sintetizou isso muito sucintamente:

> Há uma necessidade de métodos de aferição que sejam mais ajustáveis a atividades, processos e programas não planejadas ou de risco maior e de ferramentas que peguem todos os aspectos do bem-estar que são difíceis de mensurar – e há necessidade de métodos que envolvam uma gama maior de constituintes/partes. Sistemas apropriados de aferição de valor deveriam ser organizados em aferições iterativas, aprendizado contínuo e dados e análise em tempo real. Eles deveriam

> também centrar-se em dados, indicadores e marcos gerados localmente. Isto deveria ser relatado publicamente. Já existem várias metodologias que podem estar à altura deste desafio, incluindo *action research,* mapeamento de resultados e processos de vozes constituintes. Propõe-se que organizações invistam em e utilizem estas metodologias; que promovam as forças e a robustez desta abordagem à coleta de evidência e aferição, e que estas abordagens sejam integradas em padrões para organizações filantrópicas e do desenvolvimento.

Capacidade de resposta a ambientes altamente dinâmicos

Boa parte das discussões centrou-se na necessidade de inovar em ambientes altamente dinâmicos onde resultados são incertos. Apoio a comunidades neste contexto é apoiar sua resiliência, sua capacidade de inovação e adaptação. Isto frequentemente requererá intervenções mais viabilizadoras que programáticas:

> Há necessidade de apoiar comunidades a antecipar crises e elaborar sobre as oportunidades que derivam de crises. Mas realisticamente, estas organizações podem apenas ser viabilizadoras [de inovação baseada em comunidades]. (Módulo 2)
>
> Inovações centradas em pessoas requerem encontrar e adaptar modelos de cadeias de valor inovadores existentes, garantindo que existam mecanismos que localizem inovação de maneira que podemos vê-la. (Módulo 1)
>
> Desenvolvimento é altamente contextual. Ele precisa ser muito mais sensível e adaptável às consequências não intencionais e, em assim sendo, afastar-se de modelos generalizadores. (Módulo 1)

Investir em relacionamentos

Investir em relacionamentos foi visto como crucial. Assim como o capitalista de risco pode investir em um inventor ao invés de um produto, assim também uma organização filantrópica pode investir

em comunidades com potencial de desenvolver e implementar inovação, ao invés de em projetos.

> Investimento em desenvolvimento precisa ser mais catalisador. Pessoas locais deveriam ser apoiadas no desenvolvimento de suas próprias ideias e a germinar as sementes da inovação. Ele deve afastar-se de investimentos de curto prazo. Isto requer um deslocamento deliberado de projetos e programas a investimentos de longo prazo em comunidades e movimentos sociais. É necessária uma reorientação para investimentos em comunidades inteiras. Este investimento deve ocorrer em conjunto com um distanciamento de abordagens atreladas a questões específicas, como educação e maiores esforços para o empoderamento de movimentos jovens. (Módulo 1)

Relacionamentos com pessoas e relacionamentos com ONGs não são equivalentes. Inúmeras vezes participantes de experiências diferentes da Cúpula Bellagio referiram-se às limitações de trabalhar-se com ONGs. Sugeriu-se que o atual sistema de ONGs envolvido em desenvolvimento fosse "quebrado". ONGs foram vistas como movendo-se de projeto a projeto seguindo os interesses de financiadores específicos. A grande dependência em financiadores para renda conduziu a "soluções" sub-ótimas , fragmentadas e de curto prazo.

> O problema é como as ONGs são apoiadas, não elas próprias. ONGs estão a uma doação da extinção [e] nem tudo que precisa ser feito é um projeto. (Módulo 3)

ONGs são tão avessas ao risco quanto governos e empresas e sujeitas às mesmas restrições (por exemplo, prestação de contas de dinheiro público). Tudo isso limita sua habilidade de engajar-se na busca de apoio a inovação junto à comunidade. Ao atuar como cancela, elas podem obscurecer inovação na base. As pessoas afetadas por mudanças não esperarão por ONGs, governo ou filantropias:

No mundo árabe pessoas não quiseram esperar até que pudessem ser parte de ONGs ou um espaço aberto em que pudessem se engajar. Elas começaram suas próprias iniciativas e atividades comunitárias. (Barbara Ibrahim/Módulo 2)

Uma área onde melhores relacionamentos são necessários é o engajamento social da juventude. Uma abordagem vista como particularmente meritória foi investir muito mais na capacitação de jovens, uma vez que, como dito por um participante, "jovens tem grande potencial energia para mobilizar recursos" (Módulo 1).

> O desafio que vemos é essa riqueza de jovens que querem unir solução de problemas sociais e/ou ambientais com modelos de negócios. Verdadeiros empreendedores são raros, por isso é importante edificar esse pensamento e capacidade em contextos nos quais não são encorajados. Isto é uma empreitada arriscada e um ambiente condutor precisa ser criado. (Módulo 2)

Organizações desejando engajar-se em uma questão ou região precisam dar-se o tempo para construir relacionamentos com *stakeholders*. Invista em relacionamento e soluções surgirão. Participantes interessaram-se particularmente no trabalho do Truste Comunitário ASB, como um exemplo de quão cuidadosa a construção de relacionamentos conduz a melhores resultados de desenvolvimento. O Truste Comunitário ABS é um truste regional financiando a população Maori e de migrantes de ilhas pacíficas. Essas comunidades são assoladas por altos níveis de alcoolismo, crime e violência doméstica. O Truste tem em sua diretoria representantes das comunidades que serve. De modo a construir relações com comunidades locais eles encarregam-se de um processo consultivo de dois anos. Durante o processo eles adotaram cerimônias de boas-vindas formais tradicionais e abordaram participantes a partir de métodos cultural-

mente apropriados. O Truste e as comunidades levaram um ano inteiro para adquirirem confiança antes de começarem a planejar seu trabalho.

> O Truste trabalha de uma maneira que permite que pessoas tragam-lhes sonhos e ele concretiza-os em um processo respeitoso. O Truste acompanha a comunidade pelo tempo necessário para alcançar os resultados desejados. (Módulo 3)

Foi um processo orgânico, mais do que um modelo linear, roteiro pré-determinado ou teoria de mudança. Ele resultou em um relacionamento em que a comunidade Maori é diretamente abordada na identificação seus problemas, elaboração de soluções e monitoramento de resultados conjuntamente com o Truste.

Foco no longo prazo não só em projetos

O exemplo da ABS também ressalta a ressalva recorrente de que leva-se tempo para que mudanças sociais poderosas surjam, desenvolvam-se, insiram-se em comunidades e demonstrem sua sustentabilidade. Participantes ressaltaram a importância de conferir tempo para que coisas tomem seu curso:

> Eu acho que somos míopes no sentido em que queremos ver sucesso, resultado em cinco anos; algumas vezes você não pode ver resultados após períodos ainda mais longos de tempo. (Módulo 2)
>
> O que podemos fazer para garantir que o setor filantrópico tenha mais paciência? (Módulo 2)
>
> "Capital paciente" – quer um retorno social, quer financeiro, nós precisamos que o capital seja mais paciente. (Módulo 3)

Há necessidade de manutenção de relacionamentos, de abertura a novos jeitos de trabalhar e a novas ideias e de estamina para a longa jornada.

> O que você deve fazer é empurrar muitas pedras e ver quais rolam. (Módulo 3)
> Raramente inovações são de curto prazo. (Módulo 1)

Tudo isto requer comprometimento de longo prazo a grandes ideias, capacidade de sustentação e, sobretudo, paciência.

Questões financeiras

Quadro 4.4 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

O colóquio global em governança e regulação ressaltou o fracasso da regulação financeira, o que gera desconfiança sobre fundos privados. O colóquio global sobre "Pessoas em Movimento"ressaltou as maneiras em que a políticas de imigração e outros tipos impactam sobre remissas. Em dois sub-grupos financeiros da Cúpula Bellagio ressaltou-se questões como queda de recursos para o auxílio oficial para desenvolvimento em países da OCDE, redução ou incentivos ficais para o empreendedorismo , investimento de impacto, títulos de impacto social, novas fontes de financiamento público ao desenvolvimento, e novos recursos ao auxílio e filantropia em países emergentes (incluindo doações por diásporas).

Principais desafios: Quais passos são necessários para a criação de um ambiente viabilizador para a captação de novos recursos financeiros para o desenvolvimento e o bem-estar? Como organizações filantrópicas podem trabalhar conjuntamente para alavancar melhor estes recurso?

O Contexto

Mudanças dramáticas estão remodelando o papel dos mercados financeiros privados no desenvolvimento global. A crise financeira que começou em 2008 gerou ceticismo sobre mercados financeiros, mas ao mesmo tempo novos experimentos em investimentos financeiros socialmente motivados assinalaram um potencial de mercados de direcionar níveis ímpares de financiamento em prol do bem-estar humano. Mesmo sem o envolvimento de investidores financeiros globais, remessas individuais em 2009 já se igualavam ao auxílio oficial ao desenvolvimento do setor público e à filantropia privada combinados. Trabalho na criação de uma infraestrutura para o investimento de impacto privado e projetos piloto públicos em estágio inicial de títulos de impacto social demonstraram o potencial da vinculação de financiamento de larga escala a benefícios sociais, desbravando também o novos caminhos em mensuração e reporte de impactos sociais. Apesar desses avanços positivos iniciais, existem ainda enormes lacunas a serem colmatadas antes que possamos realizar todo o potencial dos mercados financeiros para solucionar necessidades sociais globais.

Um ambiente em mudança para gastos públicos

Existe um dissenso saudável em meio às comunidades do desenvolvimento e filantrópica acerca do melhor método do setor público promover resultados positivos em desenvolvimento. Apesar de que a combinação de fontes de renda varie muito de país a país, agentes do setor público em países em desenvolvimento já controlam consideráveis recursos, incluindo receitas fiscais, auxílio bilateral ao desenvolvimento, *royalties* de recursos naturais, companhias estatais e tarifas. Preocupações com corrupção e ineficiências (junto com impacto real) limitam a habilidade de países em desen-

volvimento de gerar novas fontes de renda domesticamente ou de assegurar financiamentos de doadores externos. O fato que a maioria dos pobres vive em países de renda média está aumentando as expectativas de que seus próprios países desenvolvam a capacidade de servir suas necessidades e motivando perguntas em países doadores sobre como seu comprometimento de longo prazo à concessão de auxílio. Doadores (públicos e privados) têm vivenciado de maneira sucedida programas de "pagamento sobre expedição" que pagam por sucesso demonstrado, mas permitem que agentes locais encontrem os métodos mais eficazes de geração de resultados positivos. Similarmente, títulos de impacto social experimentam direcionamento de financiamento a resultados bem sucedidos, com o governo servindo como um intermediário sem ditar detalhes da ação.

Os prospectos mais promissores de melhora da eficácia de gastos públicos e sua alavancagem de com financiamentos correspondentes oriundos do setor privado podem residir em programas que focam claramente em resultados sociais mensuráveis. Mas a tomada de decisão descentralizada deve incluir discussões sobre o que constitui a ação local mais eficaz na realização daqueles resultados e quais os insumos provenientes de doadores e investidores diversos serão necessários.

Comentários dos participantes da Cúpula Bellagio incluíram:

- Aumentar financiamento público será difícil se os resultados dos gastos públicos forem fracos.
- Às vezes as metas de gastos públicos não promovem bem-estar individual.
- Utilização de recursos em nível comunitário é mais importante que aumentar o nível geral de financiamento.

Frequentemente discussões também voltaram à importância do combate à corrupção como um meio de melhorar resultados de desenvolvimento de uma maneira geral, e de restaurar-se a confiança pública, privada e da sociedade civil no governo. Como é bem conhecido, corrupção e apropriação de renda assolam países abundantes em recursos e detentores de poder locais, corporações internacionais e governos em países desenvolvidos têm sido ativamente ou passivamente cúmplices em transações internacionais corruptas para a extração de recursos naturais. A última década tem visto progresso nessa fronte, com mais de 30 governos signatários na Iniciativa de Transparência de Indústrias Extrativas[45], que requer que indústrias "publiquem aquilo que pagam". Esta iniciativa foi fortalecida pela legislação nos Estados Unidos requerendo que todas as companhias listadas nas bolsas de valores do país publiquem registros detalhados de seus gastos em extração de recursos naturais. Este modelo de uso de transparência no combate à corrupção está espalhando-se em nível local, como iniciativas como "Ipaidabribe.com" estabelecida pela organização sem fins lucrativos indiana Janaagraha, que permite que indivíduos reportem via internet demandas de subornos por oficiais locais por pequenos serviços[46]. Apesar de subornos de grande escala envolvendo altos funcionários de governos e corporações multinacionais virarem manchetes, subornos de pequena escala tem um impacto igualmente importante nas vidas das populações pobres e vulneráveis, erodindo suas subsistências e destruindo a confiança no contrato social entre governo e cidadãos. Organizações filantrópicas e do desenvolvimento deve-

45. Veja o sítio da Iniciativa de Transparência das Indústrias Extrativas (EITI) http://eiti.org/
46. Ver http://ipaidabribe.com

riam exercer um papel ativo na expansão do modelo da *Ipaidabribe.com* a outros contextos e países de modo a restaurar a capacidade de indivíduos de ter um papel no combate à corrupção. O combate à corrupção não permitirá somente alocação mais eficaz de recursos domésticos ao bem-estar, mas irá também aumentar a probabilidade de doadores internacionais e privados de ver o governo como um parceiro eficiente.

Novas formas e fontes de filantropia, finanças e doações privadas

A Cúpula tratou de muitas formas diferentes de gastos privados, das remessas, há tempos reconhecidas como importante fluxo de recursos do norte ao sul, às doações filantrópicas e os novos agentes emergentes em investimentos de impacto que buscam opções que produzam resultados tanto financeiros e quanto socialmente ou ambientalmente positivos e mensuráveis. Em todas as instâncias, há potencial de direcionamento mais eficiente de recursos privados para a promoção de melhores resultados de desenvolvimento e maior potencial de sinergias positivas entre doações e investimentos privados e outros agentes no ecossistema do desenvolvimento.

Apesar de longas tradições de doações individuais em grande e pequena escala, infraestruturas insuficientes e múltiplas barreiras interferem em ações filantrópicas internacionais. De restrições a fluxos financeiros a barreiras de registro a organizações da sociedade civil e taxas sobre remessas, governos nacionais frequentemente intencionalmente ou involuntariamente desincentivam apoio para desenvolvimento do exterior. Participantes apelaram a governos, organizações multilaterais de desenvolvimento e fundações para que encontrem modos de vincular-se a doações e eficazmente direcioná-las à solução de necessidade de desenvolvimento.

Novos filantropos de alto patrimônio líquido assumem grande variedade de abordagens à promoção do bem-estar, frequentemente refletindo contextos sócio-culturais-políticos em que trabalham igualmente as próprias experiências na constituição de negócios e riqueza. Alguns filantropos do sul global escolheram diretamente fracassos e sucessos em governança, financiando estudos sobre corrupção e concedendo importantes prêmios em reconhecimento à boa governança. Outros escolheram focar o setor privado, negócios, e pequeno empreendedorismo como motrizes para geração do bem-estar e dignidade individual. Ainda outros focaram a educação e alfabetização como fundamento de independência tanto econômica quanto política. As forças dessas iniciativas filantrópicas residem em seu comprometimento como doadores. Apesar de participantes ocasionalmente apelarem por uma abordagem unificada e uma teoria de mudança compartilhada em ação filantrópica, muitos reconheceram o poder da diversidade em filantropia.

Outras propostas feitas incluíram: encontrar sistemas prontos ao investimento; investir em padrões financeiros; patrocinar a mensuração do lado do impacto social em investimento de impacto; e ajudar na construção de infraestrutura para investimento de impacto (focando especialmente no desenvolvimento de bolsas de valores sociais). Trabalho neste sentido pode também monitorar avanços em títulos de impacto social para averiguar quando e como estes podem tornar-se mais apropriados ao desenvolvimento internacional. Em termos de inovações em desenvolvimento, a filantropia pode também exercer um importante papel na identificação de fornecedores e na reunião de boas ideias e inovações em desenvolvimento para investimento (busca de pares/assistência técnica).

Organizações filantrópicas também tem um papel a cumprir em termos de usarem financiamentos de modo a criar mais ambientes viabilizadores. Isto inclui assegurar fundos para que bancos locais emprestem mais dinheiro aos pobres para o empreendedorismo social; disponibilizar fundos e explorar, junto com outros parceiros do desenvolvimento, coletas de riscos como meio de dividi-los. Organizações filantrópicas também podem trabalhar com governos de modo a aumentar a bases fiscais locais e simplificar as mecânicas de remessas, bem como apoiar doações por diásporas por meio de maior comprometimento a causas sociais e pelo estabelecimento de fundações comunitárias.

O potencial novo e não aproveitado dos mercados financeiros de dirigirem financiamentos de larga escala a necessidades sociais e ambientais precisa também da um ponto focal de discussões. A *Rockefeller Foundation* assumiu a liderança nos anos recentes no apoio ao desenvolvimento de infraestrutura para acelerar a emergência da indústria do investimento de impacto. De modo aos investidores institucionais empreenderem em investimentos que prometem retornos financeiros bem como sociais/ambientais, precisou-se de ferramentas para medir o impacto do investimento e classificar potenciais instrumentos de investimento e companhias em termos de desempenho social e ambiental. Deste trabalho, surgiram a Rede Global de Investimento de Impacto (uma rede de investidores de impacto), o Sistema Global de Classificação de Investimento de Impacto (GIIRS) e o Padrão de Impacto em Reporte de Investimento (IRIS)[47]. Outras formas de direcionar investimentos em prol de resultados sociais também emergiram, incluindo traba-

47. Ver www.thegiin.org/cgi-bin/iowa/home/index.html

lho recente pelos governos do Reino Unido e dos Estados Unidos em títulos de investimento social, que foram estruturados de modo que investidores possam dividir parcialmente o risco de novos programas sociais, permitindo que financiamentos governamentais de grande escala fluam uma vez que "métodos" vencedores sejam assim identificados por múltiplos investigadores. Novos projetos estão sendo explorados para encontrar meios de agregar investimentos sociais de grande escala (tal como infraestrutura verde e resiliente a mudanças climáticas) e criar bolsas de valores sociais, permitindo que agentes filantrópicos assumam a trincha de alto risco de investimentos que apoiam crescentes empréstimos às populações subatendidas.

Enquanto alguns participantes da Cúpula estavam familiarizados com tendências neste campo, outros nem tanto e/ou não estavam tão convencidos de que investidores do setor privado tenham interesse em priorizar resultados sociais. Entretanto, houve desejo muito disseminado de se compreender e apreender mais:

> Precisamos de uma cartilha acessível sobre o investimento de impacto e como este pode promover o desenvolvimento, escrito para pessoas trabalhando em organizações do desenvolvimento ou em ONGs que não são especialistas em terminologia financeira e de investimentos.

Confiança

Quadro 4.5 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

É difícil de angariar dinheiro para o bem-estar e desenvolvimento internacional porque doadores e contribuintes não conseguem facilmente enxergar onde seu dinheiro está indo e o que ele está realizando. Os colóquios globais sobre os "BRICS" e os "Países de Renda Média" ressaltou que a barreira primária aos filantropos privados apoiarem o trabalho em desenvolvimento é a falta de confiança em organizações da sociedade civil locais. Grupos de discussão na Cúpula Bellagio enfatizaram a necessidade de melhores processos de monitoramento, avaliação, prestação de contas e transparência, o que inclui acompanhamento de fluxos de dinheiro de *royalties* de recursos naturais etc. Comunidades, clientes e "beneficiários" frequentemente não confiam naquilo que entendem como a "indústria do desenvolvimento". Há altos níveis de desconfiança entre os setores privado, filantrópico, da sociedade civil e público. Se, conforme identificado, existem uma necessidade de maior colaboração entre estes setores, então a questão da confiança deve ser solucionada.

Principais desafios: Como podemos inserir sistematicamente em programas de bem-estar que processos que incentivem a confiança entre setores e entre instituições e pessoas?

A falta de confiança

A falta de confiança afeta muitas áreas do ecossistema do desenvolvimento e filantrópico e influencia o bem-estar de muitas maneiras. Não se confia em instituições de governança global e arranjos devido a sua falta transparência e a questões de prestação de contas; o ecossistema do desenvolvimento e filantrópico sofre de uma crise de

liderança e desconfiança derivada; há desconfiança pública acerca do estado, incerteza sobre a motivação de doadores, corrupção disseminada e fracasso em confiar-se na criatividade da sociedade civil.

A solução desta falta de confiança deve ser concluída em todos os níveis do ecossistema. É necessário que confiança seja gerada através da cadeia: de doadores à prestação de serviços às comunidades e pessoas na base. Desenvolver confiança é difícil e demorado, ao passo que ela pode ser destruída rapidamente. Muitos fatores são necessários à constituição de confiança (incluindo empatia, transparência, comunicação, expectativas claras a respeito de sucessos e fracassos, clareza sobre expectativas mútuas, disposição à abertura a inovação e prontidão a investir em pessoas). Confiança depende em previsibilidade: permitir que todas as partes envolvidas em transações participem do planejamento de diferentes cenários de sucesso ou fracasso. O uso da abordagem do bem-estar tem a vantagem de requerer das partes detentoras de poder, recursos levando em consideração a autonomia, perspicácia, dignidade e seguridade de todos participantes envolvidos em um relacionamento de modo a gerar a confiança necessária ao sucesso de longo prazo de um projeto e à força de um relacionamento.

Uma metodologia para a geração de confiança

Depois de explorar razões para a falta de confiança em meio ao sistema, grupos de trabalho formularam as seguintes recomendações para organizações do desenvolvimento e filantrópicas gerarem confiança entre si e com as comunidades com quem trabalham.

- **Proporcionar oportunidades para *feedback*:** Beneficiários devem receber oportunidades formais e informais de refletirem sobre doações/projetos e sobre seus relacionamentos com doadores.

Uma vez agregados e publicados na rede, estes podem proporcionar informação crucial à criação de mudanças positivas. Essas oportunidades de pareceres precisam ser acompanhadas pela criação de "espaços seguros" nos quais avaliações não resultam em impactos negativos. Dados de desempenho devem ser usados para aumentar o aprendizado. Caso a geração de confiança seja o objetivo, isto deve constituir uma das métricas com as quais equipes de alta gestão serão avaliados. Dados de parecer dos subvencionados deve informar a apreciação performática do pessoal. Notou-se que: "o setor inteiro deveria ter a capacidade de aprender com a experiência de organizações específicas, então é importante converter os dados em algo que capture a atenção da liderança do setor".

- **Encorajar reflexões mais amplas sobre fracassos:** A criação de dados performáticos (como pesquisas de parecer) permite maior aprendizado em todo ecossistema do desenvolvimento e filantrópico através da disseminação de informação. De modo que pareceres performáticos sejam eficientes é necessário o reconhecimento do fracasso como uma forma de aprendizado e parte de um processo de geração de confiança. Evento em que organizações possam reunir-se em "espaços seguros" para falar de suas experiências e fracassos pode ajudar a constituir estes "espaços" e valores.
- **Doadores devem minimizar e planejar cuidadosamente encargos avaliativos de subvencionados:** Somente dados que podem e serão incorporados estrategicamente devem ser coletados; recursos devem ser alocados permitindo que beneficiários empreendam reporte.
- **Identificar o lócus da confiança:** Distinguir entre confiança interpessoal (entre pessoas como indivíduos) e confiança insti-

tucional (entre organizações). Ambas as formas de confiança tem um papel a cumprir na melhora da qualidade geral do ecossistema. É necessário identificar qual tipo de confiança é apropriada em contextos particulares.

- **Evitar imposições externas:** Encoraje mais trabalho colaborativo com o desmanche de barreiras tradicionais que existem em e entre organizações. Busque constituir relacionamentos mais próximos com beneficiários. Isto requer criar oportunidades de escutar suas vozes, mesmo que organizações da sociedade civil locais medeiem o processo.

> Apesar de sabermos que precisamos de "todo tipo de ajuda", o maior problema é quando existe falta de comunicação entre beneficiários e filantropos. Precisamos sensibilizar-nos e colaborar muito proximamente com beneficiários diretos, envolvendo-os no processo inteiro de tal maneira que tenham propriedade sobre o processo. (Samia Yaba Nkrumah, MP)[48]

- **Torne expectativas explícitas:** Seja claro sobre objetivos desde o início de um relacionamento e, em particular, seja claro sobre o nível de tolerância ao risco esperado por e de parceiros. Isto requer articular explicitamente uma teoria de mudança e demonstrar a eficácia desta abordagem caso a caso.
- **Envolver diversos agentes:** Estes incluem financiadores (diretorias, funcionários seniores de fundações e gestores de programas), constituintes primários, pessoas e organizações das comunidades, intermediários, facilitadores externos, metodologistas que auxiliem na elaboração de mensurações, criadores de movimentos e empreendedores sociais.

48. Líder do Partido da Convenção Popular, Membro do Parlamento, Gana.

- **Dedicar recursos financeiros e tempo à geração de confiança:** Isto contempla capacitações, facilitadores, visitas de decisores a comunidades, apoio à infraestrutura e treinamentos.
- **Articular um plano de término claro:** Subvencionadores precisam realiza isso em colaboração com todas outras partes no início de uma intervenção e com antecipação suficiente antes do início planejado do projeto.
- **Assegurar alinhamento entre parceiros:** Relacionamentos entre subvencionadores e prestadores de serviço de esclarecer resultados esperados no estágio da concessão da doação. O alinhamento entre subvencionadores e prestadores de serviço estratégico e de valores deve ser examinado, assegurando que há compreensão mútua de riscos e modos de verificar-se que nenhum dano está sendo causado.
- **Seja transparente sobre financiamento:** Para ajudar comunidades a comprometerem-se e administrarem recursos eficientemente, deve ser claro como o financiamento está sendo alocado. Comunidades devem ser encorajadas a investir seu trabalho em projetos. Isto aumenta a credibilidade e confiança e desloca-se de doações caridosas ao estabelecimento de relacionamentos.

Resumindo, uma metodologia para a geração de confiança deve residir nos seguintes parâmetros:

Clareza de resultados, alinhamento de estratégias/missões de parceiros, compreensão mútua de conforto com fracasso e risco, clareza em definição de fracasso(s), um plano de aprendizado para sucessos ou fracassos, clareza em transparência pública, plano de contingência em caso de consequências não intencionais, plano de sustentabilidade e término de doação, claridade acerca do processo, transparência sobre recursos, mecanismos de parecer, e inserção de respeito.

Capacitação

Quadro 4.6 – Declaração do problema conforme articulado na Cúpula Bellagio

Existem importantes desafios à prestação de capacitações em escala. Entre outras coisas, instituições precisam inserir em todo seu trabalho: monitoramento e avaliação; sistemas de aprendizado contínuo; processos eficazes de lidar com as vozes dos pobres e mais vulneráveis. Muito das aptidões e do conhecimento necessários à sustentabilidade de organizações do desenvolvimento e de filantropias privadas está faltando. Habilidades em captação de recursos, comunicações e promoção de causas representam um foco em particular. Pode haver um papel para o setor das fundações de financiar desenvolvimento e disseminação de uma base de conhecimento forte. A noção de que organizações do desenvolvimento deveriam rotineiramente estar "a uma doação da extinção" é uma séria barreira à sustentabilidade de longo prazo de capacitações. Muitos participantes do Módulo 3 da Cúpula Bellagio sentiram que fundações precisam desenvolver um conjunto de doações de curto e longo prazo para melhor apoiar capacitações em ONGs parceiras.

Principais desafios: Como podemos construir a infraestrutura em múltiplas instituições para capacitações na escala necessária? Quais são os próximos passos?

Filantropia e capacitações

A necessidade de capacitações permeia o ecossistema do desenvolvimento e é interconectada ao seis desafios da Cúpula Bellagio (ver sessão 4.3). Se o ecossistema do desenvolvimento precisa ser mais orientado ao bem-estar, então eliminar a pobreza em renda não deveria ser a única motriz. O trabalho filantrópico e do desenvolvi-

mento precisa estar baseado em capacitações voltadas para a expressão de vozes comunitárias, ativismo e exercício.

Organizações filantrópicas possuem de fato vantagem comparativa em relação a capacitações. Elas não possuem as limitações do governo ou de empresas, colocando-as em uma boa posição para focarem em capacitações para sociedade civil, boa governança e administração. Conforme declara no Colóquio Global de Accra sobre Novos Mercados Emergentes: "administradores corporativos preferem financiar coisas tangíveis, não envolver-se em justiça social ou promoção de causas."

No colóquio de Cairo, pessoas apelaram a filantropos para que reconheçam a importância de programas de intercâmbio e compartilhamento de experiências e capacitações – mas alertaram também que uma abordagem tecnocrática não acarreta automaticamente em capacitação. Se organizações da sociedade civil exercerem um papel importante na geração de mudança positivas, então existe uma necessidade de repensar-se a natureza das capacitações, conforme proposto por estes participantes, a focar-se no campo da educação.[49] A Cúpula Bellagio reconheceu o importante papel que filantropos podem exercer sobre projetos demonstrativos, capacitações e combinar forçar para melhorar a qualidade dos gastos públicos. Apesar de capacitações serem encaradas como cruciais e como importante meio de tratar problemas mais amplos – como urbanização, migração, estagnação rural, pobreza – a implementação e o avanço de capacitações em desenvolvimento e filantropia não é livre de ambiguidades.

49. Neste contexto, note o comentário do colóquio de Délhi (ver sessão 3.3.6) "Se você quer colocar dinheiro em cinco ou mais escolas, não se importe. Se você que colocar dinheiro na administração escolar - isto terá maior impacto". A tentação de organizações filantrópicas é de partir para o imediato, visível e tangível.

Infraestrutura para capacitações

Apesar da tendência de ver capacitações como atividades altamente localizadas para beneficiários, muitos agentes do ecossistema do desenvolvimento requerem capacitação de algum tipo. ONGs, que frequentemente exercem papel de cancela às comunidades, requerem capacitação para melhorar, em vez de cancelar, interrelações entre comunidades e organizações internacionais. Pobres e comunidades requerem capacitações em termos de expressar suas vozes e moldar agendas. Mas ao mesmo tempo, organizações filantrópicas frequentemente desligam-se do que ocorre na base. Altos gestores e especialistas requerem aptidões em trabalho colaborativo, aprender a escutar vozes comunitárias e engajar-se em processo de promoção de causas significativos. Eles necessitam de maior capacidade de assumir riscos e melhores maneiras de constituir a independência de seus parceiros e beneficiários. Eles também precisam desenvolver sua capacidade coletiva, aprender um com o outro, compartilhar ferramentas e informação. Existe assim um duplo elemento em capacitações, no qual agentes filantrópicos devem capacitar a si mesmo de modo a assegurar que parceiros tenham por fim a capacidade de assegurar seus próprios futuros e que suas abordagens ao desenvolvimento combinadas sejam sustentáveis.

Exemplos de capacitações no mundo filantrópico e do desenvolvimento tendem, contudo, a enfatizar uma natureza localizada e particular. Por exemplo, voluntariado para solução de problemas é focado na melhora do bem-estar através de interações e solução de problemas; conectar trabalhadores capacitados de corporações multinacionais de modo a gerar aptidões particulares ao trabalho em desenvolvimento e proporcionar uma oportunidade de aprendizado na prática. O esquema é baseado na demanda, com voluntários

proporcionando aptidões que melhoram a capacidade das organizações anfitriãs, ao invés de simplesmente resolver problemas imediatos. Esta característica de atrelamento a projetos da filantropia limita o alcance das capacitações.

Capacitações locais e "aprendizado junto à base" proporcionam organizações locais com pessoal capacitado e capacitação em comunidades. Conforme organizações do desenvolvimento e filantrópicas competem por profissionais capacitados, pessoas treinadas localmente transferem-se para empregos de grande destaque em organizações internacionais, estabelecem importantes vínculos em redes e ou começam suas próprias organizações de desenvolvimento. Assim, eles representam um componente vital de capacitações ao setor inteiro. Organizações internacionais beneficiam-se de tais capacitações, mas não arcam com nenhum dos custos associados. Isto é frustrante para as organizações do desenvolvimento locais que assumiram o treinamento e, como os custos deste não podem ser recuperados, e é difícil de ser sustentado. É, portanto, necessário que o valor de capacitações em organizações locais e seu papel de investir e treinar pessoas sejam reconhecido (e remunerados) como contribuição ao setor do desenvolvimento e filantrópico como um todo.

Uma estrutura conjunta para atingir objetivos de capacitação

> O setor inteiro deve ter a capacidade de aprender com a experiência de organizações específicas, então é importante converter dados em algo que chame a atenção da liderança do setor. (Módulo 3)
> Nós não solucionaremos os problemas básicos de pobreza, desigualdade etc., até que pessoas que vivenciam estes problemas participem efetivamente na geração de soluções. (Módulo 3)

Constituir a estrutura para capacitações de instituições do ecossistema do desenvolvimento inteiro requer uma avaliação de capacidade latente, próximos passos e escala. A Cúpula Bellagio ressaltou a necessidade de uma estrutura conjunta que ajude agentes do desenvolvimento e filantrópicos e seus parceiros a avaliar necessidades, elaborar um plano conceitual e confirmar a conduta para concretizar os objetivos do programa. Elaborar uma metodologia torna mais provável que objetivos sejam alcançados e poderá identificar a necessidade de envolvimento de colaboradores terceiros especialistas. Tal estrutura ou escritório de saldos para capacitações também precisa assegurar prestação de contas e transparência, respeitando as verificações externas que o compartilhamento proporciona.

A estrutura de capacitações deve focar nos seguintes elementos:

- **Requer avaliação e autorreflexão** (o que se sabe e o que não sabe, que capacidades latentes já existem, qual conjunto holístico de aptidões podem ser incluídas);
- **Mecanismos de infraestrutura e mentalidades em mudanças** (enfatizando a necessidade de encarar-se filantropia como desenvolvimento, tratar a falta de aptidões, mas também expandir capacitações locais em regionais, enfatizar capacitações de longo prazo como um processo de que requer substanciais investimentos mais do que enfoque em resultados rápidos);
- **Recursos** (reconhecer os recursos monetários limitados, mas também enfocar outros aspectos não monetários associados a capacitações. Isto remete à necessidade de avaliação, autorreflexão, ênfase em identificar o que é necessário e canalizar recursos eficazmente);
- **Monitoramento e avaliação (M&A) de impacto** (é preciso desenvolver métricas de desenvolvimento institucional, incorpo-

rando meios de aprendizado a partir de fracassos e assegurando sistemas de parecer efetivos para isto).

A Cúpula Bellagio como um todo reconheceu que maior coordenação entre agentes filantrópicos é necessária para estabelecer padrões, identificar lacunas, criar colaboração, assegurar melhor trabalho e compartilhar aprendizado e modelos de sucesso.

Resumo dos principais argumentos da Cúpula Bellagio

A Cúpula Bellagio reuniu mais de 100 participantes de mais de 30 países, representando organizações filantrópicas pequenas e grandes, gestores governamentais, acadêmicos, filantropos individuais, captadores de recursos e profissionais do desenvolvimento. Esta cúpula de 15 dias também envolveu mais de 1000 pessoas mundo afora através de mídias sociais. As 12 homologações da cúpula foram documentadas no "Memorando Bellagio".[50]

Estas importantes mensagens proporcionam conclusões elaboradas pelos participantes durante a Cúpula Bellagio. Mas em que grau a cúpula atingiu as metas iniciais da Iniciativa Bellagio? Estes objetivos foram discutir a natureza das atuais relações entre desenvolvimento internacional e filantropia, refletir sobre como estas podem ser mudada de modo a melhor protegerem e promoverem o bem-estar humano no contexto do século XXI e decidir sobre como operacionalizar os resultados da cúpula e do processo de deliberação mais amplo da Iniciativa Bellagio.

50. Confira o texto complete em www.bellagioiniciative.org/wp-content/uploads/2011/12/Bellagio_Aide-m%C3%A9moire_final.pdf

A primeira destas metas, a saber, a exploração das atuais relações entre desenvolvimento e filantropia, recebeu atenção considerável na Cúpula Bellagio através da investigação de pessoas e recursos envolvidos no ecossistema do desenvolvimento e filantrópico e através de seus questionamentos acerca de fracassos e problemas.

Conforme fica claro pelo aqui delineado, os participantes da cúpula identificaram áreas de desconexão significativas e consideraram espaços caracterizados pela ambiguidade ou falta de conhecimento sobre atividades e papéis de diferentes agentes. Houve grande reconhecimento de uma tendência de agentes priorizarem setores específicos ou programas e um fracasso disseminado de assumir responsabilidades pelos sistemas gerais ou de reconhecer como o trabalho de indivíduos e organizações perpetuam limitação ao sistema como um todo. Mas, ao reunir participantes de vasta gama do ecossistema, a cúpula também ajudou participantes a depararem-se com novas ideias e abordagens, gerando oportunidades de colaboração futura. Para muitos participantes, a cúpula representou uma nova forma de colaboração, na qual agentes puderam sair de suas zonas de conforto, conhecer novas pessoas e engajar-se em discussões que variaram de seus enfoques usuais ou incorporaram novas perspectivas e entendimentos. Estas discussões ajudaram os participantes a dar-se conta da natureza diversa e difusa do ecossistema, e a compreender as interconexões entre seus próprios trabalhos ao de outros agentes no sistema. Isto significou que tempo substancial teve que ser destinado à descoberta e sentidos e valores fundamentais que diferentes agentes normalmente atribuem a termos comumente empregados. Após muita discussão e reflexão em quatro módulos, obteve-se considerável consenso no estabelecimento de uma linguagem comum para o tratamento e desafios aos bem-estar humano. Isto ficou evidente

no forte apoio ao bem-estar nos seis principais desafios discutidos na Secção 4.3.

Uma segunda meta focada na exploração do que pode ou deve mudar de modo a melhor proteger e promover o bem-estar humano em um dinâmico contexto do século XXI. Participantes da Cúpula Bellagio reconheceram que os paradigmas que tem predominado no auxílio oficial ao desenvolvimento e em esforços filantrópicos estão atualmente sendo questionados ou descreditados, mas ainda não é claro que novas ideias e abordagens tomaram seu lugar. Houve forte apoio à necessidade de melhor colaboração entre filantropia e desenvolvimento e – como resultado de muitas discussões honestas e reflexão crítica – considerável debate sobre se a Cúpula teria potencial de influenciar um novo paradigma filantrópico e do desenvolvimento. A influência da Cúpula Bellagio sobre um novo paradigma é formada a partir dos principais desafios discutidos acima e, como tal, um que adota o bem-estar: envolve vozes comunitárias (incluindo juventude); reconhece dignidade e direitos; fomenta inovações locais; reconhece contribuições diversas; enfatiza investimento e comprometimento de longo prazo; é sensível a consequências não intencionais; reconfigura papéis e responsabilidades em meio ao desenvolvimento internacional; atrai novos agentes diferentes; e desenvolve maior coordenação no sistema.

Mas, ao mesmo tempo, participantes reconheceram o enorme desafio envolvido a um "novo paradigma" e focaram-se sobre medidas para a mudança realizáveis. Estas incluíram:

- Reconhecimento da necessidade de enfoque sobre dimensões sociais das vidas de pessoas, particularmente aspectos da vida social que são desprezados, negados ou tornados invisíveis pela ideologia de mercado. Tal abordagem ressalta a importância

do bem-estar (junto com imperativos materiais) e enfatiza o tratamento da economia assistencial, garantindo o sentimento de segurança de pessoas e protegendo sua dignidade.

- Reconsideração do modo em que o desenvolvimento é construído e organizado através de um modelo rural de realidade. Isto requer o reconhecimento da mobilidade de pessoas e que problemas atuais de desenvolvimento estão cada vez mais sendo vivenciados em contextos urbanos ou de urbanização acelerada.
- Enfatizar inciativas comunitárias e criar oportunidades para que comunidades assumam a liderança em desenvolvimento e filantropia, através do reconhecimento destes papéis e responsabilidade e de sua inserção na abordagem da "filantropia como desenvolvimento"; e através da mobilização de novos recursos inerentes a pessoas, seus talentos, aptidões, redes e vozes. Isto requer não só consciência de vozes comunitárias, mas ação a partir delas.
- Aproveitamento de oportunidades de apoio à inovação local através de novas combinações de agentes e abordagens que fomentem a cadeia de valor da inovação por seu valor social e contribuição ao bem-estar humano.

Finalmente, uma terceira meta inquiriu como os resultados do processo deliberativo da Inciativa Bellagio podem ser operacionalizados. Esta foi uma área onde existe potencial muito maior à elaboração de abordagens e na qual novas parcerias e abordagens estão surgindo. A cúpula Bellagio, como parte da Iniciativa Bellagio mais ampla, representou o começo de aprendizado e exploração mútuos, de reflexão crítica sobre papéis e responsabilidades e de confrontamento de um paradigma de desenvolvimento. Ela revelou a enorme

complexidade do ecossistema do desenvolvimento e filantrópico, incrível diversidade e potencial de conhecimento e também enormes lacunas em compartilhamento de conhecimento sobre diferentes papéis e responsabilidade, consciência de novos agentes, diferentes sistemas de valor operando no ecossistema, e a existência de competição e contestação. Ela também demonstrou algumas importantes dimensões de mudança: novas maneiras de trabalhar contemplando a diversidade; novas formas de colaboração; espaço para muitos tipos diferentes de contribuição; e novos modos de adquirir-se coerência. Destas identificações e ações derivadas surgirão novas estruturas de ação que aproximarão filantropos a seus beneficiários muito mais e, em tempo, criarão espaço para novas formas de engajamento. A Cúpula Bellagio foi somente uma parte da Iniciativa Bellagio. A Iniciativa como um todo foi muito mais ampla e ambiciosa, incluindo Estudos Encomendados e Colóquios Globais. A seção seguinte investiga que conclusões podem ser tiradas da Iniciativa Bellagio como um todo.

Conclusão

A Iniciativa Bellagio reuniu vasta gama de participantes, de trinta países de todas as regiões do mundo,[51] representando comunidades locais, grupos locais, ativistas de todo espectro político, organizações filantrópicas em países anfitriões, gestores governamentais, acadêmicos, profissionais do desenvolvimento, altos funcionários de organizações internacionais representantes de negócios e jornalistas. Esta iniciativa de seis meses também chegou ao resto do mundo através de várias formas de mídia social – blogs, Twitter, transmissões ao vivo na rede – e envolveu no total mais de 1000 pessoas no mundo inteiro.

As três propostas da iniciativa foram:

1. Elaborar um relato do cenário em mudança de agentes e recursos envolvidos e relevantes aos esforços de desenvolvimento internacional e filantrópicos de proteção e promoção do bem-estar humano.
2. Identificar os maiores desafios à proteção e promoção do bem-estar humano em escala global no século XXI e descobrir novas oportunidades e inovações surgindo em seu apoio.
3. Elaborar uma explicação de como os resultados da deliberação podem ser usado por organizações filantrópicas e de desenvolvimento internacional de modo a operacionalizar uma abordagem estratégica destes novos desafios e oportunidades.

51. Houve representação da Austrália, mas não das Ilhas Pacíficas.

4. Neste capítulo conclusivo revisaremos à medida que cada uma destas propostas foram realizadas e discutiremos as implicação ao futuro do desenvolvimento internacional e da filantropia.

Elaborando uma descrição: um ecossistema mais complexo e diverso dos esforços em desenvolvimento internacional

A Iniciativa Bellagio foi instituída devido ao reconhecimento de importantes mudanças ocorrendo no ecossistema global dentro do qual as organizações do desenvolvimento internacional e filantrópicas operam. O processo geral resultou em um relato detalhado da complexidade desta mudança.

Os últimos dez anos foram testemunha de uma aceleração no número e na proliferante diversidade de agentes e agências envolvidas no esforço de desenvolvimento internacional. O que há tempos é visto como uma reserva um tanto restrita de profissionais em um conjunto de organizações bem-estabelecidas, incluindo agências governamentais multilaterais e bilaterais, grandes organizações não governamentais e organizações filantrópicas de pequeno porte, está sendo substituído por uma ordem de contribuintes aos esforços de desenvolvimento internacional muito mais amplo e pluralista. Uma importante nova motriz foi o surgimento de uma geração filantrópica conduzida por indivíduos globais abastados. Esta nova geração está aumentando a diversidade da filantropia global em termos geográficos, culturais e ideológicos. Isso inclui filantropias associadas ao surgimento de novas potências econômicas, mas também esforços filantrópicos fundados em novas identidades empreendedoras. Ao mesmo tempo, o deslocamento do poder econômico global foi tes-

temunha do fortalecimento das vozes de governos das novas potencias econômicas em debates globais. A revisão de deslocamentos políticos globais que foi executada como medida preliminar à Iniciativa indica a ascendência do G20 sobre o G8 como maior fórum global de discussão econômica, e também a emergência dos BRICS e outras economias de desenvolvimento acelerado como doadores e assessores ao desenvolvimento por conta própria. Simultaneamente a isto, tem havido crescente envolvimento de uma cidadania global mais difusa. O crescimento da internet e modernas tecnologias de comunicação apoiaram uma crescente demanda por parte das próprias pessoas de constituírem uma parte integral dos esforços de desenvolvimento, como cidadãos, doadores ou decisores.

Essa mudança trouxe um novo conjunto de agentes aos debates de desenvolvimento. Elas trazem consigo novas ideias sobre como o desenvolvimento deve ser feito e uma mistura de críticas tanto contundentes quanto idiossincráticas das políticas e práticas de desenvolvimento existentes. Várias contribuições à Iniciativa Bellagio e debates na Cúpula exploraram áreas de potencial força e fraquezas nesta nova geração de pensamento em desenvolvimento. Não é possível ou necessário expor quais são os argumentos ou críticas corretos associados a esta mudança, mas talvez a oportunidade mais importante representada seja que ela amplia a diversidade do debate. Muitas das novas filantropias são frequentemente fundadas em diferentes identidades culturais, religiosas ou ideológicas e novos doadores ao desenvolvimento trazem consigo diferentes histórias e diferentes lugares da economia política global. Será um importante desafio aos debates sobre o futuro dos esforços em desenvolvimento levar essas vozes em consideração. A emergência de vozes mais articuladas e coordenadas de nossa diversa população global (auxiliada pelas novas tecnologias de co-

municação) também representa uma oportunidade de inclusão sistemática de vozes de diversas identidades (pobres, jovens mulheres, marginalizados e contextos sociais ou políticos particulares, identidades religiosas, identidades étnicas/culturais) em deliberações de desenvolvimento.

A Iniciativa Bellagio começou a traçar um quadro de como é este novo ecossistema. Um conjunto de Estudos Encomendados sobre filantropia começou a mapear o alcance da expansão filantrópica, mas também explorou algumas qualidades deste crescimento. As discussões na Cúpula e nos Colóquios Globais ilustraram a diversidade de visões de novos agentes e à medida que antigos modelos de desenvolvimento estão sendo desafiados. De modo a navegar neste novo ecossistema um importante passo será investir ainda mais na compreensão deste novo ecossistema em evolução.

A analogia de ecossistema provou-se significativamente valiosa através do processo. Isto porque ela permite que observadores e profissionais reconheçam que a mudança é uma de novos agentes, mas também uma que implica novos valores e novas relações. Todos esses se somam a uma dinâmica diferente dos esforços globais em desenvolvimento e oferecem novas possibilidades de conceitualizarmos e engajar-nos em desenvolvimento com enfoque no bem-estar a todos.

Vários componentes da Iniciativa começaram a revelar algo da complexidade destas mudanças e a metodologia para a Iniciativa também introduziu elementos de pensamento em complexidade nas considerações sobre como avançar. Uma das principais mensagens do pensamento em complexidade foi o enfoque no "sistema" simultaneamente a considerações sobre suas diversas partes constituintes. A agenda de mudança que foi elaborada através deste processo ilustrou a necessidade de uma estratégia multinivelada de

ação na arena do desenvolvimento internacional depois deste processo. É necessário explorar reformas e mudanças especificamente no nível organizacional com considerações sobre mudanças em nível sistêmico.

O foco no desafio de promover e proteger o bem-estar humano foi útil ao exercício de mapeamento do novo ecossistema. Ele proporcionou um ponto focal ao mapeamento da nova complexidade. O conceito de bem-estar humano tem interessantes afinidades com o pensamento em ecossistema. Isto requer que pensemos nas interações entre pessoas e estruturas sociais e organizacionais mais amplas nas quais operam. Ao longo de vários encontros do processo houve múltiplos apelos por uma abordagem ao desenvolvimento mais centrada em pessoas, sustentada por enfoque em bem-estar humano. Todas tentativas de representar geograficamente o sistema estimulou-se a questão: onde estão as pessoas? A proposta resultante da adoção do enfoque em bem-estar humano é que em futuras evoluções do novo ecossistema do desenvolvimento internacional, será importante manter os seres humanos, intencionados como beneficiários de esforços, no centro do quadro.

A orientação por bem-estar humano encaixa-se na abordagem de ecossistema em outras maneiras significativas. A primeira é que torna a agenda de valores divergentes explícita. Assim, qualquer mapeamento futuro não será apenas sobre quem faz o que onde, mas também buscará representar e tornar transparente os diferentes valores que estão em jogo na nova dinâmica de desenvolvimento. Uma importante crítica à atual ortodoxia do desenvolvimento internacional revelada por discussões ao longo do processo Bellagio é que ele foi insuficientemente capaz de absorver diferentes posições de valor em sua principal orientação. O reconhecimento de valores divergentes e às vezes conflitantes pode ser visto como

uma ameaça à coerência dos futuros esforços em desenvolvimento internacional, mas um importante tema nas deliberações foi que essa diferença de valores é parte da realidade na qual e com a qual o desenvolvimento deve operar. Assim, uma estrutura que explicite a questão das diferentes posições de valor já é um primeiro passo na viabilização de relacionamento entre estas diferentes posições de valor.

Uma segunda maneira em que a conceitualização de bem-estar foi apropriada deveu-se ao seu enfoque em relacionamentos. Um mapeamento do ecossistema não é somente sobre onde cada um está, mas também sobre como se relacionam entre si. Uma das mais poderosas observações dos primeiros dias da Cúpula Bellagio foi que existem muitas "desconexões" no atual ecossistema de desenvolvimento internacional. Muitas agências e pessoas que logicamente deveria relacionar-se um com o outro, tendo em vista a eficácia dos esforços em desenvolvimento, não o fazem ou mantém relacionamentos ineficazes ou disfuncionais. O processo do futuro mapeamento do ecossistema pode assistir o enfoque na agenda sobre quais relacionamentos precisam ser criados, elaborados e fortalecidos. A abordagem do bem-estar proporciona um jeito de pensar sobre qualidade e função de relacionamentos e sobre como eles contribuem (ou não) à proteção e promoção do bem-estar humano.

Em todas as partes componentes do processo Bellagio houve muita crítica ao arranjo vigente em desenvolvimento internacional: organizações, estruturas e processos. Mas também houve uma mensagem contrária de que é importante não desprezarmos e descartarmos todos os elementos positivos que foram conquistados ao longo das décadas. Um debate particularmente efusivo que permeou vários elementos do processo foi sobre à medida que organizações filantrópicas devem emular ou alinhar-se com práticas

e protocolos existentes do desenvolvimento internacional. Alternativamente, que a indústria do desenvolvimento deveria aprender com o mundo dos negócios, usando modelos empresariais de solução de problemas prestados pelo setor privado e filantropia para revigorar o desenvolvimento.

Nenhum dos extremos de total alinhamento com negócios ou total rejeição das atuais abordagens do desenvolvimento representam um caminho sensato. Ao invés disso, a conclusão da deliberação foi focada sobre a identificação de vantagens comparativas de diferentes tipos de organização. Em seu Estudo Encomendado, Michael Edwards argumentou por um espaço em que uma diversidade de abordagens no setor filantrópico possa ser mantida, mas simultaneamente a isso houve um apelo para que filantropias sejam mais transparentes e prestadoras de contas. Apesar da Declaração de Paris sobre Eficácia do Auxílio ter sido criticada por alguns lados (ver a contribuição de Michael Green à Cúpula), há importantes princípios contidos nesse esforço global que merecem um nível apropriado de respeito continuado. Os princípios de propriedade por beneficiários, alinhamento entre diferentes doadores de auxílio e beneficiários e prestação mútua de contas entre doadores e beneficiários foram todos reconhecidos como importantes considerações para as colaborações em andamento entre desenvolvimento internacional e organizações filantrópicas.

Um princípio mais contencioso foi objeto de numerosas discussões em toda Iniciativa foi o enfoque em resultados, fortalecido pela Declaração de Paris. Durante a deliberação, a questão de definições restritas e limitantes de resultados e evidências foi visto como uma ameaça às diversidades de abordagens e enfoques. Enquanto que a importância de ter-se evidências consistentes foi aceita, também houve reconhecimento de que existirão situações de desenvolvi-

mento nas quais será difícil gerar evidências. Definições restritas do que conta como resultados ou evidencia correm em sentido contrário a outras direções consideradas nas deliberações como importantes de serem exploradas pelo desenvolvimento internacional e organizações filantrópicas. Apoio a novas ideias e inovações em como maior tomada de risco trouxeram benefícios significativos, mas menos tangíveis ou imediatos aos pobres ou vulneráveis.

Identificando os maiores desafios e oportunidades da proteção e da promoção do bem-estar humano em escala global no século XXI

Há consenso razoável o conjunto de ameaças ao bem-estar da humanidade que precisam ser solucionados nas próximas décadas. Em vários Estudos Encomendados e Colóquios Globais, o processo tratou de ameaças relacionadas a: uma nova distribuição da pobreza, escassez de recursos, mudança climática e sustentabilidade, colapso democrático, valores materialistas, urbanização e crescente mobilidade. Houve outros desafios e ameaças que não tiveram cobertura nos Estudos Encomendados, nem foram enfoque de Colóquios. Estes foram frequentemente identificados e discutidos ao longo de deliberações (por exemplo, juventude desempregada e insatisfeita, uma demografia em envelhecimento, conflitos violentos).

Há também meios de solucionar estes desafios que são conhecidos razoavelmente bem. As várias discussões revelaram uma sucessão de novas ideias e inovações de diferentes tipos que podem representar modos pelos quais esforços em desenvolvimento internacionais orquestrados podem proteger e promover o bem-estar humano nas décadas porvir.

Entretanto, ser capaz de dar conta de oportunidades depende de um sistema global de governança e gestão efetivamente operante. Isso requer acordos relevantes e eficazes de auxílio internacional a instituições; sistemas nacionais eficazes de governança; e sistemas de formulação e implementação de políticas que sejam vistos como legítimos e aceitos pela cidadania global em todos seus níveis.

Se dermos um passo para trás das grandes e óbvias ameaças à humanidade dos próximos anos e olharmos os principais temas que surgiram por todos os elementos da deliberação, talvez um dos mais gritantes desafios à proteção e promoção do bem-estar humano no século XXI seja o colapso de confiança em sistemas de governança e regulação. Diversos participantes em variadas localizações e contextos enfatizaram que pessoas perderam confiança em governança e regulação e nas organizações e agencias que supostamente são responsáveis pela proteção e promoção do bem-estar humano. Este sentimento de desconfiança estendeu-se de governos de estados-nação, por organismos globais e às agencias formais de desenvolvimento. Essa desconfiança é objeto de preocupação por parte de organizações filantrópicas e ONGs uma vez que muitos participantes observaram que a maior parte dos beneficiários dos esforços em desenvolvimento não distingue-os de agencias de desenvolvimento formais ou de governos. Para pessoas na base, organizações grandes cujos funcionários chegam em veículos 4x4, que possuem escritórios em cidade próximas e que formulam planos e projetos que, conforme é explicado, destinam-se a melhorar suas vidas, são todas muito parecidas.

A importância fundamental da confiança em como desenvolvimento internacional e filantropia poderão trabalhar em proteção e promoção do bem-estar humano é realçado pela abordagem aqui adotada. É um preceito fundamental da abordagem de bem-estar

que organizações governamentais, não governamentais ou filantrópicas não "dão" bem-estar às pessoas, nem podem fazê-lo: ao invés, pessoas geram seu bem-estar e o fazem através de relacionamentos com outros. No entanto, um importante conjunto de relacionamentos para que esta habilidade aufira bem-estar são aqueles agentes que criam as condições nas quais elas vivem e nas quais agrupam recursos com os quais buscam realizar seu bem-estar. Desconfia-se das relações de governança e auxílio ao desenvolvimento que supostamente criam e mantém estas condições, então a legitimidade de arranjos governamentais cai por terra e isso geralmente tem consequências adversas aos mais desempoderados e vulneráveis de nossa sociedade. A falha de confiança que foi reconhecida ao longo das deliberações Bellagio é uma disfunção fundamental no sistema global de esforços em desenvolvimento internacional.

Muitas ameaças específicas ao bem-estar humano que foram identificadas ao longo do processo podem ser vistas como emanando de fracassos em relações de governança: as crises de instabilidade econômica global; mudança climática; conflitos sobre recursos naturais; urbanização não planejada; pobreza e desigualdade crônicas. Esses fracassos de governança e regulação são alimentados por desconfiança e alimentam desconfiança futura. Este é um ciclo destrutivo que aparentemente encontra-se em todos os níveis de governança e é presente em muitas localizações geográficas. Uma prioridade e desafio às organizações do desenvolvimento internacional e filantrópicas é envolver-se em um projeto global de recuperação da confiança em governança e regulação.

As deliberações indicaram que isto pode ser abordado em muitos níveis diferentes e de variadas maneiras: de tomar conta da confiança em relações individuais entre doadores e beneficiários de auxílio através até os desafios em nível sistêmico de melhorar pres-

tação de contas e transparência como meio de restabelecer confiança em governantes e reguladores. Este desafio em nível sistêmico reside no âmago da eficácia aprimorada de relações de governança. Ele indica que há uma agenda de atividades em alcance de níveis sistêmicos: no nível da governança global; em sistemas de governança nacionais; em sistemas de governança dentro de organizações de desenvolvimento; e nos níveis locais e comunitários. Maior inclusão e conexão e maiores níveis de transparência e prestação de contas são importantes características em novas abordagens a esta empreitada. Esses movimentos são baseados em valores de respeito por cidadãos e pelos seus direitos como seres humanos com aspirações válidas, esperanças e medos e representam um deslocamento de modos de políticas e práticas de desenvolvimento que tratam pessoas como objetos.

As discussões ao longo das diferentes partes do processo repetidamente ressaltaram os obstáculos que geraram esta desconfiança e que se anteparam a maior confiança e eficácia em contribuições positivas à governança das organizações do desenvolvimento internacional e filantrópicas. Uma das principais maneiras na qual isso foi expresso foi no apelo por um modelo de desenvolvimento "centrado no humano". A atual narrativa tecnocrática das agências de desenvolvimento dominantes foi vista por muitos como contribuindo à sua distância e argumentável irrelevância. Por sua vez, esta tecnocracia reflete-se em e reflete aquilo que agências de desenvolvimento esforçam-se em medir: por exemplo, taxas de crescimento e linhas de pobreza de renda. A recomendação da *Sarkozy Comission*, de que é necessário um deslocamento de restritas medidas de desenvolvimento como progresso econômico a medidas mais amplas de desenvolvimento como melhora em bem-estar humano, foi apoiada pelas deliberações

Bellagio. A necessidade de novas métricas foi aceita apesar da menor claridade acerca de quais seriam e como seriam geradas.

A despeito da situação internacional desafiadora, as deliberações Bellagio indicaram que existe um grau de esperança que os desafios sejam solucionados tem fundamento. Ao longo do processo, diferentes inovações e oportunidades foram identificadas como tendo potencial de ajudar a comunidade internacional a resolver as ameaças ao bem-estar humano. Foi importante observar que inovação nem sempre se trata de tecnologias e as discussões da Iniciativa Bellagio distinguiram quatro tipos de inovações. Estas foram: inovação tecnológica, inovação organizacional, inovação financeira e inovação social. Exemplos de cada inovação foram encontrados em novos modos de se trabalhar enfrentando os desafios de bem-estar humano.

Compreendeu-se através de discussões que novas tecnologias de informação e comunicação já estão transformando o mundo enquanto simultaneamente, e ironicamente, contribuindo para a irrelevância de agências de desenvolvimento. Novas tecnologias tem demonstrado potencial de contribuir significativamente para práticas eficazes de desenvolvimento. Isso inclui tanto projetos que usam tecnologias permitindo que pessoas satisfaçam melhor suas necessidades (por exemplo, o M-Pesa) e também o uso de novas tornando mais eficazes as operações do sistema do desenvolvimento internacional (demandando governança responsiva, melhorando o potencial de prestação de contas, gerando dados sobre crises em tempo real, compartilhamento de lições etc.). É claro, como se notou no Colóquio Virtual sobre TICs, se não reguladas, novas tecnologias podem ser usadas de maneiras que trabalharão contra o bem-estar humano e que podem ser deletérias aos pobres e desempoderados.

O mais importante de todas estas formas de inovação é que elas permitem que recursos existentes sejam melhor empregados no enfrentamento de desafios reais ao bem-estar humano, ou mobilizam recursos adicionais em contribuição a estes esforços. Participantes das deliberações da Iniciativa Bellagio demonstraram amplo conhecimento de que recursos podem fazer diferença. São conhecidos convencionalmente os argumentos por melhor uso ou mobilização maior de recursos para os esforços de desenvolvimento, mas a deliberação também enfatizou que outros recursos importantes incluem ideais, pessoas e organizações.

Ao longo da Iniciativa, reconheceu-se que existem diferentes oportunidades que podem ser aproveitadas para enfrentar os desafios das próximas décadas. Se aceitarmos alguns princípios básicos da abordagem de complexidade que esteve presente na conceitualização de ecossistema elaborado nas discussões da Iniciativa Bellagio, então surgem as seguintes observações:

- Haverá necessidade de diversidade em abordagens nos esforços em desenvolvimento de modo a lidar com futuras complexidades (isto é, elas não podem sempre ser revistas nem soluções a elas podem ser prescrevidas);
- Novos problemas e volatilidade trazem maior enfoque no desenvolvimento de novas capacitações para a inovação;
- Provavelmente nenhuma organização sozinha é eficazem resolver problemas em um mundo complexoe interconectado e, por isso, encontrar maneiras de colaborar se tornará cada vez mais importante.

Na Cúpula Bellagio, estas observações permearam um reconhecimento disseminado de que será necessário que diferentes organi-

zações do desenvolvimento internacional e filantropia descubram conjuntamente quais são suas vantagens comparativas. Essa vantagem comparativa não representa uma camisa-de-força para organizações filantrópicas uma vez que o argumento da diversidade sugere que diferentes organizações filantrópicas devem ter diferentes vantagens comparativas. As observações também ressaltam outra percepção; que organizações do desenvolvimento não devem buscar realizar-se sozinhas, mas que cada uma pode ter um papel distinto a exercer em processos complexos. Isto requer alguma humildade e reconhecimento de que organizações de desenvolvimento contribuem, mas não dominam soluções. Reconheceu-se que isto vai de forte encontro à cultura de "meus resultados, meus beneficiários, minha organização" que algumas orientações por resultados encorajam.

Como evidente no Memorando emitido imediatamente após a Cúpula, uma das mais importantes áreas na qual o espírito de colaboração e abordagem centrada no humano está sendo combinados foi no trabalho conjunto de participantes da Cúpula no desenvolvimento de uma nova abordagem à inovação centrada no humano. Isto implicará em diferentes organizações determinando onde é melhor contribuir com o processo de identificação, fomento e dimensionamento de inovações motivadas por necessidades de pessoas.

Um importante tópico ressaltado em relação à identificação de vantagens comparativas é as diferentes atitudes e capacidades ao risco em diferentes organizações envolvidas em esforços de desenvolvimento. As discussões da Iniciativa Bellagio expuseram que, enquanto há uma visão disseminada de que filantropias estejam melhor posicionadas a assumirem empreitadas mais arriscadas, a realidade foi que elas tendem a ser bastante avessas ao risco. Diversas contribuições ao processo indicaram que graças às suas fontes de financiamento, filantropias deveriam ser mais capazes de assumir

empreendimentos mais arriscados que os governos eleitos (sujeitos a ciclos políticos), organismos de financiamento público (obrigados a não tomar riscos com dinheiro público e sujeitos a ciclos políticos), instituições de caridade e ONGs (que precisam ser vistas como cautelosas com contribuições voluntárias) ou organizações privadas (que são disciplinadas pelo mercado). As discussões identificaram numerosos fatores que inibem a tomada de risco em filantropias. Estas incluem: metodologias avaliativas limitadas que introduzem um viés para retornos a investimentos demonstráveis, tangíveis e de curto prazo; curtos horizontes para projetos e parcerias delimitadas; e a pressão de não ser vistas fracassando.

Quando olhamos para os prováveis desafios ao bem-estar humano nos próximos anos e para os esforços necessários para a inovação e tratamento de alguns dos fundamentos destes desafios, então torna-se aparente que alguém, alguma organizações, em algum lugar do sistema global de desenvolvimento deverá assumir riscos. Uma perspectiva de bem-estar humano sobre estre problema aclara o ponto de que pessoas que possuem a menor disponibilidade de recursos para investir em arriscadas adaptação ou mitigação são os pobres e vulneráveis. Ainda assim as evidências de respostas globais às recentes crises alimentar, financeira e de combustíveis foram de que os pobres que arcaram com a maior carga, enquanto que outras organizações e agências encalharam em investimentos de estímulo.

A discussão de atitudes de risco em organizações filantrópicas deve então não descolar-se de uma análise centrada no humano, perguntando-se: em que medida a filantropia deve conceber ela mesma compartilhando a carga da incerteza com pobres e vulneráveis? A seção seguinte discute possíveis agendas de mudança que foram identificadas nesta análise como dignas de consideração pelo

investimento global de modo a proteger e promover melhor o bem-estar humano em um ambiente global desafiador.

Operacionalizando envolvimento estratégico de desafios e oportunidades

No capítulo inicial deste relatório começamos com um breve relato de outros eventos e publicações que buscaram repensar o futuro do desenvolvimento internacional. Deste resumo destilamos cinco tipos de mudanças que foram vistas como importante caso queiramos enfrentar os desafios ao desenvolvimento nos próximos anos. Nesta discussão conclusiva usamos esse quadro para organizar as ideias fornecidas pelas deliberações ao longo da Iniciativa Bellagio sobre o que é necessário mudar para que possamos aproveitar oportunidades e enfrentar melhor os desafios ao bem-estar humano no século XXI.

Mudar o que e como medimos (efeitos e impactos de gestão)
Reforçando uma das principais recomendações da *Sarkozy Comission* houve aceitação muito difundida da necessidade de novas medidas em desenvolvimento que sejam mais capazes de capturas o que é importante para as vidas das pessoas. O valor do enfoque em bem-estar humano recebeu endosso geral ao longo da deliberação. Em alguns casos este foi entusiástico, em outros ele foi morno, mas não houve objeções declaradas ao valor de deslocar-se a este tipo de enfoque. Diversos temas foram usados para descrever o que o futuro do pensamento em gestão e mensuração para levar em consideração e incluir, por exemplo, voz, dignidade e justiça social. Todos estes termos são consistentes com o enfoque em bem-estar humano e todos

reconhecem que o desenvolvimento deve sistematicamente levar em consideração o que pessoas vivenciam, sentem, aspiram fazer e ser.

Principais possíveis áreas à operacionalização: métricas suplementares existentes do progresso do desenvolvimento como novas métricas que sejam mais centradas no humano. Em particular, será necessário explorar como indicadores objetivos existentes de desenvolvimento podem ser complementados por indicadores que revelem as dimensões subjetivas de uma experiência pessoal de desenvolvimento. Isso permitirá às organizações do desenvolvimento compreenderem o impacto de seus esforços de desenvolvimento nos sensos pessoais do que é justo e constitui um modo de vida digno. Para fazerem isto, organizações do desenvolvimento precisam esclarecer a base conceitual de novas medidas e então desenvolver metodologias a serem empregadas na geração de novos dados e evidência. Já houve significativo avanço nesta área em diferentes níveis: do trabalho em estatísticas nacionais (ver OCDE) a individuais mensurações de bem-estar, qualidade, ou satisfação de vida. Houve relativamente baixos níveis de consciência por parte de participantes do processo Bellagio de quais mensurações alternativas já foram desenvolvidas e onde estão sendo usadas. Trabalho adicional é necessário para aumentar a consciência a respeito destas mensurações alternativas; como devem ser adaptadas e operacionalizadas por organizações do desenvolvimento e como podem ser ajustadas às necessidades de organizações do desenvolvimento e filantrópicas de modo que possa ampliar o escopo de suas avaliações e monitoramento.

Mudança da agenda de gestão (novas questões, novas políticas e novas prioridades)

É ambicioso clamar por mudanças na agenda da gestão do desenvolvimento, mas a Iniciativa Bellagio foi uma empreitada ambiciosa e

envolveu uma combinação de participantes ambiciosos. Uma análise das deliberações da Iniciativa sugeriu que organizações filantrópicas e do desenvolvimento não devem intimidar-se com o desafio de mudar a agenda de gestão neste momento. Em última hipótese deve haver uma revisão das prioridades de gestão. Por exemplo, através dos Estudos Encomendados, Colóquios e Cúpula, houve repetidos apelos ao reconhecimento da questão da assistência a crianças, famílias e comunidades. Trabalho assistencial – as horas de trabalho que faz de nossas crianças bons cidadãos e que fortalece a coesão comunitária; auxiliam idosos e órfãos da AIDS – figura livre de custos no atual modelo de desenvolvimento econômico. As consequências adversas da subestimação do trabalho assistencial foram ilustradas pela medida em que a carga das dificuldades da crise econômica global recai sobre as mulheres. Conforme mulheres tiveram que estender seus esforços de rendimento, isto levou desgaste à assistência à infância, às relações familiares e em muitos lugares também teve efeitos adversos à coesão comunitária. Apesar de questões de gênero constituírem uma parte integral da narrativa de desenvolvimento por muitos anos, agora é menos aparente que tenha havido um reconhecimento da questão na agenda de gestão em desenvolvimento ortodoxa pautada em crescimento. Isto não é a única questão figurando na narrativa do desenvolvimento global que fracassou em adquirir tração suficiente e séria no modo em que é conduzida a gestão do desenvolvimento. Outros exemplos incluem crescente pobreza e vulnerabilidade urbana, trabalho com populações de crescente mobilidade e própria apreciação do valor do ambiente natural.

Enquanto existe ampla insatisfação com muitos aspectos de como a indústria do desenvolvimento opera atualmente, há uma falta de liderança em nível global na moldagem daquilo que deve constituir uma nova agenda de gestão. Historicamente, organizações

filantrópicas foram capazes de tomar uma perspectiva crítica e atuar como porta-vozes para mudanças nos debates em gestão globais e nacionais. Muitos participantes ao longo das discussões apelaram pela redescoberta da promoção de causas por parte das organizações filantrópicas.

No âmago deste desafio encontra-se a constatação de que nem todos os elementos da agenda do desenvolvimento repousaram compativelmente um ao lado do outro e que haverá necessidade de questionamento e investigação de verdades aceitas e convenientes. Complicadas questões que receberam destaque neste processo e que precisarão de investigação adicional incluem questões acerca do crescimento econômico e crescente desigualdade.

Principais possíveis áreas à operacionalização:

- **Adquirir impulso para mudança em gestão:** Continuar a adquirir impulso para mudanças em prioridades de gestão em desenvolvimento iniciado pelo processo da Iniciativa Bellagio. Isso requererá formulação mais clara de alternativas, e posições de gestão mais centradas no bem-estar humano. As organizações e indivíduos reunidos pelo processo Bellagio podem também continuar a desenvolver as coalisões aí iniciadas de modo a gerar pressão para mudanças na agenda de gestão. Deslocamentos globais em poder e a entrada de novos agentes em importantes debates do desenvolvimento podem apresentar uma janela de oportunidade para novo pensamento em gestão, mas manter adiante o impulso em direção a uma agenda de gestão mais progressiva e focada no humano requererá planejamento cuidadoso e deliberado.
- **Trabalhar globalmente e localmente:** É também importante notar que nem todas as mudanças em agendas de gestão

precisaram ser buscadas em nível global ou pelas próprias organizações filantrópicas e agências de desenvolvimento. Atenção também deve ser destinada aos movimentos nacionais e subnacionais por mudanças em agendas de gestão e apoio pode ser dados a impulsos organizacionais da sociedade civil ou em meio a diferentes formas de organizações promotoras de causas.

- **Gestão pautada em demanda:** Um importante elemento em esforços de mudança de agendas de gestão em diferentes níveis deverá lidar efetivamente com o que as próprias pessoas demandam e querem. Isto é consistente com uma orientação centrada no ser humano e também desempenhará um papel importante na reconstrução da confiança em arranjos de governança discutidos no começo deste capítulo.

Mudar o pensamento (encorajar mudanças de paradigmas)

De modo a realizar muitas das ambiciosas metas estabelecidas nas discussões da Iniciativa Bellagio, não sendo a última a mudança da agenda da gestão em desenvolvimento, será necessário mudar como pessoas pensam a respeito do desenvolvimento. A operacionalização de muitas ideias surgindo do processo Bellagio requererá forte fundamentação em termos de um corpo coerente de pensamento. O processo Bellagio representou um microcosmo da situação global: participantes sentiram necessidade de transcender a atual ortodoxia do desenvolvimento e concordaram em uma direção geral centrada no ser humano, mas foram menos claros sobre que pensamento está disponível para fundamentar isto. Ao longo das últimas duas décadas, Amartya Sen forneceu ideias estimulantes e alternativas para uma abordagem do desenvolvimento mais centrada em seres humanos. As variadas maneiras em que ideias e

inspirações foram elaboradas proporcionam um bom fundamento para mudanças basais no pensamento em desenvolvimento. O que requer esforços adicionais é trazer esse trabalho conceitual de alto nível ter uma relação mais próxima com escolhas e práticas de gestão em desenvolvimento.

Principais possíveis áreas à operacionalização: Investir em ideias e sua disseminação junto a importantes audiências. Muitas organizações filantrópicas já o fazem em grande medida, mas, novamente, o desafio consiste em gerar maior impulso nestes movimentos. Em particular, existe uma necessidade de que investimentos sejam focados em elaborar o que se quer dizer com paradigma de desenvolvimento centrado no ser humano e o que é necessário para torná-lo prático em organizações do desenvolvimento internacional. O artigo bem-estar humano em 3D[52] que representou um recurso para este exercício é uma breve ilustração de como uma abordagem centrada no ser humano pode se tornar mais prática para deliberações de gestão em desenvolvimento. Outros exemplos incluem o trabalho de Sabine Alkire,[53] o trabalho em andamento do PNUD em seus Relatórios de Desenvolvimento Humano, a OCDE em seu trabalho de fundo pelo "Índice da Vida Melhor", e o trabalho dos diversos membros da Associação de Desenvolvimento e Capacitação. Um aspecto distintivo de como este apoio a novas formas de pensamento pode ser adiantado envolve encorajamento consistente a contribuições à construção de um novo paradigma oriundos de valores e posições geográficas mais diversas.

52. McGregor, J.A e Sumner, A. (2010) Beyond Business as Usual: What Might 3D Wellbeing Contribute to MDG Momentum?", *IDS Bulletin* 41.1: 104–12,

53. Ver o exemplo, Alkire, S. e Foster, J. (2011) "Counting and Multidimensional Poverty Measurement", *Journal od Public Economics* 95.7–8: 476–487.

Mudar como fazemos as coisas (reformas organizacionais e institucionais)

O processo de deliberação e discussão particularmente na Cúpula sugeriu variadas mudanças específicas que seriam desejáveis ao melhor enfretamento dos desafios ao bem-estar humano nas décadas porvir. Numerosas propostas da Cúpula foram delineadas no Memorando. Nesta conclusão, porém, podemos tomar uma visão mais ampla de mudanças organizacionais e institucionais que a Iniciativa como um todo sugeriu. Estas mudanças podem ser organizadas de acordo com três níveis, incluindo: mudança sistêmica, mudança organizacional e mudança individual.

Mudança em nível sistêmico

Mudanças em nível sistêmico referem-se àquelas mudanças que precisam ocorrem no nível da infraestrutura dos esforços em desenvolvimento internacional e que afetam organização e coordenação geral nestes esforços. Essa organização e coordenação geral é às vezes constituída por organizações específicas (isto é, a OCDE e seu Comitê de Auxílio ao Desenvolvimento – o DAC); às vezes em acordos formais (como a Declaração de Paris); e às vezes em práticas institucionais de organizações constituintes.

Principais possíveis áreas à operacionalização:

- **Comunicação:** Discussões durante o processo Bellagio revelaram que há substancial falta de compreensão entre os campos de desenvolvimento e filantrópico. Ocasionalmente discussões tomou vulto de uma caricatura de duas tribos distintas. No entanto, a Iniciativa também revelou muitos princípios compartilhados e identificou áreas e questões onde o desenvolvimento de maior compreensão mútua é necessário (por exemplo,

na harmonização de esforços em desenvolvimento ou as diferentes direções de prestação de contas).

Isto pode tomar a forma geral de compartilhamento de ideias e abordagens, mas é provável que precise de elaboração de acordos e entendimentos mais específicos entre organizações do desenvolvimento e filantrópicas sobre os princípios de trabalho conjunto pelo bem comum. Como constatado anteriormente neste relatório, a Declaração de Paris fornece um ponto de partida óbvio à discussão sobre como agências de desenvolvimentos e filantropias podem trabalhar juntas por maior eficácia em seus esforços em desenvolvimento.

- **Compartilhamento de aprendizado:** Em combinação com a necessidade de comunicação continuada entre organizações do desenvolvimento e filantrópicas, são necessários modos de compartilhamento de informação e conhecimento mais eficazes. Em particular, sistemas mais eficazes de compartilhamento de lições de tanto sucessos quanto fracassos serão úteis. Na Cúpula Bellagio, o Banco Mundial e USAID ambos anunciaram suas decisões de gestão recentes de disponibilizar todos seus relatórios de avaliação e neste aspecto estas organizações representam um exemplo a ser seguido por outros. Em discussões isto foi apresentado como um desafio particular para algumas organizações filantrópicas que foram vistas como pouco abertas ou transparentes no compartilhamento de suas experiências.
- **Indicadores e medidas compartilhados:** Para que comunicações prossigam eficazmente e também para que lições sejam aprendidas setores afora, é necessário que se desenvolva linguagem e narrativas comuns. Elementos centrais de qualquer linguagem compartilhada por organizações do desenvolvimento e filantrópicas serão os indicadores e as medidas a serem usadas na

aferição de sucesso e progresso. Uma proposta específica que surgiu da Iniciativa Bellagio é que há necessidade de mais trabalho na constituição de acordos em nível sistêmico sobre em que consistem medidas apropriadas de sucesso em desenvolvimento. Isto requererá a elaboração de indicadores que possam ser usados como evidência consistente em apoio à gestão, decisões de investimento e metodologia para a geração destes dados. Este conjunto de indicadores não pode ser imposto de cima abaixo, mas ser sistematicamente incorporado em posições, vozes e perspectivas daqueles a quem o desenvolvimento procura beneficiar.

Mudanças em nível organizacional

Mudanças em nível organizacional referem-se àquelas mudanças em práticas e procedimentos de organizações individuais.

- **Vantagem comparativa:** Há uma clara necessidade que organizações do desenvolvimento e organizações filantrópicas ativas em desenvolvimento descubram ou redescubram suas vantagens comparativas. Isto implica no reconhecimento de que não existem organizações capazes de realizar tudo e que financiamento, formação, história ou posição estratégica de uma organização específica podem significar que esteja melhor posicionada a contribuir com os esforços em desenvolvimento em uma maneira particular. Isto é um processo que cada organização deve assumir de maneira própria para que identifique quais possam ser suas vantagens comparativas.
- **Parcerias e confiança:** Assumindo que provavelmente nenhuma operação isolada em desenvolvimento conseguirá lidar efetivamente com os complexos desafios do desenvolvimento nos

próximos anos, parcerias serão um aspecto necessário em futuros esforços em desenvolvimento. Estas parcerias podem ser horizontais com colaboradores, verticais com organizações implementadoras ou entidades no nível da implementação abaixo, ou com organizações coordenadoras ou reguladoras acima. Para que parcerias realizem sua efetividade potencial, é necessário que elas sejam constituídas sobre compreensão mútua e bom nível de confiança. Houve indícios ao longo das discussões da Iniciativa Bellagio de que a qualidade de parcerias em desenvolvimento tenha sido negligenciada no passado. A proposição que emerge deste processo é que organizações do desenvolvimento e filantrópicas igualmente precisam refletir sobre suas práticas de aprimoramento de parcerias. O estabelecimento de arranjos efetivos de trabalho conjunto pode ajudar a gerar confiança e assim contribuir no âmbito das próprias organizações ao desafio maior de restituir confiança no sistema mais amplo de governança.

- **Espaço para inovação:** As discussões ao longo do processo Bellagio revelaram que um significativo nível de inovação ocorre em resposta aos desafios que confrontam pessoas em suas lutas por desenvolvimento e bem-estar. O impressionante é que estas inovações surgem sem apoio de organizações internacionais de desenvolvimento ou filantropias. O desenvolvimento e a filantropia de uma maneira geral poderia trabalhar melhor na identificação, fomento e expansão do alcance das inovações pró bem-estar. Conforme indicado no Memorando, esta foi uma das primeiras iniciativas assumidas após a Cúpula Bellagio. No entanto, organizações individuais precisam criar espaço para a identificação e apoio às inovações centradas no ser humano. Isto pode ser feito a partir de comissionamentos

a inovações específicas, criação de fundos de inovação, criação de espaço em rotinas organizacionais para a identificação e compartilhamento de informação sobre inovações que funcionários constatarem ou com as quais trabalham.

- **Risco:** A necessidade de lidar com inovação tem sido retardada por atitudes à tomada de risco entre organizações do desenvolvimento e filantrópicas. Conforme constatado anteriormente na discussão, expôs-se a visão de que filantropias estão bem munidas a assumirem riscos em suas posições de apoio aos esforços em desenvolvimento. Ainda assim, filantropias aparentemente operam de maneira bastante avessa ao risco. A proposição que emerge é que, de modo a proteger e promover o bem-humano perante crescentes instabilidade e desafios, será fundamental que alguns agentes no processo do desenvolvimento assumam quotas maiores de risco associadas às mudanças necessárias. Diferentes organizações contribuindo aos futuros esforços em desenvolvimento precisarão envolver-se em reflexões sobre sua propensão a investir em empreitadas de desenvolvimento que envolvam níveis maiores de risco. Isto acompanha a necessidade de delinear um quadro mais claro de vantagens comparativas enquanto também requerendo melhores arranjos institucionais à divisão de riscos.
- **Processos e procedimentos centrados no ser humano:** Conforme reconhecido no início deste relatório, é fácil usar a noção de bem-estar humano em um nível retórico, mas é mais difícil conduzi-la a um emprego operacional. O mesmo aplica-se ao apelo ao longo da Iniciativa Bellagio por uma abordagem ao desenvolvimento mais centrada no ser humano. Independente da conceitualização em termos de justiça social, dignidade ou desenvolvimento humano, uma abordagem mais centrada no

ser humano requererá mudanças reais em processos e práticas organizacionais. Esta consideração implica aplicar questões em todos os estágios do ciclo de gestão/programa ou projeto (da identificação de projetos à implementação de monitoramento e avaliação) à medida que as intervenções estão rendendo diferenças aos seres humanos envolvidos.

Ademais, se insistirmos adiante nesta questão, veremos que um autêntico envolvimento com uma orientação mais centrada no ser humano não pode ser imposta artificialmente do alto, mas em realidade deve envolver organizações em procedimento que permitirão que sistematicamente levem em consideração posições e vozes daqueles a serem beneficiados pelos esforços de desenvolvimento. A adoção de tais processos e procedimento representará uma importante medida prática para tornar esforços em desenvolvimento mais transparentes e prestação de contas.

Mudança em nível individual

Mudança no nível individual é uma categoria de consideração pouco usual em círculos do desenvolvimento internacional, mas ao longo do processo Bellagio outros eventos de novo pensamento, tiveram apelos a uma abordagem ao desenvolvimento mais atrelada a valores humanos. Extrapolando esta lógica, pode argumentar-se que as mudanças sistêmicas e organizacionais discutidas acima somente serão possíveis se apoiadas por mudanças equivalentes no nível individual. Como cada um age e interage com outros constitui nossas experiência de trabalho em desenvolvimento e representa aos outros o que percebem como consistindo em esforços em desenvolvimento. Considerando a dimensão das desconexões conforme percebidas entre pessoas e organizações que tratam "os pobres" como objetos

de gestão e assistência, então "os pobres" considerarão estas organizações remotas, frequentemente irrelevantes e não confiáveis. Há muito trabalho a ser feito de modo a redescobrir os valores que são importantes para o desenvolvimento; esses foram enterrados ao longo dos anos por técnica e burocracia. Já há algum tempo Robert Chambers (1995) argumenta que desenvolvimento deve ser percebido como uma mudança boa. Isto requer que pessoas em organizações de desenvolvimento tenham posições a respeito do que é uma boa mudança e envolvam-se em debates crítico sobre diferentes concepções do que é bom. Por exemplo, houve muito debate sobre os choques secundários da recente crise financeira em que algumas economias figuraram como mais resilientes que outras, sendo isto algo bom. Organizações de desenvolvimento volveram assim ao que podem fazer em apoio à resiliência. No entanto, um exame maior de como a resiliência econômica foi estabelecida em alguns países sugere que isto foi realizado com consideráveis custos humanos. Ao interrogar um conceito como resiliência é necessário extrair ambas as dimensões positiva e negativa do que consiste uma mudança boa (ver Martin-Breen e Anderies 2011). Enquanto outros aspectos do trabalho de Chambers tenham sido altamente influentes na indústria do desenvolvimento (por exemplo, seu trabalho sobre participação), as implicações de "desenvolvimento como boa mudança" ainda tem de ser exploradas em todas suas extensões por profissionais em muitas organizações do desenvolvimento.

- **Valores humanos:** Há uma necessidade de maior exploração de como valores humanos importam à maneira como desenvolvimento é conduzido e também quais valores o desenvolvimento propaga. O Estudo Encomendado de Tim Kasser revisa o pensamento atual sobre como alguns valores podem ser pre-

judiciais ao bem-estar humano enquanto que outros o apoiam. O argumento de Kasser é que o alastramento de valores materialistas à custa de valores intrínsecos é em si uma importante ameaça ao futuro do bem-estar humano globalmente. Os esforços em desenvolvimento internacional frequentemente esquivaram-se de debates sobre valores humanos porque é algo complexo e controverso. No entanto, abordagens ao desenvolvimento baseadas em direitos começam a desmantelar esta desconexão. Há áreas nas quais claramente o "desenvolvimento" tem tido disposição a manifestar-se contra práticas culturalmente (sistema de valor) tendenciosas que são daninhas àqueles a elas sujeitados (por exemplo, mutilação genital feminina). A investigação de maneiras em que a gestão em desenvolvimento internacional possa abordar positivamente valores humanos diversos e culturalmente específicos ainda encontra-se em sua infância, mas é claro que representa uma área crucial para futuro inquérito.

- **Aceitar diversidade:** Foi evidente ao longo das deliberações da Iniciativa Bellagio que não podemos, não iremos e não devemos concordar em tudo. Um importante aspecto do trabalho conjunto na proteção do bem-estar humano será aceitar que a diversidade humana é parte da energia que nos permitirá enfrentar desafios imprevisíveis. Em todas as discussões e deliberações sobre parcerias em desenvolvimento haverá diversas posições, teorias e valores em jogo. Isto sugere que como indivíduos trabalhando em parcerias, precisamos encontrar meios de trabalharmos juntos pelo bem comum.
- **Deliberação:** Aceitar a diversidade implica reconhecer que iremos, em diversos momentos, comprometer-nos com o que queremos. Isto quer dizer, retomar a discussão na seção inicial deste rela-

tório, pode aspirar a uma boa vida, mas a real luta do desenvolvimento consiste em encontrar maneiras de convivermos bem. Isso se aplica tanto aos nossos comportamentos e orientações individuais quanto às organizações nas quais trabalhamos. Se nossa intenção é contribuir ao desenvolvimento como uma boa forma de mudança, então um importante ponto de partida é aprendermos a participar em processos de deliberação que não necessariamente resulta exatamente naquilo que queremos como indivíduos, mas que pode trazer *trade-offs* que são necessários ao nosso convívio e trabalho conjunto.

Mudar quem faz as coisas

Uma importante mensagem do processo Bellagio foi que provavelmente nenhum ator ou agência do desenvolvimento ou filantrópico será capaz de enfrentar os desafios do século XXI isoladamente. Enquanto que organizações filantrópicas podem exercer um importante papel tanto em termos de contribuições estratégicas em nível sistêmico quanto em termos de ação direta como organizações em níveis programáticos ou de projetos, é evidente que terão a maior capacidade de alcançar seus objetivos através de trabalho conjunto. Isto envolverá agências e organizações do desenvolvimento bem estabelecidas, mas também um elenco muito maior de agentes.

A Iniciativa Bellagio começou a delinear uma imagem do novo ecossistema do desenvolvimento internacional e da filantropia. Ela também mapeou alguns dos mais importantes desafios ao bem-estar humano das próximas décadas. Tomados juntos, estes compõem um complexo quadro de ameaças interligadas e da necessidade de levar em consideração uma grande diversidade de identidades, valores e interesses. Isto aparentemente traz uma agenda de mudanças exorbitantemente complexa, mas a complexidade está apenas começan-

do a refletir a realidade. Os desafios do mundo real (de instabilidade econômica, mudança climática, deslocamento de estruturas de poder) aos pobres e vulneráveis são complexos. Eles nao se encaixam mais-se é que alguma vez já se encaixaram - nas caixas limpas e organizadas do paradigma do desenvolvimento existente. Eles nao são passíveis de soluções de desenvolvimento passado.

As deliberações da Iniciativa Bellagio tornaram mais explicita ao debate a natureza essencialmente política da luta em proteção e promoção do bem-estar humano. Ao longo das discussões resultantes houve forte apelo a um deslocamento dos futuros esforços em desenvolvimento a um estágio mais inclusivo. Os problemas de pessoas não serão resolvidos sem a participação delas próprias. De modo a solucionar complexos desafios será necessário recorrer a aptidões, genialidade, capacidades inovadoras e aspirações de todos os cidadãos globais.

Conforme argumentamos acima, este esforço inclusivo não será simples se organizações do desenvolvimento e filantropias não colmatarem as lacunas existentes entre si e as pessoas que alegam servir. A legitimidade das organizações que constituem globalmente as estruturas de governança e regulação devem ser vistas como confiáveis e representar um objeto de maior confiança. O processo de maior inclusão potencialmente reconstituirá confiança, mas igualmente se esta inclusão for tratada instrumentalmente ou displicentemente poderá resultar em maior dano às relações.

Principais possíveis áreas à operacionalização:

- **Voz, transparência e prestação de contas:** O processo Bellagio reconheceu a necessidade de dar maior voz a pessoas, particularmente às marginalizadas, no processo de desenvolvimento.

Mas, às vezes, esse tipo de colocação parece banal e ingênua. O apelo pelo aumento de "vozes dos pobres" foi parte da narrativa dominante em desenvolvimento por quase duas décadas, mas como outros aspectos da agenda de desenvolvimento alternativa, voz foi muitas vezes discutida mas muitas poucas vezes realizada. Uma abordagem ao desenvolvimento mais inclusiva não se trata apenas de dar mais voz a algumas pessoas, trata-se de gerar mudanças sistêmicas que tornam as vozes de pessoas uma parte integral dos processos de desenvolvimento. De fato, trata-se de uma democratização dos esforços em desenvolvimento. Evidências de várias inovações sociais (do MKSS na Índia à "Primavera Árabe" no norte da África) sugerem que não é só voz em termos de demandar o que será feito que seja importante, mas também trazer os encarregados de trabalhar em interesse público a prestarem contas. Ser mais inclusivo significa demandar transparência e poder aos cidadãos de trazerem organizações do desenvolvimento à prestação de contas. Organizações ambas do desenvolvimento e filantrópicas devem avaliar sua disposição a serem chamadas a prestar contas.

Há um importante contraponto a este apelo pela incorporação mais sistemática da voz nos esforços em desenvolvimento que é ressaltado pelo uso da abordagem do bem-estar. Trata-se de que a voz "das pessoas" não pode ser sempre o árbitro absoluto da direção do desenvolvimento. Há numerosas razões para isto. Primeiramente, nem todos estão corretos no que demandam – às vezes o que as pessoas demandam ou dizem precisar podem ser comprovadamente prejudiciais a elas mesmas (por exemplo, fumar cigarros); comprovadamente prejudiciais a outros em sua comunidade imediata (por exemplo, o direito

de discriminar os outros com base na raça, gênero, casta ou classe); ou pode ser comprovadamente prejudicial para os outros que estão distantes em termos espaciais ou geracionais (por exemplo, comportamentos que influenciam as mudanças climáticas e afetam tanto as pessoas em outras partes do sistema global quanto as futuras gerações. Isso ressalta a profunda relação entre os conceitos de bem-estar humano e sustentabilidade, que frequentemente passou desapercebida nessas deliberações. Se, conforme argumenta-se através da abordagem de bem-estar humano, o desafio é conviver bem então o envolvimento com as vozes de pessoas deve incluir processos que exploram a sustentabilidade ambiental, social e política de diferentes demandas e reinvindicações. Isso indica que apesar da necessidade da "voz" ser melhor incorporada em processos de gestão em desenvolvimento, é importante reconhecer que vozes são diversas e que futuros do desenvolvimento trarão *trade-offs* entre demandas e reinvindicações concorrentes. Adicional trabalho é necessário sobre como processo deliberativo podem operar: como podem ser constituídos em diferentes níveis e quais processos serão necessários em sua operacionalização.

- **Organizações da base e da sociedade civil:** De modo a alcançar o impulso necessário para qualquer das mudanças mencionadas é preciso identificar coalizões daqueles que reconhecem a necessidade de um distanciamento da atual ortodoxia em desenvolvimento. O enfoque em bem-estar humano (amplamente definido) representou durante o processo Bellagio um comício suficiente ao início da formação de coalizões. A discussão apelou ao aumento por parte de organizações do desenvolvimento e filantrópicas do relacionamento e apoio às organizações

da sociedade civil na base uma vez que estas foram vistas como mais próximas das pessoas que o desenvolvimento procura beneficiar.

- **O marginal:** Finalmente, ao longo das discussões da Iniciativa Bellagio houve reflexões sobre pessoas que se sentiram marginalizadas pela atual ortodoxia do desenvolvimento. À dianteira dos grupos identificados neste processo estiveram jovens e mulheres. É importante que uma abordagem reconheça, e ativamente procure lidar com grupos particularmente marginalizados com menor voz e com aqueles mais vulneráveis a sérias ameaças ao bem-estar. Simultaneamente, é importante que profissionais do desenvolvimento e filantropos reflitam sobre suas ações, avaliem quais são os grupos marginais recebendo e como isso, por sua vez, gera nova marginalização, e reconheçam os modos em que processos políticos constantemente moldam e remodelam a exclusão.

Em conclusão, pode ressaltar-se que a multiplicidade de vozes ao longo de todos os segmentos da Iniciativa Bellagio forneceu rico material e ideias desafiadoras. Este relatório proporciona uma análise inicial se algumas das implicações deste insumo, mas adicionais aptidões, paciência e organização cuidadosa serão necessárias à destilação de algumas destas ideias em formas de ação para o desenvolvimento internacional e organizações filantrópicas. Simultaneamente, gestores precisam de constante assessoria. A evolução e aprofundamento das crises globais significam que não será possível esperar pelas coisas "acalmarem-se". Uma abordagem dupla é requerida, na qual reflexão cuidadosa e profunda opera ao lado de ação urgente. O reconhecimento que existe um ecossistema do desenvolvimento mais complexo que também inclui grupos e con-

juntos de valor que previamente foram marginalizados pela atual ortodoxia do desenvolvimento. Isto requer a constituição de processos consultivos e instrumentos de parecer, de modo que implicações em uma parte do sistema global para pessoas vivendo em outras partes do sistema possam ser entendidas e levadas em consideração. Metodologias consultivas e aproveitar-se de novas tecnologias sugerem que uma nova abordagem a gestão interativa e inclusiva ao bem-estar humano deve ser fomentada.

Apêndice 1: Outras perspectivas em desafios globais

Esta é uma breve revisão que serve para ressaltar algumas das análises sobre os desafios interligados ao bem-estar e serve de ilustração às diferentes perspectivas sobre questões sociais, redes e organizações ativas na descrição das questões importantes e das respostas necessárias em gestão.

Quais são os desafios?

Uma revisão dos desafios descritos na literatura e documentação indica que existem muitas "listas" de principais desafios e explicações a respeito do porque são importantes. Estas às vezes são elaboradas a partir de grande esmero individual, mas frequentemente como parte de um esforço coletivo à revisão.

As séries *Megatrends* de John Naisbitt[54] e *20:21 Vision – 20th Century Lessons for the 21st Century* (2003) de Bill Emmott[55] ambas representam comentários individuais populistas sobre crises e desafios. Mais recentemente, os editores da *The Economist* reuniram a série de suas revisões anuais em um volume editado que discute cenários futuros globais até 2050 (Franklin e Andrews 2012).

De uma perspectiva mais acadêmica, numerosos autores ofereceram influentes reconceitualizações dos desafios contemporâ-

54. www.naisbitt.com/bibliography/megatrends.htmldo; NT: "Mega Tendências"

55. www.billemmott.com/bibliography.php; NT: "Visão 20:21 – Lições do Século XX ao Século XXI"

neos em desenvolvimento global e das novas maneiras de enfrentá-los. Exemplos incluem a abrangente trilogia de Manuel Castells sobre desafios globais e a emergência da sociedade em redes ao fim do milênio (Castells 1996, 1997, 1998) e reconceitualização da pobreza global e do debate sobre o auxílio oficial de desenvolvimento de Paul Collier em *The Bottom Billion*[56] (Collier 2008). De diferentes modos, Von Weizsäcker *et al.* (2009), Jeffrey Sachs (2008) e Guy Standing (2011) todos selecionaram combinações de desafios sobre como atualmente organizamos nossas economias e relacionamo-nos com a ciência econômica e desafios de sustentabilidade ambiental, social e política. Em *Why Nations Fall*[57], Acemoglu e Robinson (2012) oferecem uma ampla análise da interação entre economia e política que, conforme argumentam, permeia atuais fracassos, crises e instabilidades.

Os esforços coletivos tendem a vir de grandes organizações ou encontros. Duas séries de relatórios anuais são notáveis por suas análises de tendências e desafios globais. Tratam-se dos relatórios *State of the World*[58] e *The World*[59] produzidos, respectivamente, pelo *Instituto Worldwatch* e pela revista *The Economist*. Naturalmente, várias agências oficiais de desenvolvimento, incluindo o FMI, Banco Mundial, ONU e entidades componentes, a OCDE e a Associação Internacional de Energia, também produzem regularmente relatórios e atualizações sobre "Estado do Mundo".

Entidades com enfoque militar ou em negócios também tratam de questões de desenvolvimento, mas geralmente em uma maneira focada em instabilidades ou falências estatais. Exemplos

56. NT: "O Bilhão na Base"
57. NT: "Por que Caem as Nações"
58. NT: "Estado do Mundo"
59. NT: "O Mundo"

são o relatório do Conselho Nacional de Inteligência estadunidense *Global Trends 2025 – A Transformed World* (2008)[60] e o recente trabalho da Shell sobre cenários energéticos até 2050, com subtítulo *Uma Era de Transições Voláteis* (*An Era of Volatile Transitions*)[61]. Do distinto ponto de vista da segurança, o Instituto Internacional de Pesquisa em Paz de Estocolmo (SIPRI) proporciona anualmente relatórios sobre gastos em armamentos e atuais conflitos armados.[62]

Apesar de trabalharmos cientes deste conjunto de relatórios, há poucas fontes que fornecerem visões gerais dos principais desafios e dos quais extraímos questões específicas a serem exploradas nos Estudos Encomendados e Colóquios Globais da Iniciativa Bellagio. O livro de J.F. Rischard, *High Noon: Twenty Global Issues and Twente years to Solve Them* (2002)[63], utiliza uma abordagem que corresponde ao tema do bom convívio adotado pela Iniciativa Bellagio. Ele identifica três categorias de desafios ao bom convívio: compartilhar o planeta, compartilhar nossa humanidade e compartilhar nosso manual de regras. Dentro de cada uma destas categorias ele lista desafios específicos, conforme a Tabela 1.

60. www.dni.gov/nic/PDF_2025/2025_Global_Trends_Final_Report.pdf
61. www-static.shel.com/static/aboutshell/downloads/aboutshell/signals_signposts.pdf
62. www.sipri.org/yearbook/2011/files/SIPRIYB11summary.pdf
63. NT: Ápice: Vinte Problemas Questões Globais e Vinte Anos para Resolvê-las

Tabela 1. As três categorias de desafios de Rischard

Compartilhando Nosso Planeta: Questões envolvendo bens globais
• Aquecimento global • Perdas em biodiversidade e ecossistemas • Esgotamento da pesca • Desmatamento • Déficits hídricos • Segurança e poluição marítimas
Compartilhando Nossa Humanidade: Questões requerendo compromisso global
• Engajamento em massa na luta contra a pobreza • Manutenção da paz, prevenção de conflitos, luta contra o terrorismo • Educação para todos • Distanciamento digital • Prevenção e mitigação de desastres naturais
Compartilhando Nosso Manual de Regras: Questões precisando de uma abordagem regulatória global
• Reinventando tributação para o século XXI • Regras da biotecnologia • Estrutura financeira global • Drogas ilícitas • Regras comerciais, de investimento e de competição • Direitos de propriedade intelectual • Regras de mão-de-obra e migração internacionais

De uma perspectiva distinta, e em uma abordagem sendo desenvolvida ano a ano, o Fórum Econômico Mundial (2011) recentemente identificou seis principais tipos de risco:

- Crises fiscais
- Conflito geopolítico
- Mudança climática
- Extrema instabilidade dos preços energéticos
- Disparidades econômicas
- Fracassos em governança global

Finalmente, um relatório comissionado pela *ActionAid*, entitulado *2020: Development Futures*[64], identificou oito conjuntos de questões que são objetos de incerteza nas próximas décadas. Estas são:

- Deslocamentos no balanço global de poderes
- Geração de empregos aquém das mudanças demográficas
- Um fracasso da regulação monetária global
- Incerteza sobre a direção e benefícios de mudanças tecnológicas
- Limites de escassez de recursos
- Declínios no comércio mundial
- A natureza em mudança da influência política
- Choques globais de grande escala

Como podemos ver, existem muitos termos em comum sobre diversos desafios identificados por comentaristas, especialistas e organizações. Apesar de expressados ou compilados diferentemente, há considerável consenso sobre os tipos de problemas e desafios que confrontarão a humanidade nas próximas décadas. Este consenso gerou um banco do qual as principais questões para os Estudos Encomendados e Colóquios Globais foram selecionados.

Comissões globais são uma maneira bem reconhecida de buscar soluções a importantes desafios e produzir deslocamentos de gestão em larga escala. Ao longo das últimas quatro décadas uma sucessão de importantes comissões globais trataram aquelas que foram entendidas como ameaças urgentes em seu tempo. Sem retroceder muito e para os propósitos desta Iniciativa, podemos mencionar a Comissão Brandt (sobre relações Norte-Sul em 1980), a Comissão Brudtland (tratando de sustentabilidade ambiental em termos de

64. NT: "2020: Futuros do Desenvolvimento"

"Nosso Futuro Comum" em 1987) e a Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização em 2004, co-presidida pelos presidentes da Finlândia e da Tanzânia.[65] Uma reflexão sobre estas várias comissões sugere que elas de fato geram impacto no longo prazo e representam estímulos a novo pensamento em gestão e a novos movimentos.

O efeito da Comissão Brundtland foi particularmente notável por fornecer impulso ao agora bastante eficiente movimento global de mudança climática. Dado o impulso adicional da Cúpula da Terra no Rio de Janeiro em 1992, o embalo em gestão sobre estas questões tem sido mantido no Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), sendo esta a entidade internacional liderando a avaliação de mudança climática em pensamento e evidência.

Em paralelo, houve considerável deliberação e ação sobre a eficácia da assistência internacional ao desenvolvimento ao longo da última década. Há duas vertentes a serem consideradas; em uma o enfoque é em gestores e burocratas do auxílio e a outra consistiu em um comício aos políticos.

A primeira vertente é marcada pela Declaração de Paris sobre a Eficácia do Auxílio em 2005[66] e a Agenda para Ação de Accra em 2008[67] e estas foram seguidas da Cúpula sobre Eficácia do Desenvolvimento em Busan ao fim de 2011. A direção básica da trajetória foi elaborar cinco conjuntos de normas para a prática em auxílio: fortalecer sentimento de propriedade sobre estratégias de desenvolvimento em nações beneficiários; melhorar o alinhamento de esforços

65. Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização (2004) A Fair Globalization: Creating Opportunities for All, Genebra: OIT. Para o relatório, ver: www.ilo.org/fairglobalization/lang-en/index.htm (acessado em 28 março 2012)

66. Para o texto da Declaração de Paris, veja www.oecd.org/dataoecd/11/41/34428351.pdf

67. www.oecd.org/document/18/0,3746,en_2649_35401554_1_1_1_1,00.html

de doadores às estratégias de desenvolvimento; buscar melhor harmonização dos esforços em desenvolvimento no países anfitriões; metas enunciadas mais claramente na gestão de desenvolvimento e elaboração de melhores meios de monitorar resultados; e desenvolvimento da prestação mútua de contas entre doadores e beneficiários em seus esforços de atingir as metas de desenvolvimento.

Acompanhando de muito perto o processo da eficácia do auxílio, Severino e Ray declararam que a "Assistência Oficial ao Desenvolvimento está morrendo"(2009: 1). Eles argumentaram por uma nova abordagem à cooperação em desenvolvimento baseada em uma nova gestão pública global. O argumento baseia-se no reconhecimento de que esforços até agora lidaram com importantes desafios globais (como mitigações climáticas, regulamentação comercial, controles sobre fluxos financeiros, controle de narcóticos, regulação do comércio armamentista e de seguros para crise global) através da provisão de bens públicos que esteve desajustada. As consequências destas falhas, eles argumentam, são cada vez mais evidentes e, sem uma reforma global, tornar-se-ão mais e mais significativos conforme adentrarmos no novo século.

A segunda vertente principal dos esforços para melhorar a eficácia da assistência ao desenvolvimento foi assinalada pela Declaração do Milênio em 2000. Esta buscou atar políticos em escala global e governos nacionais a metas claras de redução de pobreza. Em uma tentativa de acirrar a relação entre declarações políticas e ação, estas foram formuladas em oito Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDGs) mensuráveis, que vão de diminuir pela metade a pobreza a impedir a disseminação da HIV/AIDS e promover educação primária universal, todas com prazo em 2015. Como mecanismo de melhora do enfoque em desenvolvimento elas tiveram algum sucesso (ver Manning 2009), mas uma vez que aproximamo-nos da

data tem havido uma inundação de atividades tanto revisando o progresso das MDGs quanto debatendo que tipo de acordo global poderá sucedê-las após 2015.

No campo das mudanças em pensamento sobre o que consiste desenvolvimento e como podemos avançar em sua direção, o trabalho de Amartya Sen foi revolucionário e tem tido crescente influencia ao longo das últimas décadas. Suas ideias e as de seus pares tiveram influência direta sobre a consolidação da série do Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD. A Associação de Desenvolvimento Humano e Capacitações é um corpo de acadêmicos e profissionais em crescimento que estão expandindo as fronteiras do pensamento atual.[68] Para uma ideia de como esta nova abordagem à mensuração da pobreza multidimensional que tem progredindo nesta escola de pensamento, veja Alkire e Foster (2011).[69]

Mais amplamente, contudo, a crise financeira de 2008 acelerou apelos para reconsideração do principal paradigma do desenvolvimento e particularmente a contribuição da economia ortodoxa neste. Em 2009-2010 o IED encarregou-se de um amplo processo consultivo chamado "Reimaginando o Desenvolvimento". Este envolveu acadêmicos do desenvolvimento, gestores e profissionais encontros e colóquios mundo afora explorando os efeitos da crise alimentar, dos combustíveis e financeira (*food, fuel and finance,* em inglês, o Triplo F) em pensamento e prática do desenvolvimento. No rastro da crise houve ampla aceitação da necessidade e desejo de mudar os modos em que pensamos sobre e conduzimos o desenvolvimento. Mas também houve relutância ou incapacidade de

68. A Associação de Desenvolvimento Humano e Capacitações www.capabilityapproach.com/index.php

69. www.ophi.org.uk/research/multidimensional-poverty/

mudar devido a percepções de que o pensamento novo encontrava-se incipiente e houve pouca mudança institucional para que coisas fossem feitas diferentemente (ver Haddad et al. 2011).

Em um nível de maior especificidade operacional o relatório *2020: Futuros do Desenvolvimento* estabelece dez recomendações de resposta para organizações e ONGs do desenvolvimento em particular aos grandes desafios globais:

1. Maior prontidão: estar mais pronto a choques uma vez que essas serão as principais motrizes de mudança.
2. Enfoque em resiliência: tornar os pobres menos vulneráveis.
3. Encarregar seus membros: porque se não gostarem do que você faz, eles podem desconsiderá-lo.
4. Fale sobre igualdade: porque limites crescentemente justos mudam tudo.
5. Trabalhar mais e mais em coalisões: porque organizações não podem lidar com a complexidade dos desafios isoladamente.
6. Abordar economias emergentes: porque poder, recursos e ideias que surgiram nestas sociedades serão importantes globalmente.
7. Trazer notícias de outras partes: porque a inovação virá das fronteiras.
8. Esperar fracassos: porque é necessário aprender com eles.
9. Trabalhar pelos pobres, não pelos países pobres: porque a demografia da pobreza está mudando.
10. Seja um contador de estórias: porque estórias criam visões de mundo e novas narrativas de gestão.

(Adaptado de *2020: Futuros do Desenvolvimento*)

Este conjunto de recomendações corresponde com ideias de diversas fontes. Elas também insinuam a crescente influencia do

pensamento em complexidade. O trabalho de Eric Beinhocker *The Origin of Wealth*[70] (2007) tem como subtítulo "*Evolution, Complexity and the Remaking of Economics*" (Evolução, Complexidade e Reconstituição da Ciência Econômica). Este capítulo captura o espírito da época e estabelece alguns princípios básicos para o avanço em complexidade.

A ciência econômica em particular tornou-se alvo de fortes críticas subsequentemente à crise financeira. De diferentes maneiras, Paul Krugman (2009), Robert Skidelsky (2009) e Nassim Taleb (2008) criticaram o que entendem como passos em falso e arrogância na maneira em que a economia como ciência econômica foi desenvolvida. As falhas que ressaltam levam a questionar a influência que a economia ortodoxa teve e continua a ter sobre a gestão pública. Em *Fool's Gold*[71], a jornalista do *Financial Times* fornece uma persuasiva narrativa antropológica da crise bancária mundial como resultado de banqueiros comunicarem-se primariamente com banqueiros e investidores e usarem modelos matemáticos complexos que poucos compreendiam até estes começarem a se desfazer. Dani Rodrik (2011) argumenta que a globalização econômica precisa agora ser posta em segundo plano a considerações democráticas e de autodeterminação nacional. Reunindo muito deste pensamento, o Instituto para Novo Pensamento em Economia[72] recepcionou um evento onde se repensou coletivamente a ciência econômica em meados de 2011 em Bretton Woods, New Hampshire. Esse encontro foi intitulado "Crise e Renovação: Economia Política Internacional na Encruzilhada"[73] e

70. NT: "A Origem da Riqueza"

71. NT: "Ouro de Tolo"

72. NT: traduzido do inglês "*Institute for New Economic Thinking*"

73. NT: traduzido do inglês "*Crisis and Renewal: International Political Economy at the Crossroads*"

consistiu de uma exploração abrangente dos modos em que a teoria econômica precisa mudar de modo a poder lidar com os atuais desafios globais.[74]

Em todos estes eventos variados de reconsideração e pronunciamentos, a renovação da democracia e maior transparência em sistemas de governança figuram proeminentemente. Isso é provavelmente uma das áreas mais difíceis de se obter mudanças significativas. Mas existem vozes contundentes e crescente organização em torno de sistemas e processos para a democratização. O trabalho da Fundação Soros na abertura da sociedade tem sido notável, assim como o trabalho da Fundação Mo Ibrahim na África. Ao mesmo tempo organizações como a campanha à Prestação de Contas e trabalho para melhorar a transparência nos esforços de desenvolvimento internacional por parte da Keystone. Elas buscam em particular desenvolver métodos que enfocam na incorporação das vozes de beneficiários e outros constituintes nos processos de gestão do desenvolvimento e procedimentos de projeto.

Esta ênfase na incorporação das vozes daqueles que os esforços em desenvolvimento visam beneficiar é um crescente tema que emerge do fracasso dos sistemas existentes de governança, regulação e assistência ao desenvolvimento. É bem reconhecido que crimes nos últimos anos aprofundaram os níveis de desafeto e desconfiança entre organizações formais e pessoas de uma maneira geral (ver George 2010). Isto foi documentado por Mason (2012) e é exemplificado pelos Movimentos Ocupe e protestos anti-austeridade. Mas mais que esperar para que aqueles em posições de autoridade façam algo a respeito, é claro que pessoas o estão fazendo por si próprias. Isto tem ocorrido tanto espontânea quanto organizadamente, mas

74. http://ineteconomics.or/initiatives/conferences/bretton-woods

ambos os casos tem sido viabilizados em grande parte por novas tecnologias de comunicação. O uso destas tecnologias na organização de protestos de rua no norte da África e na Europa é bem documentado. Em formas mais organizadas como www.avaz.org ou http://ipaidabribe.com/ fornecem uma rota direta à expressão de voz em relação a governos. Na prática do desenvolvimento, iniciativas baseadas em tecnologia como o Map Kibera[75] proporcionam novos e excitantes modos de participação cidadã nos esforços em desenvolvimento. *From Poverty to Power: How to Active Citizens and Effective States can Change the World*[76] de Duncan Green fornece uma abrangente cobertura dos principais argumentos em prol de maior envolvimento cidadão em gestão e atividades em desenvolvimento (Green 2008).

Maiores ação direta e voz cidadãs aparte, o outro grande ator novo no bloco do desenvolvimento é a filantropia organizada. Enquanto por um lado conhecemos um grupo de organizações filantrópicas bem-estabelecidas ativas em desenvolvimento há décadas, tivemos uma nova onda de filantropia em desenvolvimento. Isto pode ser caracterizado como proveniente de duas direções: uma são os novos abastados em sociedades capitalistas desenvolvidas (Gates, Hewlett Packard, Skoll etc.); e a outra é a emergência de significativos esforços filantrópicos em sociedades de desenvolvimento acelerado. Para um relato detalhado de ambas, veja o Relatório sobre "Filantropia: Contexto Atual e Prognóstico Futuro" produzido para a Iniciativa Bellagio"[77]. Que a filantropia pode contribuir aos esforços

75. http://mapkiberaproject.yolasite.com/; NT: "Mapeie Kibera", sendo Kibera uma favela em Nairóbi.

76. NT: "Da Pobreza ao Poder: Como Cidadãos Engajados e Estados Eficazes Podem Mudar o Mundo"

77. www.bellagioinitiative.org/wp-content/uploads/2011/11/Bellagio-RA-bp.pdf; NT: traduzido do inglês "*Philanthropy: Current Context and Future Outlook*"

em desenvolvimento internacional para que este esteja à altura dos crescentes desafios globais é inquestionado, mas a questão maior ao debate é sobre qual deve ser seu papel específico e em que modos ela pode contribuir. Enquanto que Bishop e Green (2008) argumentam que o "filantrocapitalismo" pode "salvar o mundo", separadamente em dois Estudos Encomendados deste processo, Picciotto e Edwards definem diferentes rotas e papéis com maior nuance.

Quem pode e deve agir na solução dos desafios?

Na discussão sobre como os desafios podem ser solucionados, já discorremos sobre quem pode e deve agir na solução dos desafios. A seção anterior identificou que "as pessoas" elas próprias e "filantropos" são dos conjuntos de agentes que podem e deve agir mais efetivamente se queiramos proteger e promover o bem-estar humano. Mas, o que mais está no quadro?

Obviamente as maiores motrizes que deveriam estar liderando a resposta global aos novos desafios são a já substancial infraestrutura de desenvolvimento multilateral e bilateral internacional, mas muito vem as recentes crises como revelando a medida de seu fracasso. Certamente a crise financeira foi amplamente percebida como um fracasso da regulação global (Vibert 2011).

Numerosos comentaristas trataram daquilo que é entendido como uma crise do multilateralismo e houve algum questionamento sobre se as instituições do desenvolvimento global existentes ainda são adequadas ao seu propósito. No que se seguiu à crise financeira do leste asiático, Walden Bello representou uma proeminente voz crítica.[78] Outros culpam o delongado fracasso em obter uma "Rodada do Desenvolvimento" através da Organização Mundial do Comér-

78. www.tni.org/archives/archives_bello_multilateralism

cio ou o progresso inexistente nas discussões globais em mudança climática. Ngaire Woods (2010) toma tema da reforma do sistema multilateral após a crise financeira e argumenta que com a emergência de novas potenciais econômicas globais, o "velho clube" deverá mudar. Ela discute o deslocamento de uma influência cerrada do G7-G8 ao mais influente G20 que inclui as vozes das novas potencias como Brasil, China, Índia e Rússia.

É neste contexto que o sistema da ONU tem lutado para identificar e manter seu papel global em um mundo mais volátil e propenso a crises. As Nações Unidas classicamente encarna a noção global da busca pelo convívio, mas enquanto algumas agências e entidades da ONU são mais fortes e evidentes que outros, como um todo eles enfrentam um problema de identidade. Assim como com outras agências na infraestrutura do desenvolvimento global, a ONU aparenta remota e fragmentada. Sua "Plataforma HD2010: Para um Multilateralismo de Povos" tem representado uma tentativa de encontrar um papel maior e uma identidade mais focada em pessoas no mundo pós crise financeira.[79] O lançamento do Pulso Global ONU busca aproveitar novas tecnologias dando à ONU um propósito mais imediato e relevante na identificação e resposta de crises emergenciais e faz menção particular à importância de monitorar-se o bem-estar humano.[80]

Tanto empresas quanto sociedade civil estão reivindicando maior papel na governança global. O Fórum Econômico Mundial define-se como: "uma organização internacional independente comprometida em melhorar o estado do mundo envolvendo líderes empresariais, políticos, acadêmicos e outros, da sociedade na for-

79. http://hdr.undp.org/en/media/Civil_society_HDR_2010_4-5-June_2009.pdf; NT: traduzido do inglês "*Platform HD2010: Towards a Peoples Multilateralism*"

80. www.unglobalpulse.org/; NT: traduzido do inglês "UN Global Pulse"

mação de agendas globais, regionais e setoriais".[81] Mas o alcance deste fórum tem limitações; por exemplo, como indicado por Bloomberg, houve um ironicamente na reunião de Davos de 2011 "desigualdade lamentável", tendo sido prestigiado por cerca de 70 bilionários.[82] Um encontro global contrastante e em crescimento é o Fórum Social Mundial[83], um movimento descrevendo-se em seu sítio como uma "coordenação e relacionamento decentralizado e entre organizações engajadas em ação concreta na construção de um outro mundo, em qualquer nível do local ao internacional". Apesar de poder abrigar debate animado e crítico, ele não dispõe de autoridade ou vontade de atuar como um representante coerente da sociedade civil global. O que de fato demonstra – talvez em forma embrionária – é que a globalização "de baixo" também é possível em um mundo em rede.

Ao longo da última década, as Metas de desenvolvimento do Milênio representaram um ponto focal dos esforços em desenvolvimento, mas há um sentimento de que isto está minguando e que o movimento não mais norteia as discussões em desenvolvimento global. Este resumo sugere que, conforme crises complexas continuarem a assediar a sociedade e economia globais, e apesar de muitas reuniões e encontros para debater, nenhuma liderança se destaca. É evidente que o ecossistema dos esforços em desenvolvimento internacional está mudando. Existe uma mudança em andamento no elenco dos agentes em primeiro plano nos esforços globais de solução dos desafios, mas é difícil identificar pontos focais para a proteção e promoção ao bem-estar-humano no século XXI.

---

81. Veja o sítio do FEM, www.weforum.org/ (acessado 2 julho 2012)

82. www.businessweek.com/news/2112-01-31/billionaires-occupy-davos-as-0-01-bemoan--income-inequality.html

83. http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=2

Apêndice 2: Memorando da Iniciativa Bellagio, Dezembro de 2011

Documentando a Cúpula da Iniciativa Bellagio
8-23 de Novembro de 2011

Contexto

A Iniciativa Bellagio foi elaborada pela *Rockefeller Foundation*, pelo *Institute of Development Studies* (IDS) e pela *The Resource Alliance* em contribuição à busca pelo bem-estar humano no século XXI. Ela incorporou uma série de consultas cobrindo quase todas as regiões do mundo, recebeu assessoria e direcionamento de um Conselho Consultivo internacional, gerou nove Estudos Encomendados sobre uma série de tópicos relevantes, incluiu uma Cúpula de quinze dias no Centro Bellagio da *Rockefeller Foundation*, na Itália, e envolveu mais de mil pessoas mundo afora através de mídias sociais. O objetivo deste memorando é capturar as principais lições aprendidas e manter o impulso e comprometimento das pessoas que trouxeram tamanha riqueza de conhecimento e especialidade a este processo ao longo de 2011.

Principais mensagens

A Cúpula da Iniciativa Bellagio gerou importantes mensagens a instituições e indivíduos trabalhando em, ou entre, os setores do de-

senvolvimento e da filantropia, bem como todos aqueles que desejam envolver-se com estes setores no futuro. Enquanto que um relatório mais completo será produzido com análise mais detalhada das principais ideias e pontos de ação do inteiro processo da Iniciativa Bellagio, as conclusões preliminares identificadas na Cúpula pelas três instituições organizadoras são as seguintes:

1. Os paradigmas que dominaram os esforços em assistência ao desenvolvimento internacional e filantropia estão sendo desafiados atualmente ou desacreditados, mas não é claro que novas ideias e abordagens irão substituí-los. Isto proporciona um **momento de grande oportunidade** para inovar baseando-se em uma nova combinação de agentes e abordagens.
2. Reconhecemos a falta de suficiente compreensão das vantagens comparativas e complementaridades entre diferentes tipos de agentes examinamos **uma abordagem de ecossistema que elabora sobre práticas promissoras** em andamento em muitas localidades do mundo. Discussões refletiram sobre os possíveis papéis complementares que diferentes agentes do desenvolvimento e filantrópicos podem exercer e reconheceram a necessidade de maior consciência sobre as contribuições distintas destes diferentes papéis. Estes diferentes papéis incluem: reunir, explorar, escutar, testar, incubar, catalisar, investir capital paciente, investir capital arriscado, alavancar, dimensionar, empoderar e incorporar pareceres, pesquisa, promoção de causas e aprendizado.
3. Houve **forte apoio a uma abordagem mais centrada em pessoas** em esforços de desenvolvimento. A discussão repetidamente regressou à necessidade de compreender estruturas de poder que sistematicamente inibem uma abordagem centrada em

pessoas e ao espaço de ideias acerca de direitos e justiça em qualquer abordagem. Isto refletiu um tema mais geral ao longo da Cúpula de que novas abordagens precisam ser mais explícitas sobre os valores nos quais são baseadas e que a base de valor para esforços em desenvolvimento internacional e filantropia precisa ser aplicada mais consistentemente. Buscando ser mais centrada em pessoas, a discussão ressaltou a importância crucial de lidar mais efetivamente com os papéis do jovem e da mulher em desenvolvimento. Ironicamente, apesar de a filantropia ser focada em pessoas do início ao propósito, discussões atuais nestes tópicos são frequentemente ausentes em filantropias.

4. Questões sobre **os objetivos de esforços em desenvolvimento internacional e filantropia** despontaram ao longo da Cúpula. Participantes debateram os méritos e os obstáculos ao uso de um conceito de bem-estar humano como guia adicional às medidas de desenvolvimento mais tradicionais focadas em renda. Houve apoio para esta mudança, mas foi evidente que muito trabalho é necessário para esclarecer o modo em que o conceito pode ser usado e que dados podem ser gerados em dimensões menos tangíveis como voz, dignidade e justiça.
5. Precisamos aprimorar ou constituir melhor plataformas compartilhadas para **coletar, analisar e agir a partir de dados**. Idealmente isto envolverá todos desde as maiores agências do desenvolvimento, como o Banco Mundial e o sistema ONU, a filantropos individuais.
6. As questões de **prestação de contas e transparência** vieram à tona em discussões repetidas vezes e foram ressaltadas como

componentes essenciais a qualquer forma de avanço. Elas foram vistas como essenciais para reconectar esforços em desenvolvimento e filantropia às pessoas que visam beneficiar.

7. **Inovações financeiras, sociais e tecnológicas** foram examinadas e avaliadas, e isto aparenta ser uma área particularmente profícua ao aprendizado compartilhado e à ação. Exploramos maneiras mais eficazes de localizar, apoiar e dimensionar inovações que apoiam o bem-estar humano, contemplando-se uma futura agenda de ação. Examinamos métodos, premiações e busca de pares baseados em comunidade. Simultaneamente, não podemos negligenciar o que não é novo e demonstrou-se funcional e continuar apoiando estes esforços.
8. **Risco** foi um tema recorrente à Cúpula. Apesar de muitos participantes reconhecerem o pressuposto comum de que o setor filantrópico pode tomar riscos quando outros não podem (devido a dotações e independência), o setor é frequentemente visto como tão avesso ao risco quanto os outros. Balancear o cálculo de riscos contra oportunidades, avaliar riscos em níveis estratégico ou programático mais do que no de projetos individuais e criar uma cultura onde fracassos são aceitas e encaradas como fontes de aprendizado foram vistos como práticas possivelmente revolucionárias em como o setor filantrópico pode explorar esta potencial vantagem comparativa.
9. O tema da **confiança** surgiu repetidas vezes. Discutimos a necessidade de mecanismos de parecer melhores e mais recíprocos, financiamento de mais longo prazo e institucional, espaços seguros à revisão de desempenho e admitindo fracassos, desafiar pressupostos e estereótipos e muitas outras ideias para gerar confiança entre diferentes agentes. Constatamos como é difícil recuperar a confiança uma vez que ela é perdida. Cons-

tatamos a grande dificuldade e até mesmo o perigo que muitos subvencionados e agentes do desenvolvimento enfrentam em suas sociedades. E concordamos que não existem substitutos aos reais relacionamentos constituídos por cortesia, respeito e conhecimento mútuos face a face.

10. Nem sempre encontramos a **combinação correta de agentes e forças sociais**. Liderança local autêntica e competente é fundamental – assim como instituições capazes. E empreendedores são frequentemente desprezados completamente por esforços em desenvolvimento. Fornecer a quantidade adequada de apoio sustentado ao longo do tempo é um importante aspecto disso.
11. Muito da discussão na Cúpula focou-se sobre a questão de **recursos**; e de como é possível mobilizar novos recursos e fazer melhor usos de recursos existentes para que esforços filantrópicos e em desenvolvimento tenham melhor efeito na promoção do bem-estar humano. Pessoas e seus talentos, aptidões, relacionamentos, vozes e comunidades foram todos vistos como igualmente importantes para assegurar a eficácia de dinheiro ambos público e privado. Crucialmente, concordamos que não devemos continuar a somente discutir voz e ação comunitárias, mas atuar por elas. Houve o sentimento de que este é o ponto de onde uma mudança de paradigma deve originar-se. Novos mecanismos institucionais de mobilização de recursos e novas tecnologias de informação e comunicação foram discutidas como áreas inovadoras a serem exploradas. O grupo reconheceu a importância de financiar organizações de movimentos sociais adicionalmente às instituições individuais mais tradicionais.

12. A consciência da natureza política do desenvolvimento, as consequências não intencionais de doações e a importância de relacionamentos recíprocos entre doadores e beneficiários permearam as discussões. **Promoção de causas** é algo que não devemos temer – mas apoiar responsavelmente.

Compromissos de ação emergentes

A Cúpula da Iniciativa Bellagio também gerou acordos e potenciais compromissos de ação, que incluem:

1. Criar um **centro de excelência** que seja um centro de treinamento e repositório para organizações filantrópicas, cobrindo tópicos como o ambiente legal, tributação, promoção de causas, governança e colaboração entre filantropia e desenvolvimento.
2. Reunir **grupos de trabalhos para novos filantropos** em tópicos específicos trazidos na Cúpula, incluindo compartilhamento de diligências devidas, diretrizes para financiadores e ONGs constituindo parcerias, e ferramental em governança e administração para novas organizações em nível nacionais sem fins lucrativos.
3. Proporcionar **oficinas sobre a infraestrutura filantrópica**, prioridades do desenvolvimento e colaboração para novos filantropos de alto patrimônio líquido da Ásia e da África.
4. Estabelecer **redes de apoio por pares** de filantropos de alto patrimônio líquido em países onde elas ainda não existem.
5. Em continuidade, realizar um evento a partir de uma perspectiva de **organizações da sociedade civil** (OSC), elaborando sobre o enfoque em desenvolvimento e filantropia da Cúpula.

6. Em continuidade, facilitar a realização de um evento por parte de uma importante organização internacional do desenvolvimento para aprofundar o enfoque da Iniciativa Bellagio sobre o papel de organizações do desenvolvimento em um **complexo ecossistema de agentes**.
7. Formar um time de projeto de duração limitada para desenvolver e implementar um **projeto de pesquisa sobre poder/ideologia** no sistema de agentes em evolução.
8. Explorar **cadeias de valor de inovações centradas em pessoas**, começando pelo trabalho existente em cadeias de valor de inovações para determinar se alguma é relevante ao bem-estar e desenvolvimento; e caso não existam cadeias de valor de inovação centradas em pessoas, escrever um relatório com recomendações sobre como um financiador poderia lançar um projeto de pesquisa neste tema.
9. Conduzir pesquisa de fundo e de escopo para uma **Avaliação de Impacto do Voluntário** para analisar o retorno sobre o investimento e impacto de longo-prazo do voluntariado em OSCs desenvolvimento e, para: organizações proporcionando tempo livre remunerado a funcionários; organizações anfitriãs investindo tempo e recursos em recepcionar voluntários; e o voluntário.
10. Apoiar expansão e maior qualidade de **empreitadas filantrópica na China** através de material escrito sobre a experiência da Iniciativa Bellagio para uma audiência chinesa (em chinês) e potencialmente realizando uma Cúpula da Iniciativa Bellagio para a filantropia chinesa.
11. Um projeto de pesquisa sobre como organizações filantrópicas, do desenvolvimento e da sociedade civil pode usar **resultados**

de avaliações com mais eficiência em suas estratégias de comunicação.

12. **Expandir ideias** tais como Ipaidabribe.com ou escolas de publicação e clínicas de baixo custo localizadas, e desenvolver aplicações que possam ser usadas em telefones celulares.
13. Elaborar ferramentas para filantropias entenderem melhor sua própria **tolerância ao risco** e construir portfólios de doações e projetos que reflitam uma combinação de riscos (ao invés de gravitar ao mais baixo nível de risco para todos os projetos).
14. **Conduzir estudos de caso** combinando doações filantrópicas locais com filantropia internacional, auxílio ultramarino ao desenvolvimento e gastos sociais em nível nacional gerando sustentabilidade financeira de projetos.
15. Elaborar recomendações formais sobre como fundações podem usar seu próprio poder agregador e consultores externos para **abordar comunidades melhor** em precoces definições de problemas e mapeamento de sistemas de agentes (ao invés de abordar comunidades somente após soluções terem sido delineadas).

Por uma Estrutura para Ação em Bem-estar

Finalmente, a Cúpula da Iniciativa Bellagio delineou princípios e medidas para uma nova estrutura cujos organizadores acreditam que ajudará instituições e indivíduos nos campos de desenvolvimento e filantropia a promoverem o bem-estar de pessoas mundo afora de maneira mais eficaz. Esta estrutura será concluída no relatório final da Iniciativa Bellagio

Conclusão

Os organizadores da Cúpula da Iniciativa Bellagio perceberam que existem lacunas de temas e participantes, mais notavelmente em atenção insuficiente a questões ambientais e ao nexo pessoas-natureza. E apesar de que nossas discussões tenham sido robustas e profundas, cobrimos a maior quantidade de questões possíveis . Não obstante, acreditamos que estas mensagens, comprometimentos e esboço de uma estrutura farão uma contribuição distinta nos campos da filantropia e desenvolvimento nos próximos anos.

12 de dezembro de 2011

Bibliografia

Acemoglu, D. e Robinson, J.A. (2012) *Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty*, Nova York: Random House

Alkire, S. e Foster, J. (2011) '*Counting and Multidimensional Poverty Measurement*', *Journal of Public Economics* 95.7–8: 476–87

Appadurai, A. (2006) 'Foreword', in S. Batliwala and D.L. Brown (eds), *Transnational Civil Society: An Introduction*, Bloomfield, CT: Kumarian Press

Banco Mundial (1991) *Managing Development – The Governance Dimension*, Discussion Paper, Washington DC: World Bank

Beinhocker, E.D. (2007) *Origin of Wealth: Evolution, Complexity, and the Radical Remaking of Economics*, Harvard Business Review Press

Bishop, M. e Green, M. (2008) *Philanthrocapitalism: How Giving Can Save the World*, Londres: A&C Black

Bruni, L. e Porta, P.L. (2005) *Economics and Happiness: Framings of Analysis*, Oxford: Oxford University Press

Castells, M. (1996, 1997, 1998) *The Rise of Network Society Trilogy (The Information Age: Economics, Society, and Culture; The Power of Identity; The End of the Millennium)*, Oxford: Blackwell

Chambers, R. (1995) 'Poverty and Livelihoods: Whose Reality Counts?', *Environment and Urbanization* 7.1: 173–204

Collier, P. (2008) *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can be Done About It*, Oxford: Oxford University Press

Declaração de Paris (2005) *The Paris Declaration on Aid Effectiveness* (OECD/DAC), www.oecd.org/dataoecd/11/41/34428351.pdf (acessado em 13 de junho de 2012)

Deneulin, S. e McGregor, J.A. (2010) 'The Capability Approach and the Politics of a Social Conception of Wellbeing', *European Journal of Social Theory* 13.4: 501–19

Diener, E.; Lucas, R.; Schimmack, U. e Helliwell, J.F. (2009) *Well-being for Public Policy*, Oxford: Oxford University Press

Dolan, P.; Layard, R. e Metcalfe, R. (2011) 'Measuring Subjective Wellbeing for Public Policy: Recommendations on Measures', *CEP Special Reports*, Londres: Centre for Economic Performance, London School of Economics

Edelman, M. (2001) 'Social Movements: Changing Paradigms and Forms of Politics', *Annual Review of Anthropology* 30: 285–317

Escobar, A. (1999) 'Analyses and Interventions: Anthropological Engagements with Environmentalism', *Current Anthropology* 40.3: 291–3

Escobar, A. e Alvarez, S.E. (eds) (1992) *The Making of Social Movements in Latin America*, Boulder: Westview Press

Falk, R. (1994) 'The Making of Global Citizenship', in Van Steenbergen (ed.), *The Condition of Citizenship*, Londres: Sage: 127–40

Fórum Econômico Mundial (2011) *Global Risks 2011*, Genebra: WEF

Franklin, D. e Andrews, J. (eds) (2012) *Megachange: The World in 2050*, Londres: Economist Books

George, S. (2010) *Whose Crisis – Whose Future?*, London: Polity Press
Gough, I. and McGregor, J.A. (eds) (2004) 'Special Issue on Human Wellbeing', Global Social Policy 4.3

Gough, I. e McGregor, J.A. (eds) (2007) *Wellbeing in Developing Countries: From Theory to Research, Cambridge*: Cambridge University Press

Green, D. (2008) *From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World*, Oxford: Oxfam & Practical Action

Haddad, L.; Hossain, N.; McGregor, J.A. e Mehta, L. (2011) 'Introduction: Time to Reimagine Development?', *IDS Bulletin* 42.5

Hall, J.; Giovannini, E.; Morrone, A. e Rannuzi, G. (2010) *A Framework to Measure the Progress of Societies*, Paris: OECD Statistics Directorate Working Paper No. 34

Keck, M. e Sikkink, K. (1998) *Activist Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*, Londres: Cornell University Press

Kenny, C. (2005) 'Does Development Make You Happy? Subjective Wellbeing and Economic Growth in Developing Countries', *Social Indicators Research*, 73.2

Khan, S.R. (2008) 'Diaspora Giving: Bangladesh', in *Diaspora Giving: An Agent of Change in Asia Pacific Communities?*, Asia Pacific Philanthropy Consortium download, http://asianphilanthropy.org/APPC/DiasporaGiving-conference-2008/DiasporaGiving-Bangladesh- 2008.pdf (acessado 12 de junho de 2012)

Kroll, C. (2011a) *Measuring Progress and Well-Being: Achievements and Challenges of a New Global Movement*, Berlim: Friedrich Ebert Foundation

Kroll, C. (2011b) *Measuring Progress and Well-Being: An Opportunity for Political Parties?*, Berlim: Friedrich Ebert Foundation

Krugman, P. (2011) 'The Profession and the Crisis', *Eastern Economic Journal* 37: 307–12, www.palgrave-journals.com/eej/journal/v37/n3/pdf/eej20118a.pdf

Laclau, E. e Mouffe, C. (1985) *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*, Londres: Verso

Layard, R. (2005) *Happiness: Lessons from a New Science*, Londres: Allen Lane

Manning, R. (2009) 'Using Indicators to Encourage Development: Lessons from the Millennium Development Goals', *DIIS Report 2009 (01)*, Copenhague: Danish Institute for International Studies

Martin-Breen, P. e Anderies, J.M. (2011) 'Resilience: A Literature Review' (Bellagio Initiative Background Paper), www.bellagioinitiative.org/wp-content/uploads/2011/11/Bellagio-Rockefeller- bp.pdf (acessado em 15 de junho de 2012)

Mason, P. (2012) *Why It's Kicking off Everywhere: The New Global Revolutions, London*: Verso

McGregor, J.A. (2004) 'Researching Well-being: Communicating Between the Needs of Policy Makers e the Needs of People', *Global Social Policy* 4.3: 337–58

McGregor, J.A. (2007) 'Researching Human Wellbeing: From Concepts to Methodology', in Gough and McGregor (eds) *Well-Being in Developing Countries: From Theory to Research*, Cambridge: Cambridge University Press

McGregor, J.A. (2011) 'Reimagining Development through the Crisis Watch Initiative', *IDS Bulletin* 42.5

McGregor, J.A. e Sumner, A. (2010) 'Beyond Business as Usual: What Might 3-D Wellbeing Contribute to MDG Momentum?', *IDS Bulletin* 41.1: 104–12

Price, R. (1998) 'Reversing the Gun Sights: Transnational Civil Society Targets Land Mines', *International Organisation* 52.3: 613–44

Rischard, J.F. (2002) *High Noon: 20 Global Problems: 20 Years to Solve Them*, Nova York: Basic Books

Sachs, J.D. (2008) *Common Wealth: Economics for a Crowded Planet*, Londres: Allen Lane

Commissão Sarkozy (Stiglitz, J.; Sen, A. and Fitoussi, J.) (2011) *Report of the Commission on the Measurement and Economic Performance and Social Progress*, Paris, www.stiglitz-sen- fitoussi.fr/documents/rapport_anglais.pdf (acessado em 22 de maio de 2012)

Schuurman, F.J. (2005) 'New Social Movements', in T. Forsyth (ed.), *The Encyclopedia of International Development*, Londres: Routledge

Sen, A. (2009) *The Idea of Justice*, Londres: Allen Lane

Severino, J-M. e Ray, O. (2009) *The End of ODA: Death and Rebirth of a Global Public Policy*, CGD Working Paper No. 167, Washington, DC: Center for Global Development, www.cgdev.org/content/general/detail/1421419/

Sikkink, K. (1998) *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*, Londres: Cornell University Press

Standing, G. (2011) *The Precariat: The New Dangerous Class*, Londres e Nova York: Bloomsbury

Tett, G. (2009) *Fool's Gold: How Unrestrained Greed Corrupted a Dream, Shattered Global Markets and Unleashed a Catastrophe*, Londres: Little Brown

Touraine, A. (1998 [1984]) 'Return of the Actor: Social Theory', in M. Godzich, *Postindustrial Society*, translated from French, Minneapolis: University of Minneapolis Press

Vibert, F. (2011) *Democracy and Dissent: The Challenge of International Rule Making*, Cheltenham: Edward Elgar

von Weizsäcker, E.; Hargroves, K.; Smith, M.H.; Desha, C. e Stasinopoulos, P. (2009) *Factor Five: Transforming the Global Economy through 80% Improvements in Resource Productivity (A Report to the Club of Rome)*, Londres: Earthscan; Sterling VA: The Natural Edge

Wilkinson, R. e Pickett, K. (2009) *The Spirit Level: Why More Equal Societies Almost Always Do Better*, Londres: Allen Lane

Wilkinson-Maposa, S. e Fowler, A. (2009) *The Poor Philanthropist II – New Approaches to Sustainable Development,* UCT Graduate School of Business, http://clpv.sanford.duke.edu/documents/Poor_Philanthropist%20II_webres.pdf (acessado em 2 de julho de 2012)

Wilkinson-Maposa, S.; Fowler, A., Oliver-Evans, C. e Mulenga, C.F.N. (2005) *The Poor Philanthropist – How and Why the Poor Help Each Other*, UCT Graduate School of Business, available through Impact Alliance, www.impactalliance.org/ev_en.php?ID=1163_201&ID2=-DO_TOPIC (acessado em 2 julho de 2012)

Woods, N. (2010) 'Global Governance after the Financial Crisis: A New Multilateralism or the Last Gasp of the Great Powers?', *Global Policy* 1:1: 51–63